



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO - CET
Programa de Pós-graduação em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo

**PASSEIO ESCOLAR TURÍSTICO: NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO PARA
CIDADANIA**

TATIANA MODESTO PIMENTEL

Brasília/DF
2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO - CET
Programa de Pós-graduação em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo

TATIANA MODESTO PIMENTEL

**PASSEIO ESCOLAR TURÍSTICO: NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO PARA
CIDADANIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, nível Mestrado Profissional, do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (UnB) – Área de concentração: Cultura e Desenvolvimento Regional; Linha de Pesquisa: Cultura e Sustentabilidade no Turismo –, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Turismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neuza de Farias Araújo

Brasília/DF
2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tp	<p>Tatiana, Pimentel Modesto PASSEIO ESCOLAR TURÍSTICO: NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO PARA CIDADANIA / Pimentel Modesto Tatiana; orientador Neuza de Farias Araújo. -- Brasília, 2017. 151 p.</p> <p>Tese (Doutorado - Mestrado Profissional em Turismo) -- Universidade de Brasília, 2017.</p> <p>1. Passeio Escolar. 2. Turismo. 3. Cidadania. 4. Currículo. I. de Farias Araújo, Neuza, orient. II. Título.</p>
----	---



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO - CET
Programa de Pós-graduação em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo

**PASSEIO ESCOLAR TURÍSTICO: NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO PARA
CIDADANIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, nível Mestrado Profissional, do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB) – Área de concentração: Cultura e Desenvolvimento Regional; Linha de Pesquisa: Cultura e Sustentabilidade no Turismo –, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Turismo. Aprovada pela banca abaixo relacionada:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Neuza de Farias Araújo (CET/UnB)
Orientadora/Presidente da Banca

Prof.^a. Dr.^a. Cláudia Denis Alves da Paz (SEEDF)
Membro Externa

Prof.^a. Dr.^a Lana Magaly Pires (CET/UnB)
Membro Interno

Prof. Dr. Mozart Fazito Rezende Filho (CET/UnB)
Membro Suplente

Brasília/DF
2017

Meu São João eu quero mostrar a beleza
Que a gente tem no Distrito Federal
Meu São João eu quero mostrar a beleza
Que a gente tem no Distrito Federal
Em Taguatinga tem Academia de Letras
Em Planaltina a Pedra Fundamental
Lá na Ceilândia tem casa do Cantador
Bandeirante Feira Livre onde tudo começou
Na Esplanada temos uma Catedral,
que fez Brasília uma linda Capital
Em Sobradinho temos o Boi Meu Boi
que agora é nosso Patrimônio Cultural.

(Tamatatiua Freire)

AGRADECIMENTOS

Ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, por ter acolhido meus estudos de pós-graduação.

A minha orientadora Professora Dr^a Neuza de Farias Araújo, pelo apoio à minha escolha de desenvolver melhor a minha prática pedagógica. Com sua orientação, me reencontro com Paulo Freire e sua dialogia.

A Secretaria de Educação do Distrito Federal por ter me concedido licença remunerada para os estudos. A qual me permitiu dedicação para realizar a pesquisa e consequentemente chegar à conclusão.

Agradeço ao corpo docente do Programa de Pós Graduação em Turismo, especialmente aqueles cujas disciplinas me auxiliaram no aprofundamento de minha pesquisa, especialmente a Professora Dr^a Marutschka Martini Moesch, por estar sempre de portas abertas para nos ensinar o real sentido da vivência acadêmica e pela sua experiência com o turismo, que encanta os estudantes que procura o saber.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe, Ana Maria Modesto, uma mulher que luta pela democracia e liberdade. A sua mais poderosa arma é a cresça na Educação de qualidade para todos.

Ao meu pai, Allan Kardec Pimentel.

À minha filha, Nara Lis, que com paciência viu sua mãe ser estudante na mesma instituição de ensino.

Ao meu namorado, pela força e dedicação.

Agradeço aos estudantes de todas as turmas que dialoguei ajudaram-me a concretizar esse passo importante em minha vida profissional.

Aos colegas desse Programa de Pós-Graduação que, mesmo com suas demandas intelectuais e pessoais, apoiam com solidariedade a construção do conhecimento.

Paulo Freire (in memória) pelo grande legado que deixa para a educação.

Ao Mestre Carlos Mota (in memoria) pelos seus relevantes trabalhos em defesa da qualidade do ensino do Distrito Federal.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado se propõe a investigar as práticas pedagógicas que envolvem o passeio escolar turístico, partindo de uma análise sobre o currículo publicado pela Secretaria de Estado de Educação do DF – SEEDF (2014a), que tem como fito promover a formação cidadã. O cidadão do Distrito Federal, independente de sua classe social, tem o direito de experienciar a cidade onde mora, como também a cidade de Brasília, por meio de seus monumentos arquitetônicos, belezas naturais e culturais incorporadas aos espaços planejados e também nativos. O estudante de 4º ano da Rede Pública do Distrito Federal dispõe, em seu currículo escolar, o conteúdo a ser estudado sobre a história e construção de Brasília e, conseqüentemente, das Regiões Administrativas, onde muitos deles residem. Na atualidade, o mundo virtual se faz mais presente do que o mundo real. E isso pode distanciar a relação do sujeito com a sua história e a história da cidade onde habita, no que diz respeito à construção da cidadania. Nesse sentido, o passeio escolar turístico pode ser uma alternativa de construção dessa cidadania, já que ele apresenta um encontro com essa realidade vivida pelo estudante, sua experiência, ou seja, sua própria história. Na perspectiva de pesquisar esse fenômeno social, a formação do sujeito cidadão por meio da prática pedagógica, e para analisar o passeio escolar turístico, optamos pela abordagem metodológica da pesquisa qualitativa, com o nível de profundidade interpretativa, utilizando a pesquisa-ação. Concluiu-se que o passeio escolar turístico contribui enquanto metodologia e prática pedagógica para a compreensão do processo de formação educacional do cidadão.

Palavras-chave: Passeio Escolar, Turismo, Cidadania, Currículo.

ABSTRACT

This master thesis intends to investigate the pedagogical practices that involve the tourist school trip, starting from the analysis of the curriculum published by the Secretary State Department of Education of DF - SEEDF (2014a) in order to promote citizen education. The citizen of Distrito Federal, regardless of social class, has the right to experience the city where he lives, as well as the city of Brasilia through its architectural monuments, natural and cultural beauties incorporated into the planned and native spaces. The student of the 4th grade of the Public school of the Distrito Federal has in his school curriculum the content to be studied about the history and construction of Brasilia and consequently of the Administrative Regions, where many of them live. Today, the virtual world is more present than the real world. And this can distance the relation of the subject with its history and the history of the city where it inhabits with respect to the construction of citizenship. In this sense, the tourist school tour can be an alternative in order to construct this citizenship, since it presents an encounter with this reality lived by the student, his experience, in other words, his own history. In the perspective of researching this social phenomenon, the formation of the citizen subject through the pedagogical practice and to analyze the tourist school trip we opted to use a methodological approach which is presented by a qualitative research, with the level of interpretative profundity using the action-research. It was concluded that the tourist school tour contributes as a pedagogical methodology and practice to the understanding of the process of educational formation of the citizen.

Keywords: School Tour, Tourism, Citizenship, Curriculum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Elaborada por um estudante de 9 anos (2016)	104
Figura 2: Praça do Cogumelo 308 Sul (2016)	113
Figura 3: Pilotis do Bloco da SQS 308 Sul.....	114
Figura 4: Elaborada por estudante de 9 anos (2016).....	114
Figura 5: Igrejinha 308 Sul.....	115
Figura 6: Parque Olhos D`Água.....	116
Figura 7: Desenho Torre de TV Digital	118
Figura 8: Dona Graça explicando sobre as vestimentas do boi bumba (2016).....	119
Figura 9: Parque Jequitibás	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Situação do quantitativo de estudantes atendidos na escola de Sobradinho..	88
Quadro 2: Situação do quantitativo de estudantes atendidos na escola da Asa Norte	90
Quadro 3: Ação Pedagógica I	93
Quadro 4: Ação Pedagógica II	96
Quadro 5: Local de moradia dos estudantes da Asa Norte	98
Quadro 6: Local de moradia dos estudantes de Sobradinho.....	98
Quadro 7: Ação Pedagógica III	100
Quadro 8: Ação Pedagógica IV.....	101
Quadro 9: Roteiro proposto pelos estudantes da escola de Sobradinho.....	103
Quadro 10: Roteiro proposto pelos estudantes da Escola Asa Norte	105
Quadro 11: Ação Pedagógica V.....	106
Quadro 12: Ação Pedagógica VI.....	111
Quadro 13: Ação Pedagógica VII	121
Quadro 14: Interação com o roteiro escola Asa Norte	122
Quadro 15: Interação com o roteiro Escola Asa Norte.....	124
Quadro 16: Interação de roteiro escola Sobradinho.....	126
Quadro 17: Interação com o roteiro escola Sobradinho.....	128
Quadro 18: Interação com o roteiro escola Sobradinho.....	130

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CET – Centro de Excelência do Turismo
CRE – Coordenação Regional de Ensino
CTP – Centros de Tradições Populares
DODF – Diário Oficial do Distrito Federal
EAPE – Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
GDF – Governo do Distrito Federal
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
SEEDF – Secretaria de Educação do Distrito Federal
RA – Região Administrativa
SQS – Superquadra Sul
UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	20
1.1 ASPECTOS CONCEITUAIS DA PESQUISA	20
1.2 MÉTODO.....	25
1.3 TÉCNICAS DE PESQUISA.....	29
1.4 PESQUISA-AÇÃO NA EDUCAÇÃO	37
CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	41
2.1 O PASSEIO ESCOLAR TURÍSTICO – UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA	42
2.2 NOÇÕES DE CIDADANIA.....	50
2.3 NOÇÕES DE TURISMO	58
2.4 FORMAÇÃO CIDADÃ NA PERSPECTIVA DO CURRÍCULO DIALÓGICO	64
2.5 NOVAS EXPRESSÕES PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO CURRÍCULO	71
2.6 CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL.....	76
2.6.1 Educação para sustentabilidade	79
2.6.2 Educação para a Diversidade - Relação Étnico-Racial	80
2.6.3 Educação no Campo	81
2.6.5 Educação em Gênero e Sexualidade	81
CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	85
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA	85
3.2 ESCOLHA DO CAMPO	86
3.2.1 ESCOLA DE SOBRADINHO	88
3.2.2 ESCOLA DA ASA NORTE	90
3.3 PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	135
ANEXOS	140
Anexo I	140
Anexo II	141
APÊNDICES	142

Apêndice I.....	142
Apêndice II.....	146
Apêndice III.....	148
Apêndice IV.....	149
Apêndice V.....	150
Apêndice VI.....	151

INTRODUÇÃO

A educação e o turismo podem ser elos para o desenvolvimento da cidadania, visto que possibilitam desempenhar um papel fundamental na apropriação de uma cidade por parte de seu morador. Fator que me motivou a analisar a experiência pedagógica do passeio escolar turístico, prática inserida no currículo escolar, a partir do conceito de turista cidadão na formação de um sujeito, no que tange à cidadania ampliada.

Trata-se, assim, de articular conhecimento e herança pedagógica enquanto contribuições importantes na construção de um campo teórico e as experiências escolares como práticas pedagógicas que movem a pesquisa e procuram identificar aportes significativos da produção de conhecimento. Este documento apresenta os princípios norteadores do currículo para formação de um sujeito capaz de promover a resistência ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo.

As lacunas identificam algumas experiências características da sociedade do conhecimento e a pressão que o mundo atual exerce sobre os sujeitos, estudantes cidadãos, propondo princípios orientadores para a prática educativa, a fim de que as atividades inovadoras investigadas apontem alternativas de reconhecimento e soluções para os problemas, contribuindo na pesquisa, na construção da proposta de educação e na compreensão de um currículo participativo. Ao priorizar a construção e produção de conhecimento significativo o Currículo define a escola como espaço de cultura, resistência e identidade para formação de um sujeito cidadão.

A ideia inicial dá uma jornada para entender como e para que surgisse o fenômeno do turismo, parte de um olhar histórico e crítico. O fenômeno do turismo está diretamente ligado ao tempo de não trabalho, assim, observa-se na história da humanidade que o tempo do ócio faz parte do cotidiano do indivíduo. Nesse sentido,

a dualidade entre o ócio e o trabalho, foi apresentada na Grécia antiga. Os filósofos desfrutavam do ócio. Esse ócio aqui citado, abrange uma perspectiva diferenciada do lazer, é definido como um exercício intelectual de contemplação da beleza e forma do mundo e da realidade em que viviam os filósofos. Podemos destacar neste período o ócio como forma de aquisição do conhecimento, de conquista, da liberdade e alcance a mais específica nobreza.

Conforme indica a professora Moesch,

A civilização Grega soube aproveitar em benefício da cultura, o tempo livre à disposição de seus cidadãos. Os valores da estética, reproduzidos nas esculturas e sentido da beleza, tiveram suas expressões incluída no próprio corpo, o ócio ativo e a paciência, foram conceitos que lhe serviram de autoconhecimento tanto corporal como espiritual. (MOESCH, 1999 p. 22)

Nesse cenário, propõe-se aproveitar o tempo livre como possibilidade de aquisição de cultura conhecimento e desenvolvimento espiritual, visto que na Grécia os espaços para o descanso, ou melhor, os parques eram museus a céu aberto, com esculturas que representavam a beleza corporal humana e momentos de contemplação, porém restrito à uma casta (parcela da sociedade). A sociedade grega separava os sujeitos que têm direitos e os escravos, sujeitos sem direito.

Em linhas gerais, a ideia do trabalho e do ócio começa a germinar com a sociedade grega valorizando sua arte, filosofia e cultura.

A idade média trouxe um cenário singular para organização social, nesse período da história, os povos se uniam em busca de mecanismos de sobrevivência, organização e sociabilidade. A estrutura feudal apresentou uma dicotomia na forma de produção, os pequenos núcleos de escambo e consumo se transformam em centros de produção e passam a incluir o artesanato como um bem de consumo.

Nesse contexto, seria interessante lembrar que “o trabalho passa a ser uma obrigação moral. Para eles não existia um conceito de ócio, que foi repassada para a vida contemplativa” (MOESCH, 1999 p. 26).

Vale esclarecer, portanto, que os vassalos ou camponeses trabalhavam na terra, sem período de descanso, em um contexto de férias, logo, preparavam a terra para cultivar os alimentos e cuidava da plantação, produção de alimentos e criação de animais para subsistência e pequenos escambos.

As ideias arroladas, até o presente momento, apresentaram o tempo de trabalho com o seu valor. Mas o tempo livre, ou melhor, o tempo de não trabalho é usufruído por poucos, pois o Turismo como fenômeno social que valoriza a relação humana motiva a interação com a Educação como área de conhecimento que também promove esta relação.

Na perspectiva da formação cidadã, investiga-se a prática pedagógica do passeio escolar turístico como promotora da concepção de pertencimento do sujeito à história e ao local em que vive, uma vez que a interação entre o eu e o outro, em um espaço e tempo, propiciam a construção de um ser cidadão.

Partindo dessa premissa, procurei responder o seguinte problema de pesquisa: em que medida as práticas pedagógicas do passeio escolar propostas pelo currículo proporcionam formação cidadã, na concepção do turismo cidadão, nas turmas de 4º (quarto) ano do ensino fundamental das escolas públicas do Distrito Federal?

O objetivo geral da pesquisa é o de analisar as práticas pedagógicas dentro do contexto supracitado; e como objetivos específicos: identificar experiências de turismo dos estudantes do 4º ano da Educação Básica e como essas experiências se relacionam com as práticas pedagógicas; verificar como o currículo da Educação Básica e quais dos seus conteúdos favorecem a formação cidadã; analisar se o passeio escolar possibilita estratégias de formação da cidadania no contexto da experiência turística.

O curioso e singular é que este tema parte da minha própria experiência de vida, pessoal e profissional, em Brasília. Sou precedente de Goiânia/GO, e fiquei encantada com a capital federal, que me acolheu nos primeiros anos de vida. O desejo de vivenciá-la foi aumentando ano após ano, e fui percebendo que esta cidade abriga brasileiros de diversas regiões do País, os quais deixaram sua terra natal para, aqui, inscreverem seus sonhos de prosperidade. Hoje, Brasília é considerada uma cidade plural, com manifestações culturais diversificadas, dentre elas, esculturas e monumentos do arquiteto Oscar Niemeyer, que se tornaram referências ao turismo de Brasília. Ao trilhar o caminho de encontro às minhas raízes, cruzei com o prazer de ensinar e aprender. Desse encontro, nasceu a necessidade de realizar um projeto de busca do sujeito que admira e experiencia a

sua localidade, um sujeito em busca de explicar e compreender relações entre a sociedade e a natureza, nas quais os indivíduos estão interagindo e compondo a paisagem e os espaços, sejam eles naturais ou construídos.

A formação cidadã, por meio da prática pedagógica do passeio escolar turístico, pode contribuir para construção do conhecimento da história do local onde moram. Além disso, o estudante de 4º ano da Rede Pública do Distrito Federal tem, em seu currículo escolar, o conteúdo a ser estudado sobre a história e construção de Brasília e, conseqüentemente, das Regiões Administrativas. Vale ainda destacar que esses estudantes, por meio da escola, têm a oportunidade de desenvolver em seu cotidiano os espaços coletivos que são elementos fundamentais para a construção da cidadania. A relação educativa que estabelece os nexos entre o saber e o local onde os educandos vivem será a parte em que o professor pode mediar, atribuir sentidos e identificar a história cultural do lugar, que também é a história de vida de cada sujeito.

Atualmente, consta-se que a sociedade vem sendo direcionada à “globalização”¹, e como desdobramento intensifica-se a construção do conhecimento por meios digitais, livros e fotos, o que reduz as experiências da visitaçã o e abre espaço para uma leitura de mundo limitada por molduras e formas planas. De encontro com essa perspectiva, as experiências da visitaçã o “sã o práticas sociais capazes de restabelecer o equilíbrio físico e emocional do sujeito contemporã neo” (GASTAL e MOESCH, 2007 p. 60).

Nesse sentido, o turista cidadã o interage com a sua cidade, ao circular em seus espaç os durante os momentos de lazer, e constitui com ela uma relaçã o familiar (MOESCH, 2004).

O turismo é um fenômeno social de (re)ligaçã o subjetiva com o território (MOESCH, 2004) e de imaginaçã o, que consiste em fatos e açõ es da realidade pessoal do sujeito, favorecendo o desenvolvimento da criatividade, seja ela científica ou artística (VIGOTSKI, 2009). Nessa perspectiva, pode-se associar um sujeito criativo também como um sujeito que elabora novos conhecimentos.

¹ Globalizaçã o é um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenç as locais sã o aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviç o dos atores hegemôn icos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal (SANTOS, 2001 p. 9).

A justificativa do presente estudo é de que ele pode contribuir para as pesquisas científicas em educação, no que se refere às práticas pedagógicas, pois a formação cidadã tem como ponto fundamental a interação entre o sujeito morador e o sujeito visitante, e ambos convivem em um espaço social com diferentes significados que podem propiciar o intercâmbio de conhecimentos.

O turismo, quando desenvolvido dentro de uma perspectiva cidadã, ou seja, enquanto fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico, está à contrapelo da abordagem economicista. Por isso, suas práticas e a área de conhecimento na qual a experiência turística está inserida são ressignificadas, agregando novos valores, dentre eles, o respeito às identidades, à pluralidade cultural e à história.

A formação cidadã, por meio da prática pedagógica do passeio escolar turístico, pode fortalecer a participação de estudantes no conhecimento de vários locais turísticos, haja vista que a história do local onde moram também faz parte da história desses estudantes.

A presente dissertação, com intuito de responder às inquietações sobre a realidade do sujeito professor em torno da prática pedagógica, está estruturada em três capítulos, a saber:

No Capítulo I, explanamos sobre o percurso metodológico trilhado durante a pesquisa, e especificamos as formas que utilizamos para recolher e analisar os dados empíricos.

O capítulo II consiste em apresentar os conceitos que envolvem a pesquisa, analisando a linha de filiação de cada autor a cada subtítulo, embasando-se em uma concepção de prática pedagógica na perspectiva dialógica de Paulo Freire; cidadania ampliada, com apoio de Pedro Demo, José Murilo de Carvalho e Paulo Freire; o Turismo como fenômeno social, na compreensão de Susana Gastal e Marutschka Moesch; a formação para cidadania, baseada no Currículo da Secretaria de Estado de Educação e do Distrito Federal.

No capítulo III, apresentamos a análise dos dados empíricos, dentro da perspectiva de pesquisa qualitativa das ciências sociais, tendo como referencial teórico metodológico a abordagem dialógica de Paulo Freire e a pesquisa-ação de Thiollent.

Nas considerações finais, apontamos que a prática pedagógica do passeio turístico pedagógico pode ser uma atividade que produz conhecimento por meio da dialogia e possibilita a formação para cidadania.

CAPÍTULO I: PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

1.1 ASPECTOS CONCEITUAIS DA PESQUISA

A opção metodológica deste trabalho constitui-se de: pesquisa qualitativa, para compreender o saber fazer pedagógico dialógico e parte da análise do currículo. O currículo em Movimento, analisado nesta pesquisa está dividido em três partes: Pressuposto teórico no qual orienta as práticas pedagógicas desse documento; O Projeto Político Pedagógico Carlos Mota que é um o documento que orienta a caminhada da SEEDF, Coordenação Regional, Direção e Professores; e o Currículo em Movimento da Educação Básica que apresenta o conteúdo norteador para os estudantes; coleta de dados, utilizando a pesquisa-ação, para investigar a realidade dos estudantes do 4º ano de duas escolas da Rede Pública do Distrito Federal.

A pesquisa passeio escolar turístico, em uma perspectiva da formação cidadã, é objeto de estudo deste trabalho e, por se tratar de um fenômeno social, foi desenvolvida dentro da perspectiva das ciências sociais, visto que as

(...) ciências sociais vêm subjazendo ao desenvolvimento das ciências naturais nas últimas décadas prova-se, além do mais, pela facilidade com que as teorias físico-naturais, uma vez formuladas no seu domínio específico, se aplicam ou aspiram aplicar-se no domínio social (SANTOS, 2010, p. 67).

Tanto a Educação quanto o Turismo, enquanto áreas do saber, pertencem ao campo das ciências sociais, suas propostas de pesquisas têm como objeto de estudo o entendimento da realidade social.

A ciência social diz respeito à possibilidade de tratar uma realidade empírica como processo de produção de conhecimento, ao explicá-la no contexto teórico. “A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos as nossas ações e damos sentidos à nossa vida” (SANTOS, 2010, p. 88).

Nesse sentido, entendemos que os sujeitos sociais são coautores das realidades – fenômenos sociais subjetivos, construídos na inter-relação entre o individual e coletivo –, que tomamos como objetos de estudo. Acessamos tais fenômenos por meio das mais variadas fontes, tais como imagens, manuscritos, artefatos, oralidades, dentre outras. O que conseguimos recolher da realidade são apenas fragmentos discursivos, ou seja, os significados que os sujeitos inscrevem sobre o real, os quais chamamos de senso comum e que tomamos como fonte para análise.

As ciências sociais demonstram instrumentos e teorias apropriadas para analisar os fenômenos sociais. Tal análise, conforme demonstra Santos (2010, p. 88), é feita por meio do diálogo entre as teorias e outras formas de conhecimento – o senso comum, por exemplo –, deixando-se penetrar por elas.

Vale destacar que a construção de conhecimento dos sujeitos é sempre inconclusa, isto é, não tem fim, nem um resultado determinado (DEMO, 1982). Dessa maneira, refere-se ao conjunto de manifestações humanas que frequentemente estão ligadas às estruturas do sujeito, aos processos sociais, aos sistemas de significações sobre o real, às representações sociais.

Como o objeto de estudo desta dissertação refere-se à educação e ao turismo, que são aqui tratados como fenômenos sociais, com dinâmicas na teoria e na prática, em outras palavras, reflexão baseada em conceitos e motivações (teoria) para realizar vivência cotidiana (prática), “assumimos as ciências sociais como o tratamento teórico e prático da realidade social. A conjunção entre teoria e prática é essencial em ciências sociais” (DEMO, 1982, p. 12).

Desta feita, para esta pesquisa, analisamos a prática pedagógica do passeio turístico escolar, tendo como eixo norteador as noções teóricas de turismo cidadão, a partir da análise do currículo, no que se refere ao conteúdo da “vida do sujeito do Distrito Federal: hábitos, costumes, religião, organização social, modos de viver, convivência” (SEEDF, 2014a, p. 106).

Para Demo (1982), a realidade social é o próprio movimento da vida individual e coletiva com o seu significado e relevância, o que nos leva a ponderar que será melhor abstraída, enquanto objeto de estudo, por meio da pesquisa qualitativa, que leva em consideração os aspectos subjetivos de construção do real. Por esse motivo, metodologicamente, a presente proposta de trabalho foi desenvolvida dentro da perspectiva supracitada, visto que o seu objetivo foi o de analisar as práticas pedagógicas realizadas na educação e a vivência do passeio escolar turístico (BRUYNE, 1991).

A pesquisa qualitativa responde a questões específicas. Ela possibilita uma análise, nas ciências sociais, da realidade que não pode ser quantificada. Isto é, ela trabalha com o universo de significados, crenças, valores e atitudes, por meio da análise de processos e fenômenos sociais que não podem ser reduzidos a dados matemáticos (MINAYO, 2007).

Conforme indica a autora, a pesquisa qualitativa no sentido das relações humanas e na promoção de conhecimento,

(...) trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2007, p. 21).

A abordagem qualitativa aprofunda-se na análise do mundo das ações dos sujeitos e das relações humanas, sendo melhor abstraídas do que quando abordadas matematicamente, por operações estatísticas. Nesse sentido, pondera Demo (1982, p. 8):

As realidades sociais se manifestam sob formas mais qualitativas do que quantitativas, dificultando procedimentos de manipulação exata ou as usuais mensurações. Por exemplo, o fenômeno ideológico dificilmente se submete a mensurações, mas nem por isto é menos importante. De modo

geral, pode-se mesmo dizer que em ciências sociais o mais relevante raramente coincide com o mais mensurável.

A pesquisa qualitativa tenta captar a realidade social do fenômeno estudado, entendendo este enquanto uma construção que se dá na relação que o sujeito estabelece com o real. Uma construção que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Tal perspectiva está a contrapelo da abordagem quantitativa cartesiana, visto que esta, em geral, segue um processo de desenvolvimento sequencial na construção do conhecimento > observações empíricas > que seria o lugar da intuição, da exploração, e da subjetividade; > espaço científico > traduzido pela objetividade, representada em equações e medidas matemáticas.

Como já foi abordado, a pesquisa qualitativa coloca como função principal a compreensão da realidade humana vivida em sociedade.

Este trabalho emprega a pesquisa qualitativa apoiada em instrumentos de análise que possibilitam explorar o universo de significados da realidade do estudante e da cultura popular de sua comunidade. Analisa a experiência da prática pedagógica do passeio turístico e seus desdobramentos, no que se refere à produção de conhecimento dos estudantes, através do contato com a história do local onde habitam. Tal produção de conhecimento se dá de forma dialógica, pois nasce da relação entre os estudantes, entre estes e o professor, e entre estudantes, professores e o local visitado, por meio do compartilhamento da cultura em ação com seus semelhantes.

Pesquisa exploratória

Outro ponto a ser tratado é o nível de profundidade proposto para a pesquisa exploratória e interpretativa, com vistas a aprimorar e modificar as ideias e, com isso, desenvolver e esclarecer os problemas do estudo na construção do conhecimento. Contempla-se, a partir da abordagem aqui mostrada que, no processo de pesquisa, existe uma relação dinâmica entre realidade pesquisada, sujeitos construtores desta realidade e a subjetividade do sujeito pesquisador (SILVA; MENEZES, 2001).

A nível desta pesquisa, identificou-se que o estudo do passeio escolar turístico nasceu do desejo da pesquisadora, e também professora de turmas de 4º ano (sujeito pesquisador), de valorizar a cidade e seus espaços públicos e culturais (realidade social estudada) com os estudantes (sujeitos construtores da realidade) – participantes ativos na relação dinâmica com a formação cidadã. Portanto, a pesquisa exploratória “objetiva dar uma explicação geral sobre determinado fato, através da delimitação do estudo” (OLIVEIRA, 2007, p. 65).

Nesta investigação, apresentamos o conceito de turismo cidadão na prática pedagógica, como uma ação dialógica na formação dos estudantes. Nesse sentido, o Passeio Escolar Turístico possibilitou analisar a formação para cidadania.

Para Triviños (2008, p. 109), “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”. A pesquisadora, ao experienciar a cidade com os estudantes do 4º ano, avançou seus conhecimentos e melhorou a sua qualificação profissional.

Os fenômenos sociais, quando investigados na perspectiva da pesquisa interpretativa, são melhor compreendidos, pois permitem ao pesquisador conjugar teorias, entre diversas áreas de conhecimento e com os diferentes saberes – tradições, modos de ver, modos de pensar, dentre outros –, que circulam entre os grupos sociais, no esforço de “encontrar a pluralidade sob a identidade” (BACHELARD, 1968, p. 124). Tal abordagem, a contrapelo da perspectiva cartesiana, é flexível e dialógica, tanto no processo de coleta de dados, quanto durante a análise do objeto de estudo.

O processo de coleta de dados pode ser visto de diferentes ângulos, tais como: a) o sujeito se vê no mundo, b) o sujeito interage com outro sujeito, c) o intercâmbio do sujeito com a sociedade.

Para a pesquisadora, o processo de pesquisa, dentro dos parâmetros supracitados, foi inovadora, pois lhe acrescentou capital cultural à sua área de experiência profissional docente, que lhe é tão cara.

Entende-se por pesquisa flexível o estudo de pequenos grupos de estudantes que possuem realidades, histórias de vidas e visões de mundo diferentes, e que podem conviver em um mesmo espaço ou não.

A pesquisa social e, em especial, a educacional, que tem farta investigação no presente, é objeto de estudo dos cientistas que tentam interpretar as ações da concepção da educação na atualidade e na sociedade em que vivem.

1.2 MÉTODO

Antes de descrever o método utilizado nesta pesquisa, apresentamos alguns referenciais históricos sobre a dialética, no sentido de justificar a escolha da perspectiva dialógica de Paulo Freire.

A dialética tem sua origem na Grécia antiga, entendida como diálogo – a arte da argumentação, em que o sujeito se expressa de forma oral, definindo claramente os conceitos e envolvendo-se na discussão (KONDER, 1985).

Na visão de Aristóteles e Sócrates, a dialética se apresenta como o mecanismo fundamental para atividade da filosofia.

Considerando os pensadores da Grécia antiga, Heráclito apontava que a dialética existe com tudo, em uma constante mudança e conflitos em tudo (KONDER, 1985).

Para alguns filósofos gregos, o movimento conflitante era abstrato, prevalecendo assim, a metafísica. Acreditava-se que “a essência profunda do ser era imutável” (KONDER, 1985, p. 03).

A concepção mais recente de dialética investiga os elementos contraditórios da realidade, que estão em constantes transformações, compreendendo a função dos elementos como fenômeno. O pesquisador deve contrapor os conceitos reconhecidos como “verdades” a outras teorias e realidades para obter novas ideias e opiniões.

Com tais características, a dialética não estuda o objeto estático e sim os objetos de pesquisa nas dinâmicas históricas, culturais e sociais.

Hegel, inspirado na filosofia clássica alemã, emprega a palavra dialética em três sentidos diferentes e ao mesmo tempo. Para ele é, simultaneamente, a constatação da realidade, a negação de algo fundamental que existe na realidade e a preparação dela a um nível superior; em outras palavras, o método dialético é

dividido em três momentos básicos (KONDER, 1985, p. 12): a **tese** (uma constatação da realidade), a **antítese** (a contradição ou negação dessa realidade) e a **síntese** (o confronto das realidades, e a elevação ao nível da realidade). A síntese se torna uma nova tese e o ciclo dialético recomeça.

Com a teoria de Hegel sobre a dialética, surgiu a dialética materialista de Karl Marx, como método científico, que entende que a realidade é contraditória e está em constante processo de transformação (KONDER, 1985).

O método de pesquisa materialista histórico-dialético se apresenta como um parâmetro para aproximar do conhecimento e explicar a realidade, a vida e a natureza, porque nos permite analisar e compreender os objetos de estudos, no caso aqui apresentado, as práticas pedagógicas do passeio escolar turístico no contexto da formação cidadã.

Considera-se que a investigação consiste em um processo de apropriação e preservação dos espaços da sua cidade, e esse lugar constrói-se coletivamente pela população que reside e, por isso, se apresenta como produção social, que também pode ser resultado dos momentos históricos da sociedade, evidenciando o método materialismo histórico dialético.

O materialismo se fundamenta na ação do sujeito para sua subsistência, na produção de matérias básicas para manutenção da vida, uma relação sujeito e natureza, para sobrevivência da humanidade. Nesse contexto, a produção material do sujeito se apresenta como um ato histórico que se movimenta por meio do diálogo.

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo, modifica sua própria natureza. (MARX, 1996b, p. 297).

A contribuição marxista propõe que, ao produzirem para sua vida, os sujeitos modificam o ambiente em que habitam e a si próprios. A produção material do sujeito desenvolve relações sociais condicionadas ao nível da força produtiva, herdadas historicamente das gerações anteriores (MARX, 1996b).

Vale destacar que a forma como os seres humanos produzem e distribuem os frutos de seu trabalho determinam a consciência social do sujeito.

A elaboração de ideias e representações da consciência surgem, em princípio, entrelaçada com a atividade e com a produção material dos sujeitos. A natureza social é constituída pelo trabalho, atividade vital fundante do ser social (MARX e ENGELS, 2009).

A ideia de método, conforme Paviani (2009, p. 61), “designa um modo básico de conhecer,” por meio da dialética.

O método dialético se faz necessário a partir do ser social presente nas relações educativas. Iniciando a pesquisa no componente mais simples, como o passeio escolar turístico – trazido aqui como uma prática pedagógica ou ações de conhecimento –, para alcançar a formação cidadã, como a escola e a relação econômica, social e cultural, pode-se ter o claro desvelamento dessa relação. Como teorizado por Marx (2008, p. 258).

(...) e a consciência filosófica é determinada de tal modo que para ela o pensamento que concebe é o homem real, e o mundo concebido é, como tal, o único mundo real – para a consciência, pois, o movimento das categorias aparece como o verdadeiro ato de produção (MARX, 2008, p. 259).

Para a teoria de Marx, quando aplicada na educação, o processo de ensino é o processo pelo qual os sujeitos tomam consciência de seu ser social, em um movimento dialético que conjuga o real e o imaginário, o conhecimento empírico e a prática, o que deveria acontecer diariamente na escola, no processo de ensino aprendizagem.

Portanto, o significado da dialógica que se pretende discutir, baseia-se no pensamento de Paulo Freire (2015, p. 133), o qual pondera que:

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a dialógica em que confirma a inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história.

A dialética indicada nesta pesquisa se aproxima de uma concepção do diálogo, em que o fundamental pode ser a caminhada da pedagogia como sinônimo de dialogia. A dialogicidade pode ser baseada em um tripé: o educando, o educador

e o objeto do conhecimento. No caso deste trabalho, estudante do 4º ano, professora-pesquisadora e o passeio escolar turístico.

Para analisar a relação da prática pedagógica passeio escolar turístico com a formação do sujeito na perspectiva cidadã, as categorias utilizadas para a coleta e compreensão dos dados tem origem na pedagogia dialógica, pois a técnica parte da aproximação da investigação empírica, realizada por diferentes ciências humanas e sociais.

A pedagogia como um ato dialógico se refere a uma teoria da educação farta de experiências concretas e transdisciplinares que se oferecem aos estudiosos para novas experiências e novas teorizações que oportunizam um dinamismo dialético.

O pensamento de Freire identifica a dialogia como o encontro entre sujeitos “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2014 p. 109), repleto de fenômenos reais.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (FREIRE, 2014, p. 110).

A educação dialógica, de acordo com Freire, poderia garantir uma pedagogia humanista. Ao contrário do que se pensa, o silêncio dos oprimidos, causado pelo sadismo de quem domina, impossibilita ao sujeito dialogar, dizer sua palavra de libertação, realizando, assim, uma educação como instrumento de exclusão social, dominação considerada pelos opressores como natural e inevitável.

Vale destacar que, no contexto deste trabalho, a educação deve ser vista como aliada dos direitos humanos de todos e de cada homem e mulher. Uma educação para liberdade é capaz de conduzir o sujeito a seu processo de humanização. A pedagogia humanista pode ser capaz de romper com a dominação, opressão e a exclusão. Freire construiu, ao longo de sua vida, um pensamento educacional a favor dos oprimidos, os vitimados pelos variados mecanismos de dominação e injustiças sociais (FREIRE, 2014).

Em outras palavras, ou melhor, em outros sentimentos dialógicos de Freire (2014, p. 112):

Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

A contribuição de Paulo Freire à pedagogia vai além do ato pedagógico, pois apresenta uma crítica à produção e socialização do saber na perspectiva bancária. O que se propõe é a possibilidade de uma educação onde o estudante e o professor ou professora sejam sujeitos da ação pedagógica, sujeitos críticos, e a relação entre eles sejam de ensino e aprendizagem, um exercício constante do pensar criticamente que envolve o verdadeiro diálogo.

O pensamento crítico, segundo a educação dialógica, se desenvolve quando em um ato de lançamento do sujeito ao mundo, pesquisando o tempo e o espaço como um espião que desconfia de tudo e de todos, encontrando pistas e refletindo a realidade dentro e fora e si (FREIRE, 2014).

Porque a falta de criticidade é:

(...) o pensar ingênuo, a meta é agarrar-se a este espaço garantido, ajustando-se a ele e, negando atemporalidade, negar-se a si mesmo. Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também, de gerá-la. (FREIRE, 2014, p. 115).

O sujeito com consciência crítica, como um corpo consciente, pode ser capaz de se situar no mundo, interagindo e sentindo-o. É, ainda, o ser que pode se reconhecer no outro, o seu semelhante, mas dele diferenciar-se.

É esse sujeito que é capaz de defender e anunciar a possibilidade de uma nova sociedade, com menos desigualdades e injustiças sociais, mais democrática e comprometida com as realizações humanas para cidadania.

1.3 TÉCNICAS DE PESQUISA

A pesquisa-ação é fundamentalmente empírica, em outras palavras, se apoia na descrição, observação e ação de situações reais. Definido por Thiollent (2011)

como pesquisa social com princípio empírico, utilizada para auxiliar na resolução ou esclarecimento de um problema coletivo, onde os autores da pesquisa são participantes ativos.

(...) a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Considerando o exposto, a pesquisa-ação pode ser utilizada para idealizar e organizar uma pesquisa social de ordem prática, que represente a realidade em movimento e a participação dos atores na pesquisa.

A pesquisa-ação é uma técnica de investigação que une diferentes formas de pesquisa social, com as quais se estabelece fundamento coletivo de participação ativa, para aquisição do conhecimento, como aponta Thiollent (2011, p. 28).

Consideramos que a pesquisa-ação (...) com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.

No decorrer da investigação, o pesquisador utiliza técnicas em grupo para trabalhar a dimensão coletiva e interativa da pesquisa (THIOLLENT, 2011). “(...) busca de compreensão e interação entre pesquisadores e membros da situação investigada” (THIOLLENT, 2011, p. 13). Sob essa orientação, a perspectiva, na pesquisa em pauta, propiciou uma relação entre a pesquisadora e os estudantes, e entre estes com os espaços coletivos, naturais e monumentos turísticos da cidade onde habitam.

Um dos principais objetivos dessas propostas consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora. Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído (THIOLLENT, 2011, p.14).

À luz da teoria de Thiollent, para esta pesquisa, propomos o seguinte problema de investigação: a prática pedagógica realizada nas escolas – aula expositiva, textos pesquisado em Internet, vídeos e passeios em museu de Brasília – proposta pelo currículo, proporciona formação cidadã na concepção do turismo cidadão nas turmas de 4º (quarto) ano?

A vivência do passeio escolar turístico para conhecer a própria cidade pode ser uma ação transformadora, que facilita a formação cidadã dos estudantes do 4º (quarto) ano que, ao a) passear nos parques, b) visitar monumentos arquitetônicos de Niemeyer, c) experimentar os movimentos culturais, d) andar por uma Superquadra Modelo da cidade para os moradores, e ter contato com a história de origem de cada pontos desses, possibilita a formação de sujeitos com sabedoria para participar ativamente da manutenção e construção de equipamentos coletivos para a própria cidade.

Outro ponto a ser considerado, como base na pesquisa-ação, está no constante feedback de informação produzida pela pesquisa. O diálogo sobre o tema e a reflexão sobre como registrar as informações, a interação constante para esclarecer as dúvidas e, principalmente, a socialização dos registros são aprendizagens para todos os atores envolvidos na pesquisa – pesquisadora e estudantes.

O que se defende na pesquisa é a possibilidade de trabalhar com a realidade dos estudantes, ou seja, reconhecer o valor científico que existe no conhecimento, na cultura popular e na sabedoria popular, que possui sua própria subjetividade, levando em consideração a objetividade da ciência para a compreensão de realidades (FREIRE, 2014).

(...) dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente. Subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele. É exatamente esta unidade dialética a que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la (FREIRE, 2014, p. 35).

Conforme o que foi discutido, Thiollent (2011) apresenta a ideia de ‘ação transformadora’ e Freire (2014) anuncia que a ação transformadora faz parte do conhecer solidário, ou seja, do conhecimento construído por meio da interação.

O Passeio Escolar turístico: perspectiva para formação cidadã se apoia também na interação entre os estudantes, professores, comunidade e pesquisador, visto que a pesquisa pode proporcionar ação de envolvimento dos estudantes com a cidade em que vivem e que seus antepassados ajudaram a construí-la.

O intercâmbio entre o pesquisador e os atores constitui o campo a ser investigado, possibilitando um ato coletivo no que tange à identificação e resolução de problemas por meio do diálogo, ou melhor, uma reflexão que favorece o conhecimento.

Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo (THIOLLENT, 2011, p. 21-22).

Por conseguinte, a participação, por meio do diálogo, pode contribuir para adquirir diferentes saberes. Como já mencionado, tal abordagem tem como consequências a aquisição de conhecimentos (FREIRE, 2014).

A aquisição de conhecimento na relação entre pesquisa social e ação evidencia uma característica do processo de reflexão e ação.

A relação entre pesquisa social e ação consiste em obter informações e conhecimentos selecionados em função de uma determinada ação de caráter social. A passagem do conhecer ao agir se reflete na estrutura do raciocínio, em particular em matéria de transformação de proposições indicativas ou descritivas (THIOLLENT, 2011, p. 47).

A pesquisa-ação baseia-se na resolução do problema coletivo, ou seja, na transformação. Segundo o autor, para a transformação acontecer se faz necessário um processo que inicia obtenção de conhecimento para uma ação, ou melhor, para agir e transformar.

Vale destacar que não há neutralidade na pesquisa-ação, considerando que, na aplicação desta técnica, os participantes assumem suas ideologias e apresentam seus conhecimentos por meio do diálogo.

Não há neutralidade por parte dos pesquisadores e dos atores da situação. A convicção a que podem chegar acerca da necessidade ou da justeza de uma ação amadurece durante a deliberação no seio do seminário e dos outros grupos participantes da pesquisa (THIOLLENT, 2011, p. 80).

Considera-se que a pesquisa-ação apresenta um campo de diálogo, falas, discursos, expressões orais que indicam alternativas mais flexíveis, pois não contém uma estrutura lógica e simples, ao contrário disso, ela é moldada conforme as argumentações durante as investigações.

A pesquisa social e ação estabelecem uma concepção e organização da pesquisa em etapas.

As etapas são: a) a fase exploratória, b) o tema da pesquisa, c) a colocação dos problemas, d) o lugar da teoria, e) hipótese, f) seminário, g) o campo de observação, amostragem e representatividade qualitativa, h) coleta de dados, i) aprendizagem, j) saber formal/saber informal, k) plano de ação e l) divulgação externa.

A seguir, abordaremos os conceitos das fases da pesquisa ação:

a) Fase Exploratória

Como o próprio nome apresenta, a fase de exploração consiste em descobrir qual território será realizado a investigação e estabelecer os primeiros critérios para a escolha, no caso da pesquisa em questão, a Escola Pública do Distrito Federal.

A fase exploratória consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (THIOLLENT, 2011, p. 56).

Trata-se assim de iniciar um diagnóstico da situação e eventuais ações. Ao contrário do que se espera, o diagnóstico não pode focalizar no que falta para solucionar as questões, mas nas potencialidades que os sujeitos envolvidos na pesquisa possuem.

b) O Tema da Pesquisa

O tema da pesquisa em uma abordagem empírica na qual a pesquisa-ação se filia indica o problema prático da área de conhecimento que necessita ser

definido. “A ação é obrigatoriamente orientada em função de uma norma. No caso, a "melhoria" sempre supõe um "ideal" em comparação ao qual a situação real deveria ser transformada” (THIOLLENT, 2011, p.59).

c) A Colocação dos Problemas

Os problemas expostos são baseados na realidade, de ordem prática, em pesquisa social aplicada e, em particular, no caso da pesquisa-ação. (...) “resolver dentro de um certo campo teórico e prático. Um mesmo tema (ou assunto) pode ser enquadrado em problemáticas diferentes” (THIOLLENT, 2011, p. 61).

d) O Lugar da Teoria

“(...) a preocupação teórica ocupa um espaço mais importante entre as diferentes preocupações dos pesquisadores” (THIOLLENT, 2011 p. 63).

O papel da teoria consiste em interpretar a realidade e fundamentar conhecimentos que possam gerar mudanças no campo da pesquisa. A investigação da pesquisa-ação precisa ser articulada dentro de uma realidade com um quadro de referência teórico como base.

e) Hipóteses

“Uma hipótese é simplesmente definida como suposição formulada pelo pesquisador a respeito de possíveis soluções a um problema colocado na pesquisa (...)” (THIOLLENT, 2011, p. 65). A partir da sua formulação, o pesquisador enxerga as principais informações para evita a dissipação e focaliza na realidade diagnosticada.

f) Seminário

“O papel do seminário consiste em examinar, discutir e tomar decisões acerca do processo de investigação (THIOLLENT, 2011 p.67)”. O seminário é um grupo ou equipe de pesquisa que gerencia as atividades de informações, elaborações, interpretações, busca soluções, define diretrizes de ações, acompanha, avalia e divulga resultados. Vale destacar que, em muitas investigações acadêmicas, a etapa pode ser substituída pela teoria e interação entre pesquisadora e orientadora.

g) Campo de Observação, Amostragem e Representatividade Qualitativa

Na pesquisa-ação abre possibilidades de realizar investigações em diversos campos – grande, médio ou pequeno. Porém, vale esclarecer que o estudo em um campo considerado grande pode se restringir a uma comunidade geograficamente concentrada e será realizado por amostragem, visto que, na pesquisa social e ação, o viável que a investigação seja realizada com um número pequeno de pessoas, pois é uma técnica de diálogo.

A delimitação do campo de observação empírica, no qual se aplica o tema da pesquisa, é objeto de discussão entre os interessados e os pesquisadores. Uma pesquisa-ação pode abranger uma comunidade geograficamente concentrada (favela) ou espalhada (camponeses). Em alguns casos, a delimitação empírica é relacionada com um quadro de atuação, como no caso de uma instituição, universidade, etc (THIOLLENT, 2011, p. 70).

h) Coleta de Dados

A coleta de dados na pesquisa-ação indica um combinado de técnicas. Os principais instrumentos utilizados são a entrevista coletiva nos locais de moradia ou de trabalho e a entrevista individual aplicada de modo aprofundado.

Na concepção de roteiros de entrevistas, questionários ou de outros instrumentos de coleta de dados, em pesquisa alternativa, sempre se coloca a questão do papel atribuído aos elementos explicativos, associados à obtenção de informação esclarecida por parte dos respondentes (THIOLLENT, 2011, p. 74).

i) Aprendizagem

Na pesquisa-ação, a produção de conhecimento por meio da interação possibilita a aprendizagem que é aproveitada e impulsionada em função das exigências da ação em torno da qual se decorre a investigação. Tanto pesquisadores como participantes aprendem durante o processo de pesquisa, discussão e resultados.

Na pesquisa-ação uma capacidade de aprendizagem é associada ação uma capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação. Isso pode ser pensado no contexto das pesquisas em educação, comunicação, organização ou outras. O fato de associar

pesquisa-ação e aprendizagem sem dúvidas possui a maior relevância na pesquisa educacional (THIOLLENT, 2011, p. 75).

j) Saber Formal / Saber Informal

Ao considerar a concepção da pesquisa-ação, a etapa desenvolve importante relação entre saber formal e saber informal, o que possibilita (ou melhora) a interação comunicativa entre duas realidades culturais: a do pesquisador e a do participante. Temos aqui a interação de saberes no processo de pesquisa: o saber formal do pesquisador – teorias e técnicas de pesquisa – e o saber informal dos participantes – sua cultura, realidade, modos de ver e dar sentido ao mundo.

Para fins de exposição didática, vamos reduzir o problema a uma relação entre saber formal dos especialistas (dotado de certa capacidade de abstração) e saber informal, baseado na experiência concreta dos participantes comuns. Deixamos de lado o fato de que os especialistas também possuem saber informal e que os participantes "leigos" têm, frequentemente, alguma faculdade de emitir hipótese ou generalizar. Todavia, o fato é que existe o problema da diferença dos dois universos, que se manifesta em dificuldade de compreensão mútua (THIOLLENT, 2011, p. 77).

k) Plano de Ação

O plano de ação se mostra como um planejamento flexível da caminhada que a pesquisa-ação está trilhando para alcançar os objetivos da pesquisa, para que a investigação se concretize – formulação do objeto de análise, deliberação e avaliação. “Para corresponder ao conjunto dos seus objetivos, a pesquisa-ação deve se concretizar em alguma forma de ação planejada de análise, deliberação e avaliação” (THIOLLENT, 2011 p. 79).

l) Divulgação Externa

A divulgação externa significa o retorno das informações da pesquisa-ação aos participantes da pesquisa. Esse retorno promove uma visão do todo, do conjunto realizado por todos que podem possibilitar a tomada de consciência sobre a realidade analisada.

A ideia de retorno da informação sobre os resultados aos membros da população não é objeto de consenso entre diversos partidários nos da

pesquisa-ação por ter exigido uma forte participação da população nos seus mecanismos, não precisa restituir a informação. Esta já estaria conhecida na hora da investigação propriamente dita. Para outros partidários desta orientação de pesquisa, a restituição da informação é necessária justamente para permitir um efeito de "visto de conjunto" ou de "generalização" que não seria possível ao nível da simples captação de informação (THIOLLENT, 2011, p. 81).

1.4 PESQUISA-AÇÃO NA EDUCAÇÃO

A indicação da metodologia da pesquisa-ação pode proporcionar ao pesquisador em educação a oportunidade de produzir informações e conhecimentos que possibilitem explicar a realidade de forma crítica, oportunizando o diálogo em nível pedagógico.

Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico (THIOLLENT, 2001 p. 85).

Segundo Thiollent (2011), para a construção do ensino e aprendizagem de qualidade e participativo para educação, é necessário mais que descrever e avaliar, o importante é realizar pesquisas que expliquem o real ou apresente a realidade com uma lente que amplie o ideal, tendo em vista minimizar a educação bancária sem diálogo e maximizar o uso do conhecimento para a transformação da realidade.

A pesquisa-ação promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas. Este processo supõe que os pesquisadores adotem uma linguagem apropriada. Os objetivos teóricos da pesquisa são constantemente reafirmados e afinados no contato com as situações abertas ao diálogo com os interessados, na sua linguagem popular (THIOLLENT, 2011 p. 85).

Considerando os princípios defendidos, os objetivos práticos e teóricos da pesquisa-ação são: práticos, por dar voz ao participante da pesquisa, para obtenção da realidade; teóricos, que consistem em explicar a realidade por meio de conhecimento da ciência social e, assim, utilizar o diálogo para construir

conhecimento crítico, possibilitando a elaboração da educação participativa de qualidade, por meio de diálogo.

Conforme indica o autor, o diálogo na pesquisa-ação tem característica específica, devido ao envolvimento dos participantes no processo da pesquisa. Desse modo, “é necessário que os pesquisadores levem em conta os aspectos comunicativos na espontaneidade” (THIOLLENT, 2011, p. 86).

“De acordo com as perspectivas esboçadas, paralelamente à pesquisa havia também uma produção de material didático, gerada pelos participantes (...)” (THIOLLENT, 2011 p.87). Um material simbólico de participação.

Outro ponto a ser destacado na pesquisa-ação são as estratégias que auxiliam a análise e registro dos dados, tais como questionários, entrevista coletiva, questionário individual, entrevista gravada e diagnóstico.

Para investigação do passeio escolar turístico como prática pedagógica na formação cidadã foi utilizada a técnica de grupos focais, pois “(...) é um bom instrumento de levantamentos de dados para a investigação em ciências sociais e humanas (...)” (GATTI, 2012, p. 8).

Entrevista

A entrevista semiestruturada foi adotada na pesquisa como registro da ideia dos estudantes nos debates sobre o tema investigado. Ao tratar a entrevista semiestruturada, sob luz do entendimento de Triviños (2008):

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (p. 146).

Considerando o descrito, a atenção tem sido dada a elaboração de perguntas que seriam indispensáveis para o tema a ser investigado.

Tal qual a importância da pergunta, está à relevância do registro da informação para serem interpretadas “às vezes, também são necessários desenhos, planos etc., (...) fornecida pelo informante ou feita na hora pode constituir-se em material valioso” (TRIVIOS, 2009 p.148). No caso da educação os estudantes do

ensino básico podem ter dificuldade de expressarem suas ideias em forma de texto, assim um desenho pode solucionar essa barreira.

O instrumento de pesquisa deve se planejado para trilhar um caminho que leve ao pesquisador a alcançar os objetivos do trabalho, desse modo, entrevista semiestruturada foi elaborada com critérios para atingir os seguintes proposito:

Elas são resultados não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa, não sendo menos importantes seus contatos, inclusive, realizados na escolha das pessoas que serão entrevistadas (TRIVIÑOS, 2008 p. 146).

Segundo Triviños (2008 p. 146) “o processo da entrevista semiestruturada dá melhores resultados se trabalha com diferentes grupos de pessoas” principalmente quando se trata de pesquisa qualitativa, em geral.

Outro ponto a ser destacado, é a flexibilidade da duração da entrevista “em geral, a duração da entrevista é flexível e depende das circunstâncias que rodeiam principalmente o informante e o teor do assunto estudado” (TRIVIOS, 2008 p. 146\147).

Considerando o tipo de perguntas na entrevista semiestruturada, (TRIVIÑOS, 2008) faz uma diferenciação embasada no tipo de abordagem e teórica, em uma linha histórico-estrutural (dialética).

No contexto da dialética, as indagações poderiam ser intituladas como explicativas ou causais (TRIVIÑOS, 2008).

Conceituar os tipos de perguntas tem sua importância, no entanto, organizar os questionamentos em sequencia para “abrir perspectivas para a análise e interpretação de suas ideias. Neste sentido, estas categorias de perguntas são, sobretudo, elementos heurísticos para o investigador e não amarras para entrar seu trabalho” (TRIVIÑOS, 2008 p. 151).

Pesquisa Bibliográfica e documental

A Pesquisa bibliográfica e análise documental são modalidades “de estudos e análise de documentos de domínio científico” (OLIVEIRA, 2007, p.69), que se fazem necessários para o aprofundamento da pesquisa e permite ampliar os dados históricos do objeto estudado.

Vale destacar, que a pesquisa bibliográfica aproxima o pesquisador a linguagem científica e as forma acadêmicas de estudo.

“A principal finalidade da pesquisa bibliográfica é levar o pesquisador(a) a entrar em contato direto com as obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo” (OLIVEIRA, 2007 p. 69).

Outro ponto importante relacionado à construção da pesquisa é a pesquisa documental que “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico” (Oliveira, 2007, p.69). Esses documentos se transformam em dados e informações que poderão oferecer apoio teórico para definição do objeto pesquisado.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao investigar o passeio escolar turístico, enquanto prática pedagógica na formação para cidadania, baseado nos conteúdos do currículo, consta-se que, nessa perspectiva, o passeio escolar turístico compreende a saída da escola com um grupo de estudantes para visitação de atrativos turísticos na cidade, que sejam significativos aos estudantes. Partimos do pressuposto de que toda a o de ensinar pode ser considerada uma prática pedagógica.

Portanto, compreendemos que o passeio turístico   uma prática pedagógica que possibilita conhecimento ao visitante e ao visitado, como também abre espaço para que o visitante produza conhecimento ao ter contato com o patrim nio histórico e cultural do local visitado. Portanto, levamos em considera o que o desenvolvimento cognitivo não   limitado ao ambiente escolar, uma vez que o estudante, ao entrar em contato com a história do lugar onde mora, longe do cotidiano escolar,   em outro círculo que pode possibilit -lo outras formas de conhecimento, e como desdobramento a interferência na rotina e nos rumos desse lugar, em prol da constru o de uma forma o para cidadania. E ainda em rela o a a situa o, vale mencionar o conceito de turismo como um fenômeno social de relevância cultural, onde os sujeitos em comunhão interagem com o espaço e tempo de forma integral, com seus sentidos, com plenitude do imaginário (MOESCH, 2002). Acrescente-se, ainda o conceito de turismo cidadão enquanto um campo que permite ao sujeito realizar a descoberta subjetiva do deslocamento em sua própria cidade apropriando do sentimento de pertencimento e prazer (GASTAL e MOESCH, 2007).

Defini-se pertencimento de acordo com a ideia de identidade local, a qual representa os significados da comunidade, expressas pela memória coletiva e pelos fenômenos subjetivos, fluidos e dependentes entre si, na constru o da realidade (BARBOSA, 2011). Outro aspecto importante   a concep o de prática pedagógica, entendida como uma a o em movimento do diálogo entre sujeitos na constru o do conhecimento (FREIRE, 2009), uma prática que pudemos perceber no passeio escolar turístico como atividade pedagógica, por meio do Currículo em Movimento,

documento formalizado pela SEEDF, que norteia a prática pedagógica elencando os conteúdos necessários para a formação do sujeito (SEEDF, 2014b). Além desses pontos, vale destacar a pesquisa baseada na teoria de Paulo Freire, que enfatiza o currículo como uma prática pedagógica pautada na liberdade, na abordagem de diálogo entre os sujeitos, com a participação dos principais agentes do processo de educação, para transformar os homens e mulheres em seres críticos (FREIRE, 2014), a fim de responder aos objetivos geral e específicos.

2.1 O PASSEIO ESCOLAR TURÍSTICO – UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Prática, nas considerações de Japiassú (2001, p. 155), “(...) diz respeito à ação. Ação que o homem exerce sobre as coisas, aplicação de um conhecimento em uma ação concreta, efetiva”.

Em relação à noção de Pedagogia, pondera Abbagnano (2007, p. 747) que este termo, em sua origem, significa “prática ou profissão de educador”.

Ao levar em consideração os dois conceitos expressos em glossários diversos, observa-se que prática pedagógica pode ser interpretada como a ação do professor, isto é, a ação de ensinar.

A compreensão de prática pedagógica pode ser analisada por diferentes pilares conceituais. Ao levar em consideração esta perspectiva, é importante situá-la a partir de duas perspectivas: uma técnica e outra dialógica.

Baseada em uma abordagem técnica, a prática pedagógica apresenta-se como método de ensinar, sob o prisma da concepção educacional “bancária”, em que, na relação educador e educando, se prevalece a opressão, o poder do conhecimento, ou seja, o poder do detentor do saber sob o aluno, o que acarreta uma conexão com conteúdos sem significados perante a realidade dos estudantes.

Como informa Paulo Freire (2014, p. 79):

Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos.

Vale destacar que, na concepção “bancária” de educação, o professor é o real representante do poder, o aluno o ser passivo, aquele sobre o qual se “deposita” o conhecimento, os “conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganharia significação” (FREIRE, 2014, p. 79).

Fundamentando em um contexto dialógico, o ensino que traz os sujeitos (educador e educando) em um diálogo constante um com outro, com vocação de constantes revisões e análise crítica dos seus “achados” (FREIRE, 2009), a prática pedagógica pode ser vista como uma ação em movimento para construção do conhecimento significativo e crítico.

A concepção dialógica na educação, apoiada no materialismo histórico dialético, compreende a prática pedagógica como *práxis*. “A *práxis*, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2014, p. 52), É a *práxis* que possibilita o sujeito apresentar sua realidade, compreender o poder, e definir o pensar enquanto ser da natureza, demonstrando que interpretar o que está à sua volta pode não ser o bastante, pois, sem a *práxis* “é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (FREIRE, 2014 p.52).

A *práxis* do educador, alicerçada nos fundamentos apresentados, possibilita um ato pedagógico focado no diálogo problematizador, podendo assim realizar o ato pedagógico como ação dialógica e complexa, para auxiliar homens e mulheres no seu processo de humanização (FREIRE, 2014).

O profissional da educação não pode ser ingênuo, ele precisa refletir sua prática pedagógica e compreender a realidade, apoiando-se nas teorias que o auxiliem a entender o seu cotidiano em sala de aula, para não mais ser visto como um transferidor de conteúdos.

O professor e/ou professora deve discernir a realidade que o cerca da verdade hegemônica, sendo esta atribuída pela classe dominante nos espaços institucionais, uma vez que a desigualdade dentro da escola não pode ser explicada simplesmente pela questão econômica, mas também pelo abismo cultural que existe entre a elite e o operário (BOURDIEU, 2014).

A referida instituição, como um espaço ideológico do Estado dominante, propaga uma educação que promove a desigualdade, na medida em que contribui

para ocultar as contradições sociais e culturais, e “raramente se percebe certas formas ocultas de desigualdade diante da escola, tal como a relação dos filhos das classes baixas e médias” (BOURDIEU, 2014, p. 16). O autor se refere à identidade cultural dos estudantes como sucesso ou fracasso intelectual.

Os obstáculos econômicos não são suficientes para explicar o fato de que as taxas de “mortalidade escolar” diferem tanto segundo as classes sociais. Sobre isso não se teria nenhum outro indício e ignorar-se-iam as múltiplas vias, frequentemente contornadas, pelas quais a escola elimina constantemente as crianças originárias dos meios mais desfavorecidos (...) (BOURDIEU, 2014, p. 23).

Considerando a teoria de Bourdieu (2014), a “mortalidade escolar” é apontada conforme o baixo rendimento do processo avaliativo da escola que, conseqüentemente, provoca a reprovação e a evasão estudantil nas instituições educacionais. A escola opera a valorização da cultura clássica que a elite tem acesso, tornando árduo o avanço intelectual dos estudantes pertencentes às classes menos favorecidas.

Os estudantes mais favorecidos não devem somente ao meio de origem hábitos, treinamento atitudes aplicáveis diretamente a tarefas escolares; eles também herdam saberes e um saber-fazer, gostos e um “bom gosto” cuja rentabilidade escolar, pode ser direta, é ainda mais certa. (BOURDIEU, 2014, p. 34).

Sob essa orientação, coloca-se em voga uma concepção de conhecimento que serve para separar os sujeitos que seguem nos estudos e os que a escola elimina dos processos de aprendizagem e avaliação.

Em consequência, incentivam-se as explicações simples e adotam a contemplação, a subordinação e a aceitação como paradigmas para explicar a realidade.

À contrapelo da concepção da educação que considera o educando como um sujeito passivo, a pesquisa na linha materialista histórico-dialética apresenta-se como um referencial propício para aproximar o conhecimento e explicar a realidade, a vida e a natureza, e permite analisar e compreender as complexas mudanças na economia, na política, na educação, ou seja, na sociedade em geral.

Esse movimento se ancora na abordagem de que nada está pronto e acabado no que se refere à construção do conhecimento, visto que o saber não

pode ser ofertado/“depositado”, e sim construído, elaborado no diálogo entre o estudante e o professor, submersos, nesse aspecto, em uma realidade significativa.

A prática pedagógica, como ação em movimento, pode permitir a construção do conhecimento, interpretando o mundo, isto é, aproximando-se da realidade humana, por meio de um movimento do conteúdo que emerge do avanço da ciência e da filosofia, no que diz respeito à formação de um sujeito crítico e consciente (PIAGET, 1975).

O sujeito crítico “procura determinar a natureza da moral e o tipo de adesão que os princípios práticos comportam” (JAPIASSÚ, 2001, p. 46). Esse sujeito procura a origem de suas questões, se tornando, assim, um sujeito radical que compreende a realidade à sua volta, tendo como referências os princípios práticos de sua raiz.

Segundo Paulo Freire (2014, p. 34), a “radicalização é crítica, por isto libertadora. Libertadora porque implica no enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva”.

É preciso considerar outro aspecto na formação desse sujeito crítico, a criação e recriação, a invenção e reinvenção do seu próprio pensar – um constante processo de conhecer e descobrir, refletir para melhor agir na realidade em que vive, visto que é a conscientização que possibilita o sujeito inserir-se no processo histórico, evitando os fanatismos e o inscrevendo na busca de sua afirmação (FREIRE, 2014). Consequentemente, esse sujeito participa da construção de um mundo mais justo e igualitário para todos os homens e todas as mulheres.

Nessa medida, pode se afirmar que a comunhão do diálogo entre o professor e o estudante, em relação ao conteúdo, pode ser o tripé da ação de construção do conhecimento, ou seja, da prática pedagógica.

Em razão da realidade, o conhecimento tem a possibilidade de se constituir pela interação do sujeito com o ambiente que habita, com o outro que lhe ensina, assim como quem visita a localidade.

Trata-se, aqui, não apenas de considerar a prática pedagógica como ensino e aprendizagem dentro do ambiente escolar, mas também o passeio escolar turístico

como ação e movimento de construção do saber no que tange à valorização do local do sujeito morador.

Soma-se a isso, elaborar, criar e construir a prática pedagógica com base na realidade vivida pelo estudante, aproximando a comunidade, aos poucos, da distante ação pedagógica significativa, com movimentos complementares na produção de conhecimento da localidade e seus problemas sociais, por meio do passeio escolar turístico.

Constata-se que a prática pedagógica baseada no diálogo possibilita a construção do saber por meio da interação.

Segundo Vigotski (1998), a produção de conhecimento passa pela interação entre os sujeitos e os espaços em que vivem.

“O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que o cercam” (VIGOTSKI, 1998, p.115).

Para esse autor, a interação é entendida como um processo em que todo sujeito se constitui como ser humano, baseado na relação entre sujeitos, ou seja, relação sujeito e sujeito.

Na abordagem referida, percebe-se que o conhecimento e a prática da construção de um mundo mais justo e igualitário para todos se desenvolvem nos seres humanos, desde o nascimento destes, por meio das experiências sociais, convivências e aprendizagens em suas comunidades e nas cidades onde vivem. Assim pode possibilitar uma percepção de mundo semelhante ou diferenciado dos sujeitos que o cercam. Em razão dessa realidade, o intercâmbio pessoal da localidade, por meio do passeio escolar turístico, pode estar inserido em um tempo em movimento constante na vida escolar dos estudantes.

A integração social que a escola deve promover, mediante a história de vida dos estudantes, caminha de forma a processar todas as histórias de vidas da comunidade que se cruzam nesse momento, por meio do passeio escolar turístico.

As vivências pessoais dos estudantes com a comunidade podem permitir a apropriação do conhecimento da própria cidade e, conseqüentemente, a formação cidadã.

Segundo a ideia sociointeracionista de Vigotski (1998), de acordo com a visão de desenvolvimento humano em uma abordagem de organismo ativo, a formação do sujeito é constituída internamente por uma vivência externa, como resultados de processos interativos que acontecem ao longo do tempo.

A prática pedagógica apoia-se na linha de cognição, como suporte do trabalho, oferecendo reflexões sobre processos ensino aprendizagem, ao integrar e analisar os aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento da aquisição do conhecimento humano, chegando a abordar temas relacionados à interação e à afetividade.

A linha de pensamento aqui citada contribui com a prática pedagógica, visto que “trata-se de um incansável trabalho de inventar e planejar, a cada dia, como viabilizar de maneira mais efetiva o acesso das crianças ao conhecimento produzido e sua participação histórico cultural” (VIGOTSKI, 1998, p. 23).

A proposta desta pesquisa foi a de levar os estudantes a uma vivência externa em grupo para conhecer a sua própria cidade. Para alcançar tal objetivo, foi necessário realizar, com eles, um passeio escolar turístico que durou um turno, ou melhor, cinco horas. Sendo assim, foi necessário um planejamento adequado, com cunho pedagógico, com vistas à construção de conhecimentos. Nesse sentido, a tarefa do professor foi a de planejar e orientar a seleção dos conteúdos a serem estudados e associados ao objetivo do deslocamento.

O que pode haver em comum entre um deslocamento para além das fronteiras nacionais ou além das fronteiras do bairro de residência? Diria que, em comum aos dois, há o estranhamento, o prazer e certa ansiedade diante do desconhecido e do novo (GASTAL, 2005, p. 12).

O desconhecido, o novo, o sentimento de estranhamento faz parte do processo humano. A busca do saber de forma lúdica pode trazer o prazer. É o prazer que possibilita o mergulho no saber, mediante os diferentes sentidos – o tato, o olfato, a audição e a visão – que aproximam o sujeito à realidade e ao imaginário.

O passeio escolar turístico, na proposta deste trabalho, optou pela construção do conhecimento dos sujeitos envolvidos na pesquisa, através de uma prática pedagógica dialógica e interdisciplinar de ressignificação da história de vida dos educandos e da história de sua própria cidade, o que contribui para a construção de

imaginários de sentidos sobre a cultura da qual eles fazem parte.. Sobre o imaginário, contextualizado ao turismo, pondera Gastal (2005, p. 13):

Imaginários porque as pessoas terão sentimentos, alimentados por amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local “romântico”, outro “perigoso”, outro “bonito”, outro “civilizado”. A esses sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e por que não a pessoas?) temos chamados de imaginário (GASTAL, 2005 p. 13).

Vale aqui apresentar que o imaginário pode ser a interação dos sentimentos despertados no sujeito, ao ter contato com diversas redes de informações (GASTAL, 2005).

Evidencia na visão referida, que o imaginário pode ser parte básica da necessidade humana, ao relacionar o turismo como fenômeno social que possibilita o sujeito a sonhos que estão cuidadosamente guardados o depoimento no coração (GASTAL, 2005).

Outro ponto a ser ressaltado no estudo do passeio escolar turístico são as experiências vivenciadas coletivamente pelos estudantes de 4º ano.

A experiência é enfatizada pelo pensador russo, Vigotski (2009, p. 24), como experiência prévia, ou seja, “ela é forjada na e pela incorporação na experiência social, histórica, coletiva, sendo esta vista como condição fundamental na produção do novo”.

Nesse sentido, o novo, na teoria do autor, é a aprendizagem intelectual. Fundamentado a ideia, o processo de aprendizagem do sujeito necessita da experiência e imaginação (VIGOTSKI, 2009).

Nesse sentido, a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração e a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos da própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica e social alheia (VIGOTSKI, 2009, p. 25).

A imaginação é base de toda atividade criadora e se revela em todos os campos da vida cultural, tornando possível a criação artística, científica e técnica. É a interação entre sujeitos que constrói o saber, principalmente em uma abordagem

dialógica, em que o intercâmbio de narração e descrição traz riqueza de experiências relacionadas com os estudantes.

Para Vigotski (2009), o conceito de atividade parte da relação mediada por instrumento e sígno, racionalmente orientada e exclusivamente humana. E surgiu na história das relações sociais, baseado no materialismo histórico dialético.

Atividade tem raiz no materialismo histórico dialético de Karl Marx e está relacionado às bases materiais da existência. Refere-se à atividade especificamente humana, conscientemente orientada, que só se tornou possível no âmbito das relações sociais e emergiu da na história dessas relações; é mediada por instrumentos e signos (VIGOTSKI, 2009, p. 11).

A prática pedagógica passeio escolar turístico, como experiência para a formação cidadã, realiza atividades de vivência na cidade onde o sujeito habita. Nesse sentido, o turismo apresenta-se como um fenômeno social e cultural.

O turismo recheado de alto valor simbólico; portanto, é também um processo humano que necessita de ressignificações às relações impostas pelos códigos capitalistas, que determinam não só o valor venal das mercadorias, mas também os valores impostos, como bem culturais e estilo de vida (GASTAL e MOESCH 2007, p. 12-13).

A atividade educativa referida apoia-se ainda no turismo, que possibilita o acesso à cultura, por meio da vivência e experiência de roteiros significativos e repletos de valor simbólico.

O sistema educativo, dentro de um contexto de desigualdades, contribui através da sua própria lógica de dominação, para assegurar a perpetuação do privilégio da elite ou classe favorecida e desvantagens aos estudantes oriundos da classe trabalhadora (BOURDIEU, 2014).

O privilégio cultural é evidente quando se trata da familiaridade com as obras que somente com a frequência regular do teatro, do museu ou do concerto (...) pode oferecer (BOURDIEU, 2014, p. 34).

Para os estudantes privilegiados é uma herança, enquanto que para os filhos dos trabalhadores tem que ser uma conquista.

Segundo Bourdieu (2014, p. 34), a “frequência que não é organizada pela escola, ou somente de maneira esporádica”, tem como desdobramento, para os

estudantes da escola pública, a aprendizagem da cultura clássica ou consagrada pela humanidade.

Assim, a sugestão do passeio escolar turístico, nesta pesquisa, é ensejar a possibilidade do sucesso escolar no que se refere à formação cidadã.

E para ser cidadão:

Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir de meu quintal, no bairro de Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espriar, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é inverso. (FREIRE, 2006, p. 25).

Segundo Paulo Freire (2006), para entender o mundo e ser parte dele faz-se necessário o cidadão enraizar-se, isto é, conhecer a localidade que mora para valorizá-la e preservá-la.

O passeio escolar turístico utiliza o conceito de turista cidadão na formação para o sujeito cidadão.

2.2 - NOÇÕES DE CIDADANIA

A compreensão das conquistas sociais ajuda no debate sobre a cidadania, visto que a formação cidadã passa ser um componente fundamental na busca dos direitos humanos e na emancipação individual e coletiva de um povo (DEMO, 1995).

Trata-se de uma contextualização no que se refere à cidadania. A palavra cidadania vem sendo utilizada de forma banalizada. Na literatura vigente, ao ser apresentada com diferentes significados, tornou-se um termo simplificado e sem conteúdo, porém se referindo ao sujeito.

Esse sujeito inserido na sociedade contemporânea, onde o sistema econômico pode encaminhar o indivíduo para o consumismo, construindo um ser individualista, que entende como cidadania ter conquistado o direito e o dever do consumidor.

(...) ainda que superficial, de uma filosofia de vida que privilegia os meios materiais e se despreocupa com os aspectos finalistas da existência e entroniza o egoísmo como lei superior, porque é o instrumento da busca da

ascensão social. Em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário. (SANTOS, 2007, p. 25).

Nesse cenário, temos a sociedade atual apoiada em uma globalização fundamentada no racionalismo econômico e na busca desenfreada por uma inovação científica e tecnológica, defendendo um consumismo de satisfação do desejo não das reais necessidades. Na sociedade, o que se defende, portanto, é um sujeito fechado em si mesmo, evitando o mínimo de relação uns para com os outros. Esses sujeitos apresentam em seu cotidiano atitudes, cada vez mais, individualistas, cada um preocupado com os seus desejos de acúmulo material, motivados pelo sistema de consumo, se distanciando da essência humana de coletividade.

Em nenhum outro país foram assim contemporâneos e concomitantes processos como a desestruturalização, as migrações brutais desenraizadora, a urbanização galopante e concentradora, a expansão do consumo de massa, o crescimento econômico delirante, a concentração da mídia escrita, falada e televisionada, a degradação das escolas, a instalação de um regime repressivo com a supressão dos direitos elementares dos indivíduos e substituição rápida e brutal, o triunfo (SANTOS, 2007, p. 25).

Versa aqui a concepção do significado de cidadania e, para tanto, primeiro se apresenta a noção de cidadania por meio de uma breve descrição histórica do componente.

Cidadania é um conceito histórico que vem sendo discutido desde a Grécia Antiga. Naquela época, já era abordada por Platão e Sócrates, os quais definia um perfil social do sujeito habitante da cidade, que representava a condição social de um povo: o cidadão era um homem livre, com riquezas, adulto e grego. Ao longo do tempo, o conceito de cidadania foi se transformando e adquirindo novos significados – resultado de embates ideológicos, políticos, culturais e sempre em estreita relação com a concepção de ser humano em relação a sua comunidade.

Na modernidade, a cidadania adquiriu novos sentidos, passando a ser entendida como conquistas e luta pelos direitos de diferentes naturezas. Pode-se destacar, em um primeiro momento, a conquista dos direitos civis; depois, os políticos e, por último, os sociais.

Nessa linha de pensamento, no que se refere à luta pela conquista dos direitos civis, a cidadania teve como base a igualdade de direitos, dentro de uma

abordagem jurídica, conforme é registrada na constituição: “todos são iguais diante da lei” (BRASIL, 2012, p. 14).

Diante desse aspecto, a sociedade brasileira, que apresenta dificuldades em garantir os princípios básicos de igualdade, o que se nota com frequência, os conflitos de interesse se solucionam a partir de mecanismo arbitrários jurídicos, pois o “legalismo se contrapõe à atitude frequentemente desrespeitosa e anarquizante do poder e das leis” (CARVALHO, 1996, p. 339).

A igualdade jurídica se materializa sob a forma de direitos à liberdade e com um tipo misto de um conceito de cidadania à propriedade privada, com o Estado presente e regulador para alguns cidadãos e direito à liberdade de trabalhar e ser assalariado.

Como Tocqueville (2003, p. 18) concebia, “a evolução em direção à igualdade de condições, melhorou o destino do agricultor e do trabalhador, e os elevou à condição de partes contratantes livres para o latifundiário e o empresário”.

Esse trecho exposto mostra o quanto o direito civil colabora na manutenção da ordem em classes sociais, reforçando os deveres da jornada de trabalho do camponês, operário, assegurando o direito à remuneração por trabalho realizado.

Não se pode perder de vista que, com as garantias do direito legal, o cidadão de direito obteve ganhos fundamentais para promover uma luta ainda mais ampliada pela igualdade. O sujeito organizado socialmente sai em busca de uma nova batalha pela igualdade de oportunidades e conquista dos direitos políticos, pois um sistema econômico baseado no capital, mesmo com a garantia do trabalho remunerado, jornada de trabalho, descanso remunerado, salário-família, e outros, não se fez real a igualdade entre os indivíduos de classe diferentes.

A igualdade tão esperada por homens e mulheres da classe trabalhadora não aconteceu.

Nesse contexto, a partir da organização dos sindicatos, a sociedade civil orientou-se na direção do processo de exercer a capacidade política e o direito ao voto.

Esse processo de votar e ser votado se constituiu um ponto de contato entre o cidadão e o Estado no Brasil do século XIX (CARVALHO, 1996, p. 342).

Os direitos políticos afetam diretamente a liberdade do sujeito, que agora tem direitos iguais no que tange à escolha de seus representantes, assim, o indivíduo, no estado natural, está inteiramente livre e precisa colocar limites à sua própria liberdade, a fim de garantir sua propriedade. À luz da necessidade de regulação, o Estado surge da realidade individualista da sociedade burguesa, alicerçada nas relações mercantis do capitalismo.

Se todos os homens são, como se tem dito, livres, iguais e independentes por natureza, ninguém pode ser retirado deste estado e se sujeitar ao poder político de outro sem o seu próprio consentimento. A única maneira pela qual alguém se despoja de sua liberdade natural e se coloca dentro das limitações da sociedade civil é através de acordo com outros homens para se associarem e se unirem em uma comunidade para uma vida confortável, segura e pacífica uns com os outros, desfrutando com segurança de suas propriedades e melhor protegidos contra aqueles que não são daquela comunidade (LOCKE, 2003, p. 61).

A abordagem do direito político nasce e desenvolve-se da intenção de uma classe que convence os sujeitos livres a uma zona de aconchego existente para burguesia, porém com a total liberdade de que todos os cidadãos têm o direito político de obter esse fruto, em um futuro inexistente.

O Estado deve garantir liberdade de propriedade, liberdade política e segurança à sociedade, e, especialmente, dos sujeitos detentores das atividades econômicas.

A partir daí, à igualdade que existia de fato para os ricos e não existia para os trabalhadores, diante da lei incorpora-se o discurso, para além de ir e vir, que se possa também exercer poder sobre a dimensão política do Estado. Conquista-se o direito de votar e organizar-se politicamente, ou seja, o direito político, ocasionando a queda da monarquia absolutista e o surgimento da república – quase que simultaneamente a substituição do modo de produção feudal pelo mercantilismo e, posteriormente, pelo capitalismo. A política, nesse momento histórico, modificou o sistema de produção, a economia.

Entretanto, a conquista dos direitos políticos desponta com a venda da mão de obra proletária, a possibilidade de associação classista e de mobilização, como, por exemplo, o direito de fazer greve.

As mobilizações trabalhistas desencadearam o surgimento de grupos e sindicatos que iniciaram reivindicações de melhorias no local de trabalho.

Vale destacar, o que se propõe, após a conquista dos direitos civis e políticos, posteriormente ao término das guerras mundiais, é o avanço do direito social.

Considerando que os direitos sociais podem ser elencados em habitação, saúde, educação, lazer e cultura para todos, assim a cidadania não se limita aos direitos civis e políticos, mas se amplia aos direitos sociais, agregando no sujeito a infinidade de elementos, que passaram a ser paulatinamente inseridos no conceito de cidadania.

Para Pedro Demo (1995, p. 3), a cidadania é, assim, “a raiz dos direitos humanos, pois estes somente medram onde a sociedade se faz sujeito histórico capaz de discernir e efetivar seu projeto de desenvolvimento”. É nesse sentido que a competência humana do sujeito se faz presente, no sentido de se fazer a própria história, coletivamente organizada.

A raiz dos direitos humanos evidencia a cidadania como alicerce para a edificação dos direitos humanos, destacando a importância da ação e da participação social para a garantia dessa condição.

Os direitos sociais emergem também como resistência ao capitalismo e nas desigualdades produzidas na contradição capital/trabalho. A modalidade de direito concretiza melhorias na condição de existência da classe trabalhadora.

A formação do sujeito com base no direito civil é competência política para pensar e efetivar uma sociedade equalizada que se prepara para a formação da competência econômica para civilizar o mercado (DEMO, 1995), concebendo um mercado para uma lógica humanista, em que a economia desenvolva o bem social para o cidadão. O desenvolvimento histórico da cidadania no Brasil ocorreu por um caminho singular. Inicia sua jornada, em 1822, com a independência e, logo em seguida, com a implantação da primeira constituição brasileira (1824), de caráter monárquico e escravagista que restringia os direitos políticos ao definir quem podia ou não votar. Como desdobramento, os direitos foram conquistados de forma limitada, a exemplo do voto direito que excluía a mulher, o analfabeto e o pobre.

A herança colonial pesou mais na área dos direitos civis. O novo país herdou a escravidão, que negava a condição humana do escravo, herdou a

grande propriedade rural, fechada a ação da lei, e herdou o Estado comprometido com o poder privado (CARVALHO, 2012, p. 45).

A respeito do que é cidadania, encontramos em documentos oficiais que trata-se da liberdade, igualdade, proteção à vida, enfim dos direitos fundamentais. Porém, que liberdade é essa? Onde sujeitos são as mãos e os pés, ou seja, escravos dos latifundiários. E que proteção à vida é essa? Uma vida breve, causada por maus tratos dos senhores?

Dentro deste contexto, na busca e o conhecimento desses direitos, fundamentou-se o abolicionismo, movimento político social que defendeu e lutou pelo fim da escravidão no Brasil.

Com o fim da escravidão, a construção da cidadania estava mais próxima, agora todos consideravam-se sujeitos livres, para ampliar a luta por seus direitos políticos, apesar disso não ocorreu significativas alterações na estrutura da sociedade.

Organizou-se uma nação sem sujeitos, que não a defendiam, enfim um país dividido na manutenção da unidade produtiva, alicerçada na grande propriedade (latifúndios) e nos índios, escravos e outras pessoas que nasceram e morreram, classificados como excluídos da sociedade política.

O Brasil não tem povo. Dos 12 milhões de habitantes existente à época, (...) 2 milhões e meio de índios e escravos, classificados excluídos da sociedade política. No outro extremo, colocava 200 mil proprietários e profissionais liberais que constituíam a classe dirigente. No meio ficaram 6 milhões (..) nasceram, vegetaram e morreram sem ter servido ao país. (LOUIS COUTY *Apud* CARVALHO, 2012 p. 64).

Nesse cenário de um Brasil, considerado essencialmente rural, com uma frágil estrutura de direitos civis e políticos, as mudanças se concentraram na alteração do sistema político.

Com o advento da Proclamação da República, o Estado transformou seu sistema político em Federação, onde os entes federativos são apenas autônomos entre si, e são governados por um presidente. Esta descentralização aproximou o governo do povo.

O Brasil do século XIX promoveu consideráveis modificações sociais e políticas. “O ano de 1930 foi um divisor de águas na história do País. A partir dessa

data, houve aceleração das mudanças sociais e políticas, a história começou a andar mais rápida.” (CARVALHO, 2012, p. 87).

Nesse período, o direito político no Brasil teve início com a criação do Tribunal Eleitoral, estabeleceu-se avanços sociais com a criação do Ministério do Trabalho, as organizações sindicais e a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), que regulamentou as relações individuais e coletivas do trabalho e determinou os valores salariais.

Aqui primeiro vieram os direitos sociais, implantados em período de supressão dos direitos políticos e redução dos direitos civis por um ditador que se tornou popular. Depois vieram os direitos políticos, de maneira também bizarra. (CARVALHO, 2012, p. 219).

No período da segunda ditadura no Brasil, os sujeitos livres, não considerados mais escravos, tiveram seus direitos civis limitados e os direitos sociais escassos. Nesse contexto não há direito político. Na época de luta para conquista dá o sentido da cidadania.

No mesmo sentido, expõe Arroyo (*Apud* BUFFA, 2010, p. 83) que a cidadania é “a formação do povo como sujeito político”, ou seja, sujeito responsável pela ação consciente enquanto cidadão em um sistema social no qual o Estado possa também promover a igualdade de oportunidade.

Conforme aponta Gadotti (2010), pode-se dizer que cidadania é essencialmente consciência de direitos e deveres e exercício da democracia.

A democracia une os elementos e estimula a cidadania como o direito civil que, para o referido autor, relata “segurança e locomoção” (GADOTTI, 2010, p. 68). Segurança no que diz o respeito à vida, igualdade e liberdade. Para o mesmo autor, os direitos sociais são os direitos ao “trabalho, salário digno, saúde, educação, habitação etc”, enquanto os políticos são os direitos à liberdade de expressão, ao voto, à participação em sindicatos, à participação em partidos políticos, dentre outros. Nesse sentido, entendemos, segundo a perspectiva aqui esboçada, que não há cidadania sem democracia.

A reflexão apresenta uma abordagem de cidadania plena, nesse ponto compreende uma visão ampliada que se aproxima melhor da formação do sujeito que consegue exercer, de forma integral, os direitos inerentes à sua condição,

situação de indivíduo ativo e participativo, sendo irrestrita a um indivíduo ou grupo, valorizando suas especificidades, para não ignorar sua condição de fenômeno histórico, uma vez que os direitos e deveres dos seres sociais não se congelam no tempo e espaço. A cidadania plena pode ser um ponto de relação de constante mobilização dos sujeitos sociais.

Tendo em vista a especificidade, observa-se que a cidadania é observada no território que o sujeito ocupa, que favorece o acesso a lugares para que os cidadãos tenham a igualdade de acesso aos bens e serviços essenciais para viverem dignamente.

Isso significa, em outras palavras, um arranjo territorial desses bens e serviços de que, conforme a sua hierarquia, os lugares sejam ponto de apoio, levando em conta a densidade demográfica e econômica da área e sua fluidez. Num território onde a localização dos serviços essencial e deixada à mercê da lei de mercado, tudo colabora para que as desigualdades sociais aumentem. (SANTOS, 2011, p. 196-197).

Ao levar em conta a hierarquia, os lugares onde há uma população que reconhece o seu território como parte da sua história, os sujeitos participam ativamente de ações que diminuem a ausência dos serviços essenciais, por meio de reivindicações coletivas em associações de bairro e Regiões Administrativas em seus locais de moradia.

A prática pode se unir também à formação dialógica para cidadania que a escola realize em seu bairro ou Ras.

Para a prática pedagógica do passeio escolar turístico, fundamentado no turismo como fenômeno social, se faz necessário articular noções e conceitos da nova ciência com a formação para cidadania que a educação com base dialógica pode proporcionar.

2.3 NOÇÕES DE TURISMO

A apresentação dos fundamentos sobre a epistemologia do turismo, em um contexto histórico e social, desenvolve-se com base na abordagem sobre turismo, nisto expressa como turismo cidadão, de interação socioeconômica e da experiência cultural entre a comunidade com o visitante. Esse intercâmbio entre os habitantes e o visitante, talvez seja um ponto de significação da localidade.

A expansão marítima ocorrida na Europa, durante o século XV, tinha como principal objetivo a realização do comércio e a busca de novas conquistas territoriais, o que representou uma alternativa de movimentação dos sujeitos de diferentes formas e velocidades. Os deslocamentos e transportes de pessoas e mercadorias, até esse momento, movido por animais, deixaram de ser a única forma de locomoção. Nesse período, inicia-se a era das navegações.

Trata-se, assim, de considerar que os indivíduos da época se interessavam pelo saber da cultura clássica. O homem se entende como um ser capaz, que acredita no livre arbítrio, tomando a rédea da própria vida e o seu destino esse sujeito sem correntes da religião é o homem iluminista.

O homem iluminista² era a pessoa empenhada em entender a realidade centrada na razão humana, que apresentava o desejo pelos mistérios, tesouros e novidades. Foi a busca por aventuras que propiciou a descoberta do mundo novo.

O novo comportamento da sociedade também se dá por intermédio do pensamento antropocêntrico⁵. Esse pensamento propõe o indivíduo como centro do universo, para além do caminho orientado por Deus, pois sua caminhada não era mais definida pelo um ser supremo. Nesse período, as determinações desse sujeito era a de tecer o próprio destino, sem a influência da igreja e das condenações divinas.

² Iluminismo - Linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana. Nesse sentido, Kant escreveu: "O I. é a saída dos homens do estado de *minoridade* devido a eles mesmos. *Minoridade* é a incapacidade de utilizar o próprio intelecto sem a orientação de outro (ABBAGNANO, 2007, p. 534-535).

⁵ Concepção que situa e explica o homem como o centro do universo (JAPIASSÚ, 2001, p. 15).

A confiança adquirida pelo cidadão resultou em oportunidades de realizar viagens com objetivo de aventuras.

Nesse momento, as viagens de aventuras também ofereciam chances para o acúmulo de conhecimentos, de culturas e de línguas diferentes, pois o homem humanista tem o desejo do saber.

Em vista desse interesse, surgem possibilidades de socializar a descrição das viagens dentro da Europa. O lançamento do livro o “*Le guide des chemins de France*” foi o marco no turismo. O livro com data de 1552 utiliza a palavra “*tours*” que descreve a ida e volta de um determinado lugar.

A palavra *tour* é de origem francesa, como muitas palavras do inglês moderno que definem conceitos ligados à classe privilegiada. Isto aconteceu porque, durante o tempo em que a Inglaterra esteve ocupada pelos franceses (normandos, séculos X até o XIV) a corte passou a falar francês, e o inglês escrito quase desapareceu. A palavra *tour* quer dizer volta e tem seu equivalente no inglês *turn*, e no latim *tornare*. (BARRETTO, 2003, p. 43).

A sociedade moderna propõe o foco no tempo de trabalho, visto que o tempo do lazer é interpretado como um aspecto negativo, pois o lazer era associado ao ócio, à preguiça (Aristóteles).

No entanto, o turismo passou a ter importância com a conquista do direito para descanso e a possibilidades do convívio social do trabalhador das fábricas inglesas (MOESCH, 2012).

Vale ainda destacar que o surgimento do termo turismo ocorreu na Inglaterra, o berço da industrialização, em um pequeno dicionário de Oxford, English Dictionary (1950), em 1800: “Turismo: a teoria e prática de viajar, deslocar-se por lazer” (FUSTER, 1974 *apud* MOESCH, 2004, p. 17).

Trata-se, assim, de considerar o turismo como algo que nasceu da produção industrial, sendo parte da indústria econômica de produção.

Ao contrário do que se espera, o turismo pode ser visto em outra perspectiva, como fenômeno social do processo humano, entrelaçado de valor simbólico de ressignificação das relações entre os sujeitos e o espaço (GASTAL e MOESCH, 2007).

Na possibilidade de contribuir na construção do saber do turismo como processo de conhecimento, surge um novo contexto de análise dentro da abordagem qualitativa, referendada pelas ciências sociais, fundamentada na essência de um fenômeno que exerce uma força crescente sobre a compreensão da subjetividade social.

Enfim, para compreender a concepção de turismo em um conceito baseado no processo complexo no qual a realidade atravessa.

O turismo constitui-se num fenômeno sociocultural de valor simbólico aos sujeitos que o praticam. O sujeito turístico consome o turismo, por meio de um processo tribal, de comunhão, de re-ligação, de testemunho, em um espaço e tempo tanto real como virtual, desde que possível de convivência, de presenteísmo. O valor simbólico, perpassado pela comunicação tátil deste fenômeno, reproduz-se, ideologicamente, quando os turistas comungam de sentimentos reproduzidos pela diversão, e quando há a possibilidade de materialização do imaginário, por vezes individual, em *societal* (MOESCH, 2012, p. 134).

Vale destacar que esta abordagem de turismo apresenta uma extensa compreensão desse fenômeno. A primeira, que o sujeito que viaja se aproxima de diferentes culturas de sociedades similares ou heterogêneas à sua. A segunda visão se apresenta como possibilidade de interação, comunicação e envolvimento do sujeito visitante em participar e adquirir conhecimento com outros sujeitos moradores que o acolhe em sua cidade. A ideia de consumo vem da ação de interagir sujeitos e espaços, uma forma de estar presente no tempo e na cidade do sujeito morador, o sujeito visitante com sentimento de prazer idealizado pelo imaginário da viagem (MOESCH, 2002).

A partir da noção de turismo, nota-se que o turismo como conhecimento apresenta-se no campo de saber, com novos paradigmas para a formação do sujeito em seu tempo livre.

Nesta pesquisa, consideramos o turismo como um fenômeno social estudado numa perspectiva multidisciplinar.

Vale destacar que o turismo pedagógico pode ser referido como segmentação, compreendido pelo Ministério do Turismo como uma expressão para fins de planejamento, gestão e mercado; como característica de um produto turístico, no qual essa pesquisa não se incorpora.

Ao entender o conceito de turismo contemporâneo, como princípio fundante do “humanista e humanizante, que permite novas e instigantes questões para pensar a atividade” (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 16), compreendemos que a atividade turística se integra diretamente aos conceitos de cidadania.

Vale destacar que essa atividade vem sendo vista, nesta pesquisa, como uma reflexão constante do novo comportamento humano, ou seja, comprometimento ético, de cidadania e solidariedade entre o visitante e o morador (GASTAL e MOESCH, 2007).

A atividade turística humanizante⁶ apresenta um olhar em direção às novas vivências que ampliam os saberes de sujeitos participantes desse deslocamento em sua cidade. Esse deslocamento pressupõe tempo e espaço diferentes de sua aprendizagem cotidiana. Tornando assim uma ação de formação a cidadania.

O pleno exercício da cidadania supõe direitos civis, direitos políticos (Participação no poder por meio do direito de associação, de livre expressão e prática políticas), direitos sociais (regulamentação do trabalho, aposentadoria, alimentação, habitação, saúde e educação) e direitos culturais (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 31).

A cidadania é aqui entendida como participação do sujeito e conquista do direito à vida no sentido pleno de seus direitos civis, políticos e sociais, algo que precisa ser construído coletivamente, desde o atendimento às necessidades básicas até o acesso e valorização à cultura, em todos os níveis da existência, incluindo o usufruto de todas as possibilidades que sua cidade oferece.

Esse encontro de Turismo e Cidadania pode possibilitar a formação cidadã desse sujeito, como também desempenhar um papel importante na apropriação da cidade por parte de seu morador.

O turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõe o deslocamento dos sujeitos em tempo e espaços diferentes daqueles do seu cotidiano. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do seu cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novo comportamento diante da busca do prazer (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 11).

⁶ Reencontrar-se como sujeito e liberar-se é todo o sentido do compromisso histórico. Já a antropologia sugere que a “*práxis*”, se humana e humanizadora, é a “prática da liberdade” (FREIRE, 2014, p. 23).

Face ao exposto, esse conceito apresenta outra abordagem de atividade que se aproxima da raiz epistemológica da nova ciência, isto é, o turismo como fenômeno social ligado ao deslocamento com subjetividade e interação entre sujeitos humanizados, sejam eles moradores ou visitantes.

A interação entre sujeito habitante e sujeito turista e o espaço em que mora e visita, nessa perspectiva o território tem um significado concreto e simbólico. O território concreto representa a cidade com ruas, casa, comércio e locais públicos de lazer; e o território simbólico se apresenta dentro de cada sujeito e sua subjetividade, a imagem que o inconsciente faz e atribui ao espaço que mora ou ao local a ser visitado, promovendo ao morador em relação à subjetividade, a sua cidade ligada ao desenvolvimento da cidadania no indivíduo.

O turista cidadão, nesse ponto, é o sujeito que descobre ou redescobre a sua história de morador ligada à história da cidade e se apropria do espaço, por meio da re-ligação com a sua realidade.

Esse sujeito turista cidadão ou ainda estudante que participa de um passeio escolar turístico experimenta novos olhares e comportamentos frente à localidade em que mora, dado que o processo de estranhamento do que é cotidiano depende da mobilização afetiva desencadeada no sujeito.

O passeio escolar turístico tem o propósito de desenvolver no estudante a afetividade, vivência e preservação dos valores culturais na cidade em que vive.

Uma das ações do currículo do ensino fundamental – anos iniciais - da área de ciências humanas é compreender a sociedade, tempo e espaço, para uma conscientização e vivências dos valores culturais (SEEDF, 2014b).

Nesse contexto, o ensino da História se relaciona à constituição da noção de identidades individuais, sociais e coletivas que envolvem o conhecimento histórico local e do cotidiano, do eu e do outro, dentro de um espaço temporal, enquanto o da Geografia busca explicar e compreender relações entre sociedade e natureza, nas quais os indivíduos estão inseridos, compondo a paisagem e o espaço geográfico (SEEDF, 2014b, p.100).

A conscientização ambiental e a identidade com a localidade em que mora estabelece bases sociais para uma nova relação, uma nova forma de perceber a cidade que habita com o reconhecimento dos seus valores histórico-culturais.

O currículo coloca, entre um dos seus objetivos, que “o sujeito é o construtor de seus espaços e o faz a partir de suas vivências e experiências, individuais e sociais” (SEEDF, 2014b, p. 100). Assim, esse sujeito estudante que experiencia as vivências, tais como o passeio escolar turístico, pode construir um espaço comprometido com a valorização da cultura e com as necessidades básicas da cidade que habita.

“A cidade boa para o turista seria aquela que é boa para os seus cidadãos” (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 16). Conscientizar, sensibilizar e difundir a importância da participação cidadã é elemento fundamental para a formulação das ações que valorizem o cuidado com a cidade e a cultura local. Portanto, “a postura cidadã leva as pessoas a se tornarem protagonistas no processo de decisão sobre que tipo de turismo e de turista com os quais estão dispostos a compartilhar seu próprio espaço de vivência” (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 16).

As vivências motivadas por novas experiências subjetivas, em um só lugar, pode acolher o morador e o sujeito visitante contemporâneos (GASTAL e MOESCH, 2007).

O passeio escolar turístico pode promover no estudante uma interação com a cidade e comunidade. De acordo com os princípios do currículo escolar, que coloca esse estudante como parte fundante na aprendizagem da área de ciências humanas, o educando “não é um ser isolado no mundo, mas goza de uma autonomia relativa, que está relacionada a seu estar no mundo. Desta forma, sua aprendizagem acontece com o desenvolvimento de sua subjetividade construída por experiências vividas” (SEEDF, 2014b, p. 100) – interação do sujeito com o mundo, a cidade e o outro sujeito, o visitante, e o próprio morador.

Tal ação social crítica diz respeito ao exercício da cidadania como processo inventivo de cada um e de todo, de forma que possamos ter as mesmas condições comuns, rígidas nas normas legais de que possamos fazer uso igualmente. (MANZINI-COVRE *apud* GASTAL e MOESCH, 2007, p. 32).

Tendo em vista os aspectos apresentados, a formação de um turista cidadão se faz importante mediante a participação ativa na construção de uma cidade com desenvolvimento social, político e cultural, com práticas histórico-sociais do sujeito morador e do visitante.

2.4 FORMAÇÃO CIDADÃ NA PERSPECTIVA DO CURRÍCULO DIALÓGICO

A participação do cidadão como sujeito político pode oferecer ações coletivas para qualidade de vida de sua comunidade e também da cidade em que habita, construindo a cidade com equipamentos básicos de saneamento, saúde, educação, lazer e cultura.

Trata-se assim, a educação valoriza a promoção da cidadania e aborda a formação da população como sujeito político, conforme relata Miguel Arroyo (BUFFA, 2010), um sujeito responsável pela ação consciente enquanto cidadão.

Trata-se assim de um sujeito inserido em uma sociedade contemporânea onde o sistema econômico pode encaminhar o indivíduo para o consumismo, construindo um ser individualista, distante de sua essência.

A essência aborda “uma competência humana essencial que é a de fazer-se sujeito, negando aceitar-se como objeto” (DEMO, 1995, p. 133).

Nesse contexto, é importante “para que se faça um sujeito histórico competente” (DEMO, 1995, p. 136), independente, consciente e crítico, pois um sujeito quando depende dos outros para se manter, não reage e torna-se escravo.

A consciência crítica que convive com a dependência em termo de sobrevivência material é, no fundo ilusória. Portanto, não é sujeito histórico suficientemente competente que não dá conta da carência, implicado nisto um expediente sempre favorável à subalternidade (DEMO, 1995, p. 136).

O sujeito histórico, aqui, necessita também de independência material que garanta sua sobrevivência para que seu pensamento consciente e crítico, construído com fundamentos livres, possibilitem a formação de um cidadão histórico competente.

Ao contrário do que se espera, a sociedade contemporânea incorpora o sujeito mergulhado em um mundo que pode absorver o poder e a dominação. O

resultado a totalidade é um grupo superficial, sem essência, conduzido a uma prisão de produção e consumo. “O que vive na totalidade existe na totalidade” (LÉVINAS, 1997, p. 38). Nesse contexto, o sujeito que nasceu e cresceu sendo moldado e oprimido vê o mundo à sua volta sem complexidade de forças e intencionalidade que o faz ser oprimido.

Esse sujeito oprimido, que vive para legitimar a busca incessante da supremacia para os poderosos de forma inconsciente, é o sujeito inocente (LÉVINAS, 1997), o sujeito é ludibriado por uma força poderosa que não o deixa descobrir a realidade das intenções da elite, pois esse mundo que não é dele, no entanto, lhe é oferecido e ensinado diariamente no seu cotidiano para despertar a necessidade de continuar oprimido.

Vale a pena destacar que “a inocência comporta uma relação entre seres e o engajamento numa totalidade” (LÉVINAS, 1997, p. 41). O sujeito inocente não se sente escravo desse mundo que ele move para o outro, se sente engajado na construção desse sistema, pois o seu papel, nesta sociedade, é de um ser prestativo, porque tem a fé que o seu tempo de realizações materiais chegará.

O inocente ou oprimido é fruto de uma formação dominante, de um sistema social, a família, a educação e a mídia, além de uma série de aparatos que movem a ideia de mundo com igualdade de oportunidades.

A formação do indivíduo, sujeito pensante e crítico, parte da reflexão sobre o conjunto de características que possibilitam a formação desse homem, em sujeito consciente, ético, responsável e sensível na busca do combate desse sistema. Observa-se que as características são pilares importantes e fazem parte essencial na formação desse sujeito como cidadão, na visão teórica de Freire, Demo e Lévinas.

Portanto, inicia-se esta reflexão entendendo profundamente como se estrutura o sujeito consciente, ético, responsável e sensível na formação cidadã.

Dentro dessa ótica, a consciência é um aspecto importante para formação de um sujeito pensante, porque:

O pensamento começa, precisamente, quando a consciência se torna consciência de sua particularidade, ou seja, quando concebe a exterioridade para além de sua natureza de vivente, que o contém; quando ela se torna consciência de si ao mesmo tempo que consciência da exterioridade ultrapassa a sua natureza... (LÉVINAS, 1997, p. 40)

Nessa linha de raciocínio, pode-se considerar que o pensamento contribui para a formação de um sujeito crítico, em razão da reflexão levá-lo à consciência de sua existência para além da natureza biológica, ele se reconhece com parte da sociedade, a exterioridade. Contudo, observa as ideias com criticidade, combate as formas homogêneas de pensar a sua vida com o outro. Vê com profundidade as ações cotidianas, questionando a intenção.

Portanto, esse processo de tomada de consciência pode ser simultâneo, o ter consciência de si e ter consciência do outro. Pois, o pensamento pode ser o princípio da consciência do eu que difere do outro e também se assemelha.

Considerando o princípio defendido, Paulo Freire define que “a consciência é, em sua essência, um ‘caminho para’ algo que não é ela, que está fora dela, que a circunda e que ela aprende por sua capacidade ideativa”. (FREIRE, 2014, p. 77).

Ao observar os princípios defendidos, a consciência é um caminho para realização de ideias que possibilitam o sujeito a refletir a sua realidade em movimento e novamente mergulhar em si para novamente realizar esse movimento circular. “Auto-reflexão as levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras” (FREIRE, 2009, p. 44).

A tomada de consciência crítica pelas pessoas pode ser realizada por meio de autorreflexão, que consequentemente o fará internalizar a história, empoderando o sujeito de sua própria história.

A história, segundo Lévinas, está presente nas inteligências, no pensamento científico, na racionalidade que leva o sujeito a refletir o mundo no qual está inserido, simultaneamente espelhando outro mundo para, em seguida, voltar para si, para sua própria consciência.

Esse encontro entre o sujeito consciente, o outro e o mundo possibilita a formação de um sujeito consciente de sua vida fora da lógica predominante do poder, desenvolvendo o sujeito humanizado.

O sujeito humanizado está imerso nessa civilização, em constante movimento para possibilitar construções sociais e levar o indivíduo à sua própria superação. Esse sujeito contribui para o mundo em que vive.

Vale destacar que o sujeito não está no mundo, ele está com o mundo (FREIRE, 2009).

“Travar relações permanentes com este mundo, de que decorre pelos altos de criação e recriação, o acrescentamento que ele faz ao mundo natural” (FREIRE, 2009, p. 112). Na interação com outro, no debate sobre o mundo, o sujeito nasce ou renasce no encontro com o outro. O sujeito e o outro já não são os mesmos ao interpretar a realidade que o envolve. Este mundo (realidade) também se modifica na visão dos sujeitos, em um constante movimento que surge desta relação de interação com o sujeito, o mundo e outro, nesse processo de dialogia que produz conhecimento.

Outro ponto a ser destacado é sobre a formação do cidadão, é que ela está também calcada na responsabilidade.

A responsabilidade pode ser entendida como um convite à interação com o outro, assim “(...) é preciso neste chamado à responsabilidade do eu pelo rosto que o convoca, que o suplica e que reclama, que outrem é o próximo do eu” (LÉVINAS, 1997, p. 237-238), ou seja, a responsabilidade pode estar expressa na convivência justa com o humanismo, na responsabilidade pelo outro, na generosidade, a alteridade e a subjetividade recebida do rosto, a racionalidade, as normas, que podem se tornar promovedor da paz e do bem para todos.

Mas a ordem da justiça dos indivíduos responsáveis uns pelos outros surge não para restabelecer esta reciprocidade ente o eu e o seu outro, mas por causa do terceiro que, ao lado deste que me é um outro e me é também o outro. (LÉVINAS, 1997, p. 295).

O que se defende, a procura de assumir a responsabilidade pelo outro, anunciada no rosto, é necessário que o sujeito torne-se humano com o outro, ou seja, com o próximo. Parte da responsabilidade, indicada no rosto do outro e também no meu rosto, na face a face da vida cotidiana, e onde se tem o processo de alteridade. Esse processo indica que há responsabilidade entre os outros, ou seja, a responsabilidade de um sujeito pelo outro sujeito, uma responsabilidade individual e coletiva, simultaneamente.

Vale esclarecer que o processo de alteridade, ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro (ABBAGNANO, 2007, p. 34-35). A definição, a alteridade

apresenta o eu integrado ao outro, o que possibilita um importante movimento para sociedade formar, construir um sujeito consciente.

Ainda, na mesma direção, a responsabilidade de cada sujeito pode possibilitar, afetar uma construção coletiva.

(...) referindo a responsabilidade, exige que o homem tenha de tomar a miúda decisões em problemas, grandes ou pequenos que afetam interesses alheios participantes do homem, ou a seus próprios, com os quais, porém, se sentem comprometidos (Weil, Simone). É exatamente por isso que a responsabilidade é um dado existencial. (...) a responsabilidade participante do homem, característica do assistencialismo, que leva suas soluções a contradizer a vocação da pessoa em ser sujeito (...). (WEIL *apud* FREIRE, 2009, p. 66).

Observa-se que a responsabilidade possibilita ao sujeito constituir-se como sujeito, pois ser responsável pelo outro pode ser também uma condição para existir.

O movimento de aceitação pelo homem é de sua total responsabilidade. Esta luta não se justifica apenas em ter liberdade para comer, mas “liberdade para criar e construir, admirar e aventurar-se”. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável” (FREIRE, 1987, p. 31).

A responsabilidade apresenta-se como uma característica fundamental para formação de um sujeito cidadão, entretanto a formação cidadã exige, ainda mais, fundamentos além da consciência crítica e responsabilidade.

Assim, ao partir do entendimento da relação com o outro e o mundo, a responsabilidade atinge a ética.

A ética pode permitir que o sujeito constitua-se na convivência com as diferenças, pois compartilhar o amor existente, olho no olho, exige de cada sujeito, nesse processo, a responsabilidade com o outro.

O sujeito histórico social, em sua educação cidadã, necessita de “uma rigorosa formação ética” (FREIRE, 2015, p. 34), que o tornará competente em comparar, valorar, intervir, escolher, dedicar e romper com ações que distancie o sujeito da sua essência humana, pois o ensino do conhecimento está unido à formação moral, não podem tornar-se alheios o conteúdo e a ética (FREIRE, 2015).

A ética Freiriana se fundamenta em ‘pensar certo’. “É que todo pensar certo é radicalmente coerente” (FREIRE, 2015, p. 35), possibilitando realizar mudanças

operadas que demandam profundidade na “compreensão e na interpretação dos fatos” (FREIRE, 2015, p. 35).

Esse processo ético pode ter a função de produção de significados para desenvolver uma sociedade mais humanizada, voltada para a real igualdade de oportunidades.

Além do mais, os desafios do ser humano é o de entender o que não se entende no outro, conhecer o ente, o ser, ou algum outro, ter uma definição que venha descrever o ser humano. Aqui fica bem claro o propósito em relação à ética, pois, ao olhar o outro sujeito, pode-se guardar uma distância, uma distância de respeito pelo que o outro é e representa (LÉVINAS, 1997).

Outro ponto a ser destacado, e não pode deixar de ser entendido, é que a cidadania compreende a dimensão da sensibilidade.

A dimensão proposta se justifica por aprofundar no sentimento, buscando despertar no sujeito a sensibilidade, a compreensão da importância das diferenças e similaridade pelos semelhantes, revelado no rosto de cada sujeito. O contato do olho no olho que se manifesta no rosto, no intuito da condição de relação de acolhimento do outro.

Para dar maior transparência ao que foi exposto, propõe-se, a dimensão da sensibilidade na formação cidadã, que o sujeito deve estar aberto para o outro, compartilhar o olhar, face a face. A sensibilidade pode ser o caminho para a relação e compreensão entre sujeitos que se tornam acolhedores do outro. Estimula uma mudança interior do indivíduo, em busca de um mundo melhor no qual está incluído (LÉVINAS, 1997).

Nessa perspectiva, a ênfase que tem sido dada na vida humana é uma realidade concreta por meio da linguagem universal, pois a ação de falar é o encontro inter-relacional humano que permite a abertura para novas descobertas do mundo. A linguagem permite a expressão do outro em seu ser, esse seu ser exposto no outro.

“Por isso, só o diálogo comunica” (FREIRE, 2009 p.115). A interação entre os sujeitos nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança, ou seja, sentimentos capazes de permitir a formação do cidadão comprometido com a comunidade que habita.

Assim sendo, consegue criar entre o eu e o outro uma possível convivência com as diferenças. A vivência, face a face, no espaço de variedades, possibilita a descoberta da linguagem vinculadas com a cultura e a sociedade.

Como resultado da associação entre sociedade e cultura, surge o desdobramento da alteridade humana, o processo da alteridade é construído por meio da linguagem, a fim de possibilitar a criação ou a transformação da realidade que o cerca, isto é, uma aproximação.

Aproximação do mundo possibilita a formação do sujeito, ou seja, o mergulho em si propicia uma imersão consciente no mundo à sua volta e o leva novamente a uma reflexão.

Ademais, esta representação possibilita ao sujeito uma experiência reflexiva, ou mesmo a tomada de consciência que proporciona a formação de um cidadão na perspectiva humana.

Diante destas considerações, a representação como imaginação humana na perspectiva da criação humana também dá sentido ao indivíduo de sua própria existência, pois os desafios estabelecem sentido às ações referentes à realidade do sujeito.

Cabe frisar que Lévinas aborda a formação do sujeito, evidenciando a interação entre os sujeitos, no qual a consciência da existência de si faz parte da existência do outro. Esse processo simultâneo de existência do eu e o outro faz parte de um movimento de formação do sujeito que também pode ser reconhecido interiormente no coletivo em que vive.

Com base nos princípios de Paulo Freire, “a distância social existente é característica das relações humanas no grande domínio não permitir a dialogação.” (FREIRE, 2009, p. 78). Face ao exposto, o diálogo, a linguagem, são considerados representações do fazer humano, ou melhor, representações humanas.

Nesse contexto, é pertinente considerar-se não apenas o que significa representação, como também frisar a capacidade humana de imaginar, de criar um mundo diferente do contexto biológico e natural, construindo assim um sujeito humanizado, justo, esperançoso e pacífico.

Em suma, um sujeito humanizado, pacífico e empoderado da sua história e do lugar em que habita, como relata Miguel Arroyo que “o povo vai construindo a

cidadania e aprendendo a ser cidadão nesse processo de construção. O povo é agente de sua construção como sujeito histórico.” (BUFFA, 2010, p. 84).

Diante da realidade, “o sujeito emancipado luta pelos próprios direitos, porque faz parte de sua competência perceber que o direito não é dado, mas conquistado” (DEMO, 1995, p. 156), proporcionando, assim, uma formação cidadã calcada no combate a permanência do sujeito como objeto de manobra das elite.

A emancipação do sujeito na formação cidadã se torna fundamental quando se trata de uma sociedade mais humana, dignifica as relações de mercado que dá a luz a uma competição menos selvagem (DEMO, 1995).

Com isso pretendemos dizer que é fundamental educar o processo emancipatório, para que não reflita apenas as relações concorrençiais de mercado. Assim, civilizar o mercado há de incluir também e principalmente um tipo de emancipação que discipline o desempenho e a concorrência, em favor de uma sociedade mais humana (DEMO, 1995 p. 157).

Dentro da perspectiva da formação da cidadania, o sujeito ativo reivindica uma cidade com estrutura coletiva de qualidade, tais como, saneamento básico, transporte urbano coletivo, segurança, educação e espaços que possam valorizar a cultura, equipamentos de lazer, tornando o lugar que se habita em uma acolhedora cidade aos moradores e aos visitantes.

2.5 NOVAS EXPRESSÕES PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO CURRÍCULO

Atualmente, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal “propõe o currículo como um instrumento aberto em que os conhecimentos dialogam entre si, estimulando a pesquisa, a inovação e a utilização de recursos e práticas pedagógicas mais criativas, flexíveis e humanizadas” (SEEDF, 2014b, p. 21).

Esse documento pode ser considerado uma diretriz para os docentes nortearem sua prática pedagógica dentro das várias realidades das instituições educacionais.

O currículo surge como instrumento aberto e norteador do trabalho escolar. Um dos eixos da sua essência, o campo político pedagógico, vem sendo utilizado com o propósito de produzir conhecimento para melhor explicar a realidade.

O Currículo pode ser visto como uma questão de saber, poder e identidade, que possibilita a construção de uma educação capaz de formar não só um profissional, mas um sujeito, um cidadão, um ser. Portanto, currículo é documento de identidade (SILVA, 2014).

Nesse contexto, os pressupostos teóricos do Currículo em Movimento auxiliaram na construção de um currículo em movimento, um “documento de identidade” da educação do DF. (SEEDF, 2014b).

O currículo escolar pode ser motivador por direcionar a didática, no sentido de planejamento ou ação e avaliação, conseqüentemente é quem orienta as liberações dos sistemas educacionais.

A Lei de Diretrizes e Bases (1996) estabelece que o documento ofereça uma educação universal que solucione a realidade diversificada deste país de dimensões continentais, que é a pátria brasileira; que aborde temas interdisciplinares com os estudantes, tais como: educação ambiental, educação financeira, consciência negra, combate ao sexismo, respeito à diversidade humana, dentre outros.

O currículo envolve conteúdos transversalizados, em determinadas áreas, que constituem uma necessidade de um trabalho mais significativo e expressivo de temáticas sociais na escola. “Os eixos transversais favorecem uma organização curricular mais integrada, focando temas ou conteúdos atuais e relevantes socialmente e que, em regra geral, são deixados à margem do processo educacional” (SEEDF, 2014b, p. 36).

Pois, “(...) o texto curricular conserva, de forma evidente, as marcas da herança colonial” (SILVA, 2014, p. 102-103). Assim, é essencial construir um currículo que possa desenvolver reflexões que facilitem e integrem as ações de modo contextualizado sobre temas complexos da sociedade atual com alternativa nos eixos transversais: educação para a diversidade, educação para a cidadania, educação para a sustentabilidade e educação para e em direitos humanos (SEEDF, 2014),

Estas temáticas do currículo, em torno do qual organizam-se as disciplinas, atua como um eixo unificador. Desse modo, devem ser trabalhados de modo coordenado e contextualizado, a fim de que o debate sobre ideias de cunho social construa significados e atribua sentido à aprendizagem, através da

interdisciplinaridade e transversalidade nas áreas de sustentabilidade ambiental, direitos humanos, respeito, valorização das diferenças e complexidade das relações entre escola e sociedade (SEEDF, 2014b).

O currículo se apresenta na seguinte organização:

Eixos Transversais

- a) Educação para a diversidade/cidadania
- b) Educação em e para os direitos Humanos
- c) Educação para a sustentabilidade

Toda educação básica se apoia nas abordagens e caminha com os eixos integradores específicos para os anos iniciais.

Alfabetização/letramentos/ludicidade

Linguagens - língua portuguesa, arte, e educação física

Matemática – geometria, medidas e grandezas, tratamento da informação.

Ciências Humanas – ambiente, ser humano e saúde, recursos tecnológicos

Ciências Humanas - história e geografia

Ensino religioso – alteridade e simbolismo religioso

No contexto da formação para cidadania na educação básica, as áreas de conhecimentos norteiam a ação pedagógica na escola.

No que se refere ao Ensino Religioso, este não é o foco desta pesquisa, mas vale destacar sua importância, no documento supracitado, quando o assunto é a valorização da diversidade religiosa presente nas famílias e comunidades.

O conteúdo, como instrumento pedagógico, restitui, sistematiza e compõe a população aqueles elementos que lhe passaram desestruturados. (FREIRE, 2014). “Esta inquietação em torno do conteúdo do dialógico é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação”. (FREIRE, 2014, p. 95-96).

Conforme a proposta curricular dialógica com base nas concepções de Paulo Freire, a compreensão dos conceitos que tecem a construção do currículo dialógico vem ao encontro da possibilidade de promoção da educação de qualidade, igualitária.

Nesse contexto, o conhecimento parte das experiências sociais do sujeito. Expande-se, em sentido mais amplo, almeja colocar sob sua jurisdição os determinantes das crenças, das ideologias, em especial, o conhecimento científico.

Dando continuidade a reflexão, o conhecimento é o saber que a humanidade vai estruturando, mediante o convívio entre os indivíduos e o mundo em que habitam.

Nesse sentido, o acúmulo de conhecimento com o desenvolvimento humano, se fez imprescindível na sistematização do saber. A caminhada no sentido de organizar o conhecimento em um espaço e período, se fez necessário para a composição de um recurso que mediasse o conhecimento, assim construiu-se o currículo.

O currículo surge como importante instrumento norteador do trabalho escolar, um dos eixos da sua essência, o campo político pedagógico, vem sendo utilizado com o propósito de produzir conhecimento para melhor explicar a realidade.

As reflexões que o educador Paulo Freire destaca em sua obra desenvolvem um contexto importante na construção de um currículo participativo, ou seja, dialógico.

Considerando, Paulo Freire (2014, p. 112-113), ao falar do homem dialógico, destaca:

O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico sua fé (...) Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer”

Nessa linha argumentativa, assegura-se que dialogia é um processo de formação do homem e da mulher na perspectiva de poder fazer, criar e transformar a realidade por meio do diálogo.

“O diálogo, como encontro dos homens para uma tarefa comum de saber e agir, se rompe, se seus polos” (FREIRE, 2014, p. 111). O polo, aqui no sentido do poder opressor, a mão invisível que impede o ser humano de construir seu conhecimento e criar, transformar e agir em benefício de uma sociedade mais justa e igualitária.

Sendo assim, pode-se relacionar o processo de poder fazer, criar, agir e transformar as situações concretas com a prática pedagógica que o currículo orienta.

Com o ponto de vista referido, o que se propõe é o currículo dialógico, na perspectiva do processo de reelaboração, ou melhor, criar um currículo que modifica e age em situações concretas de conhecimento para o empoderamento social, tanto dos homens como das mulheres.

Neste sentido, pode-se compreender a importância que Freire cultiva à questão do conhecimento, saber e aprendizagem como processo dialógico. Assim, para efetivar a metodologia, o currículo dialógico torna-se fundamental na construção de uma educação para todos.

(...) enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem (FREIRE, 2014, p. 95-96).

Considerando os princípios aqui defendidos, o objeto de conhecimento proporciona a construção de um currículo dialógico e, nesta ótica, a elaboração do currículo participativo não poderia ser uma doação dos prováveis donos exclusivos do conhecimento sistematizados, elaborando dentro escolar, mas um instrumento didático da ação dialógica de todos os atores, homens e mulheres, que fazem parte das escolas que têm o direito de refletir, de eleger, de escolher, de opinar e de ajudar a construir esse currículo.

Enfim, as ideias apontadas desvelam que o conhecimento e o currículo não pertencem exclusivamente aos dirigentes das escolas, aos professores, mas, ao contrário do que se mostra, devem pertencer aos homens e mulheres que são os sujeitos em formação e indivíduos responsáveis por produzirem o saber. Diante disso, estes devem ser chamados a construí-lo e a problematizá-lo.

Cabe esclarecer que o currículo dialógico, como um encontro de práticas pedagógicas e conhecimentos, não pode simplesmente ser aplicado ou consumido (FREIRE, 2014).

É preciso entender que a construção democrática do currículo, a partir da própria ideia Freiriana de democracia é a participação do povo no poder, é o conhecimento conquistado por todos. Abolindo a separação entre os que sabem e os que não têm conhecimento, tal como existe a separação entre as elites e o povo,

são apenas consequências da trajetória histórica do Brasil, que podem e devem ser transformadas (FREIRE, 2009). A construção deve ser participativa e envolver todos os sujeitos do processo educativo, apresentando o registro pertinente a uma pedagogia dialógica e crítica-reflexiva.

2.6 CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL

A necessidade de promover o currículo coletivo/participativo praticado pelos protagonistas da educação escolar teve início, em 2011. Surgiu de um movimento coletivo que envolveu professores(as), estudantes, coordenadores(as) pedagógicos, gestores dos níveis local, intermediário e central para discutir o Currículo (SEEDF, 2014b, p. 17), em conformidade com o compromisso social, político e cultural, que é o processo de uma das propostas de Freire que adquire concretude com a participação popular.

Essa experiência se realizou durante o ano de 2011, em todas as unidades escolares, por meio de plenárias. As assembleias foram realizadas em 14 Regiões Administrativas (RA). Como relata o próprio documento, foi “de caráter experimental, e propôs uma nova estruturação teórica e metodológica desse importante instrumento entendido como campo político-pedagógico construído nas relações entre os sujeitos, conhecimentos e realidades.” (SEEDF, 2014b, p. 17).

Logo por consequência, o que se propôs foi um sistema de reflexão e elaboração coletiva, que resultou no intitulado Currículo em Movimento, um currículo participativo que pode:

(...) Na perspectiva de Currículo em movimento, precisamos estar dispostos a questionar nossos saberes e nossas práticas pedagógicas; a discutir a função social da escola e o aligeiramento dos saberes; a romper com a concepção conservadora de ciência e currículo e de fragmentação do conhecimento; a reinventar-nos, compreendendo que a educação é construção coletiva (SEEDF, 2014b, p. 19).

Para entender melhor como o currículo dialógico é capaz de alcançar sucesso progressivo da caminhada, é fundamental a apropriação, essencialmente, do poder fazer na construção curricular, criar e transformar práticas pedagógicas

desassociadas da realidade e dos cotidianos de todos os que estão inseridos e interagem no processo de educação, oferecidos nos diferentes trabalhos ligados ao saber da experiência com os sujeitos protagonistas da atividade educativa, principalmente da maior parte do povo que utiliza a educação das escolas e cursos públicos.

Considerando o defendido, o Distrito Federal iniciou uma jornada de trabalho para democratizar o currículo:

(...) nova estruturação teórica e metodológica desse importante instrumento entendido como campo político-pedagógico construído nas relações entre os sujeitos, conhecimento e realidade. Nesse processo dinâmico e dialético, novos saberes são concretizados a partir de saberes produzidos pelas ciências, sendo educandos e educadores protagonistas na elaboração, desenvolvimento e avaliação dos processos de ensinar, aprender e avaliar na educação básica, tendo o Currículo como referência (SEEDF, 2014b, p. 17).

Para dar melhor visibilidade ao que foi descrito, a construção democrática do currículo, no cotidiano das camadas populares, é realizado nas relações dos indivíduos por intermédio de seus membros partícipes, junto com todo o entendimento sistemático, ou seja, conhecimento científico gerado pela escola de um currículo que evidencia o pertencer a todas as pessoas que praticam o processo de construção, mostrando, em seus discursos, suas necessidades, expressões artísticas, desejos e sonhos.

Considerando o discurso, o campo adequado para o desenvolvimento da educação pode superar o combate à educação bancária, (explicada por Paulo Freire) que favorece o fracasso escolar, a repetência, a evasão escolar, como também incentiva a massificação acelerada da escola, incrementando a desqualificação da educação pública.

Portanto na linha de pensamento, em relação ao conhecimento, a construção do currículo participativo ou dialógico e sua aplicação coletiva podem vir a desenvolver a relação individual e de coletividade de um sentimento mais amplo de pertencimento em relação ao processo educativo ou escolar. Em outras palavras, se a comunidade escolar, pais e dirigentes, professores e sujeitos partícipes, em geral, se empoderarem do processo de elaboração de construção do conhecimento

da educação sistematizada ou não, seja ela dentro da escola ou não, o processamento lhes pertence, não considerando-se outras organizações, tais como as instituições governamentais, como o MEC, Secretaria de Estado de Educação e Secretaria Municipal de Educação.

E, ainda, em relação a essa situação, vale mencionar que as entidades governamentais exercem o papel de centralizar e gerenciar as políticas públicas a serem implementadas, assim como, deveriam assegurar a organização da construção do currículo dialógico.

Voltando ao exemplo aqui ilustrado, do currículo participativo da educação do Distrito Federal, vale destacar dois pontos do currículo a serem analisados, a implementação e avaliação.

Dessa forma o documento se propõe:

A concretização deste Currículo se dará a partir do projeto político-pedagógico das escolas, como expressão de sua intencionalidade. Projeto que deve ser construído de forma Participativa e democrática, envolvendo todos os sujeitos que fazem a educação acontecer nas escolas públicas do Distrito Federal. (SEEDF, 2014b).

O primeiro ponto deste documento refere-se à implementação que evidencia o fato do currículo se concretizar concomitante com a construção do projeto político pedagógico das escolas e que essa produção participativa envolve todos os segmentos representativos da escola, desde os gestores eleitos, como também toda comunidade escolar, assegurados por lei.

O segundo ponto a ser mostrado, relaciona-se à avaliação, o currículo norteador não tem como pretensão apresentar um caminho definido, mas sim a flexibilidade necessária para as mudanças a cada processo avaliado.

Evidencia-se, no depoimento, a importância do currículo dialógico por ser uma interação constante da comunidade escolar que contribuiu para sua elaboração e tem um papel fundamental para as práticas pedagógicas e suas realidades.

Outro ponto a ser destacado aqui é o diálogo da prática pedagógica com o conhecimento e os temas transversais, a este respeito o currículo do Distrito Federal, O Currículo em Movimento, busca melhorar a qualidade da educação básica, por meio do desenvolvimento do currículo da educação infantil e apresenta-se contemplado em uma linha da Educação e de Direitos humanos.

2.6.1 Educação para sustentabilidade

A procura do conhecimento tem presença garantida no contexto da educação. Porém, em um novo paradigma, cabe perguntar qual o tipo de educação e que forma de saber pode ser construído para solucionar os complexos problemas da existência dos seres humanos no planeta Terra?

As mudanças climáticas, a proteção das grandes fontes de oxigênio e água potável, também a produção de alimentos saudáveis e energia elétrica são questões a serem pesquisadas para manutenção da vida e, principalmente, de uma vida com o real sentido de qualidade, ou seja, qualidade de vida com sustentabilidade.

Nesta ótica, é pertinente refletir o padrão de construção de educação que possa ter como base a defesa da preservação da natureza como um bem integrado à vida humana.

Assim, vale destacar que o currículo do Distrito Federal apresenta, como um dos seus eixos integrados, a Educação para a sustentabilidade.

Como vem sendo destacado neste trabalho, o currículo com preceitos dialógicos utiliza a questão da sustentabilidade como um movimento do paradigma emergente.

Assim, as dimensões social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política e espiritual devem ser observadas em todo momento do processo educativo. A SEEDF compreende que a junção dessas dimensões encaminha para uma cultura da sustentabilidade e para a criação de um novo modelo de sociedade global, da cidadania planetária. (SEEDF, 2014a, p. 62)

Ao pensar a sustentabilidade, em uma abordagem humana, o currículo sugere uma noção de cidadania planetária que nos remete a uma responsabilidade que ultrapassa as fronteiras estabelecidas pela Geografia, estabelece uma relação ética, de modo que os seres humanos alcancem um novo estágio de consciência, autonomia e controle sobre seus modos de vida. (SEEDF, 2014a)

Atualmente, pode ser importante uma nova ação do homem e da mulher no sentido de aproximação do planeta, a caminho de entender e recuperar os significados até então esquecidos em algum lugar no tempo. (SEEDF, 2014a).

2.6.2 Educação para a Diversidade - Relação Étnico-Racial

É importante enfatizar o conceito de Ética segundo o dicionário de filosofia,

(...) tem por objetivo laborar uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral, mas fundada num estudo metafísico do conjunto das regras de conduta consideradas como universalmente válidas... em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las (JAPIASSÚ, 2001, p. 69).

No bojo dessa reflexão, a ética apresenta condutas e regras no comportamento humano, aceitáveis na convivência social, e esclarece as motivações dos sujeitos que aspiram atingir a justiça e a harmonia.

Um outro ponto a evidenciar é sobre o conceito de raça discriminado em outro dicionário, neste ponto compreendido como a "... palavra, deve ser reservada exclusivamente aos grupos humanos dotados de características físicas diferentes, que podem ser transmitidas por hereditariedade." (ABBAGNANO, 2007, p. 834).

Tais considerações apontam que o anunciado raça são características físicas diferentes difundidas pelos grupos humanos nos sujeitos.

Assim, a relação étnico-racial representa um desejo de justiça e harmonias entre sujeitos físicos e culturalmente diferentes.

Seguindo essa linha de pensamento, a educação do Distrito Federal, por meio do Currículo em Movimento, promove um debate sobre a importância da cultura afro-brasileira e indígenas como ações de aprendizagens e sentimento de pertencimento para uma educação de formação humana.

Vale destacar que um currículo empenhado para o desenvolvimento de comportamentos e princípios ajuda a ensinar e aprender os/com estudantes o sentimento de pertencimento, além disso possibilita igualmente a formação de uma nação democrática que tenha a cidadania ampliada e sua identidade valorizada.

Trata-se de considerar que a comunidade escolar, por meio dos movimentos sociais, ajudaram na implantação do debate relação étnico-racial estabelecida na construção do currículo.

Convém salientar que certificou as discriminações e o racismo de qualquer teor, principalmente aos povos indígenas e à população afro-descendente.

2.6.3 Educação no Campo

O Brasil, enquanto um país continental, apresenta em seu território uma conjuntura diversificada no que se refere ao ensino e aprendizagem, ou melhor, à educação.

Se faz necessário atender de forma específica a população brasileira e do Distrito Federal em suas necessidades educacionais de sobrevivência, dessa maneira o currículo promove a educação do campo.

A educação no campo tem o compromisso de atender os agricultores, extrativismo, ribeirinhos, caiçaras, quilombolas, pescadores, seringueiros e outros povos. Essa população carece da educação compactuada com o conhecimento significativo e específico que motive o desenvolvimento intelectual da comunidade, preserve o trabalho e a cultura dos sujeitos pertencentes a essa localidade.

O campo, visto como espaço de produção agrícola e vinculado ao direito de permanência à terra, é evidenciado pelos movimentos sociais de luta pela terra, ilustrado aqui pelo Movimento dos Sem-Terra (MST), que alavanca o debate da importância da educação no campo por uma construção democrática na luta pelo direito à terra, acesso à educação de qualidade e outros, no que tange à formação cidadã.

Em decorrência dessa realidade, o currículo dialógico apresenta a Educação do Campo como:

A principal luta da Educação do Campo tem sido no sentido de garantir o direito de uma educação no e do campo, isto é, assegurar que as pessoas sejam educadas no lugar onde vivem e sendo partícipes do processo de construção da proposta educativa, que deve ocorrer a partir de sua própria história, cultura e necessidades (SEEDF, 2014a, p. 44).

2.6.5 Educação em Gênero e Sexualidade

As questões que envolvem gênero aparecem como um dos temas presentes na vida social.

Desse modo, se faz oportuno o conceito de gênero para compreender as questões que o abrangem. Assim, no entendimento de Saffioti, “o gênero é a construção social do masculino e do feminino (SAFFIOTI, 2004, p. 45).

Isto posto, o conceito de gênero revela que o ser homem ou mulher está diretamente ligado ao papel social que o sujeito é determinado a assumir, tais como: as heranças culturais, comportamentos humanos e suas ações individuais e coletivas.

Parece, portanto, oportuno reproduzir aqui outra definição na mesma linha de argumentação de que:

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1995, p. 7).

Vale destacar que essas compreensões do gênero não explicam todas as desigualdades existentes entre homens e mulheres, uma vez que as heranças do machismo estão presentes na vida cotidiana da sociedade atual, tal característica pode ser explicada pelo patriarcado.

O patriarcado, “como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2004, p. 44).

Compreende-se, assim, nessa linha de pensamento, que é necessário sustentar a forma de emancipação feminina, ou seja, uma luta pela igualdade de oportunidade e respeito às diferenças, entre os sujeitos, sejam eles mulheres ou homens.

A partir dessas reflexões, trabalhar gênero como eixo estruturante no currículo da educação fundamental deve ser compreendido com um viés social, fundamental para uma educação não sexista.

Além disso, o currículo participativo é coerente com o conceito de Saffioti e Scott, quando descrevem sobre gênero como uma construção social e cultural e não

distinções de ordem biológica, ou seja, o ser humano está imerso em uma cultura que o identifica. Seja homem ou mulher.

O currículo dialógico tem como proposta principal o diálogo com os participantes de sua construção que também são atores de uma sociedade que procura o debate das questões sobre gênero e também do movimento feminista.

É oportuno lembrar que o movimento feminista aborda o combate à opressão, defesa da igualdade, a luta do sujeito pela sua emancipação. Aponta uma nova visão para construção de uma abordagem ampla e igualitária, onde os sujeitos, meninos e meninas aprendem que ambos têm os mesmos valores em uma sociedade democrática.

A democracia social com seus desafios atuais e os movimentos feministas se voltam basicamente para desenvolver uma política cultural e de afirmação de diferenças a partir de exigência de justiça e igualdade social e de alargamento da democracia. (ARAÚJO, 2010, p. 69 e 70).

Outro ponto a ser destacado, são as mulheres oprimidas, subordinadas a situação econômica, bem como o racismo e a exclusão (Araujo, 2010). Essas mulheres estão na comunidade escolar, inseridas na parte da sociedade que luta por um processo de igualdade sexual, e necessitam da educação para promover as mudanças e diminuir a opressão e preconceitos.

Nessa perspectiva, o currículo elaborado em 2012 trata da educação não sexista, valorizando o ser humano independente da escolha sexual, classe ou raça.

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia da essência, recusando qualquer explicação pautada no determinismo biológico que pudesse explicitar comportamento de homens e mulheres, empreendendo, dessa forma, uma visão naturalista, universal e imutável do comportamento. Tal determinismo serviu para justificar as desigualdades entre homens e mulheres, a partir de suas diferenças físicas. (SEEDF, 2014a, p. 42).

No contexto particular, a complexidade em que o currículo aborda a questão dos homossexuais masculinos e femininos não apenas explicitam práticas preconceituosas e discriminatórias – misoginia, sexismo, homofobia, lesbofobia, transfobia – (SEEDF, 2014a), como também promove oportunidades para debates de respeito e solidariedade.

Além disso, diante da implementação da Lei do Feminicídio, em março de 2015, que amplia consideravelmente o debate da violência contra a mulher no Brasil, constitui a inclusão desta temática imprescindível no currículo.

Em vista do exposto, os debates sobre as relações de gênero no currículo ajudam na formação dos estudantes e também da comunidade escolar, tornando-os mais conscientes dos problemas sociais e mais sensíveis na busca de novos caminhos contra o sexismo e discriminações em geral.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Em relação ao recolhimento dos dados da pesquisa, levou-se em consideração o propósito de identificar que a prática pedagógica do passeio escolar turístico possibilita a formação cidadã dos estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental e que o currículo escolar constitui o estudo acerca da localidade de moradia do educando. Os instrumentos sugeridos e utilizados na coleta de dados, no decorrer da pesquisa, foram alicerçados no planejamento de ações pedagógicas.

A ação pedagógica, neste trabalho, são encontros dialógicos com os estudantes respaldados na forma de pesquisa-ação, de acordo com o plano de ação que são métodos de ação planejados em caminhadas flexíveis de diálogo sobre o tema, que relacionam a realidade do estudante por meio de um conjunto de objetivos teóricos propostos pelo pesquisador para intervenção pontual nas turmas de 4º ano (THIOLLENT, 2011, p. 79).

Portanto, organizou-se o conjunto de ações mediante a sequência das seguintes atividades: a coleta de roteiro de entrevista, registro individual dos participantes e anotação em diário de bordo, com base nos princípios da pesquisa-ação.

É importante salientar que os mecanismos mencionados para o andamento da pesquisa e a coleta de dados foram preparados na segunda fase do processo de pesquisa-ação, de modo a contribuir no planejamento das práticas educacionais, com o objetivo de planejar ações e implementações nas salas de aulas das respectivas escolas a serem examinadas, a fim de observar, encaminhar e compreender as respostas às dificuldades dos problemas em questão, nelas inerentes, isto é, se o passeio escolar turístico pode proporcionar uma formação cidadã.

Trata-se assim, é importante apresentar a programação estruturada para estabelecer a intenção dessa investigação.

Primeiramente, foram elaborados documentos (anexo I) para solicitação da pesquisa de campo junto à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), por meio do Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE). Posteriormente a entrega dos papéis, neste departamento da SEEDF, a pesquisadora foi encaminhada para as Coordenações Regionais de Educação – (CRE) de duas Regiões Administrativas do DF. Nessa situação, optou-se que seria mais adequado, para as características da pesquisa a ser adotada, a escolha de 2 (duas) escolas classes de ensino fundamental - séries iniciais, em Coordenação Regional de Ensino distintas: a CRE - Sobradinho e a CRE - Plano Piloto/Cruzeiro (anexo I).

Após as autorizações das respectivas CREs, em documentos oficiais, (anexo III), a pesquisadora compareceu às respectivas escolas de Sobradinho e da Asa Norte para identificar-se e solicitar entrevista com as gestoras dos colégios, a fim de sondar a possibilidade de realizar o trabalho de campo no interior dos colégios, tendo o apoio das professoras e dos estudantes do 4º ano A, B e C do ensino fundamental.

3.2 ESCOLHA DO CAMPO

O objeto dessa pesquisa são os estudantes do 4º ano do ensino fundamental que têm, nas disciplinas e distribuição de conteúdos, a compreensão da cultura, da vida social e aspectos econômicos do local onde vivem, para uma formação cidadã (SEEDF, 2014b).

No contexto da pesquisa, o campo de investigação é a escola pública do Distrito Federal, quais sejam: uma Escola Classe de Sobradinho e outra Escola Classe da Asa Norte (são os codinomes das escolas pesquisadas).

A escolha da Escola de Sobradinho consistiu, na realidade da cidade de Sobradinho, que comemorou 52 anos. Ela nasceu com a capital, a “Região Administrativa RA V, desde 1964” (GDF, 2016, p. 20). Criada pela Lei 4545, recebeu na sua ocupação uma migração por volta de 51% (cinquenta e um por cento) de habitantes, predominante do nordeste brasileiro (GDF, 2016).

Outro aspecto importante dessa Região Administrativa (RA) é o de dispor de escolas públicas que oferecem educação do ensino infantil até o ensino médio, e de faculdades da rede particular, serviço não público e pago, para o ensino superior, demonstrando, portanto, diferentes níveis de ensino.

Vale destacar que a pesquisadora trabalhou durante 12 anos em algumas escolas da Região Administrativa de Sobradinho, revelando sua familiaridade e convívio com a cidade, sabe da importância de locais de interesse para a comunidade, tais como o hospital, o teatro, estádio, ginásio, o Parque ecológico Jequitibás, o clube da cidade e o Centro de Tradições Populares – Boi do Seu Teodoro, em síntese são espaços que podem melhorar a qualidade de vida dos moradores e conservar atrações culturais para os turistas e os moradores.

Vale destacar que a divisão política territorial do Distrito Federal apresenta suas especificidades no que se refere a Região Administrativa - RA. Segundo a lei Orgânica do DF (DODF, 2011):

Art. 10. O Distrito Federal organiza-se em Regiões Administrativas, com vistas à descentralização administrativa, à utilização racional de recursos para o desenvolvimento sócio-econômico e à melhoria da qualidade de vida.

Art. 11. As Administrações Regionais integram a estrutura administrativa do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 1993).

Com base neste documento compreende-se que, na realidade, as Regiões Administrativas-RAs funcionam como cidades, com a particularidade de não possuir os governantes eleitos tais como prefeitos e vereadores e, sim, administradores regionais e secretários indicados pelo Governador do Distrito Federal.

A escolha de uma escola da Asa Norte de ensino fundamental foi uma sugestão feita pela banca examinadora de qualificação e aceita pela pesquisadora, em razão da escola fazer parte da cidade de Brasília e seu patrimônio arquitetônico reconhecido mundialmente. A Região administrativa (RA) I Brasília foi inaugurada em 1960, por JK, como a Nova Capital. Com o propósito de abrigar o centro administrativo e político do país, foi projetada por uma equipe de nomes importantes na história brasileira, tais como: o arquiteto Niemayer, o paisagista Burle Marx, o urbanista Lúcio Costa e o artista plástico muralista Athos Bulcão, que realizaram o planejamento da Capital.

Geograficamente, a escola está localizada em uma quadra residencial na Capital Federal, no Plano Piloto, traçada pelo urbanista Lúcio Costa, para atender as crianças da primeira fase da educação que moravam no interior da quadra, próximas de suas moradias, nos apartamentos. Os estudantes, hoje matriculados na escola, não são moradores exclusivos da quadra, cerca de 32% (trinta e dois por centos) dos estudantes do 4º ano que responderam o formulário da pesquisa moram em outras Regiões Administrativas do DF e entorno, (apêndice 1).

3.2.1 Escola de Sobradinho

São matriculados na escola 328 (trezentos e vinte oito) estudantes, e atende da Educação Infantil ao 5º ano. Como uma escola inclusiva, tem estudantes também em processo de inclusão. Pelos documentos da SEEDF (2014), possui dois ciclos de aprendizagem, sendo representado no quadro abaixo:

Quadro 1: Situação do quantitativo de estudantes atendidos na escola de Sobradinho

ANO/ SÉRIE	TURMAS			TOTAL DE ESTUDANTES
	MATUTINO	VESPERTINO	TOTAL	
1º	_____	03	03	48
2º	_____	04	04	86
3º	04	_____	04	85
4º	02	_____	02	41
5º	02	_____	02	43
Classe Especial	01	01	02	03
2º Período	_____	01	01	22

Fonte: elaborada pela autora (2016)

Considerando as informações acima, pode se observar que a escola tem 02 (dois) 4º anos, 01 turma do 4º ano foi pesquisada por diferentes motivos: a) lotação de um ônibus; b) estabelecer interação com a turma e professora; c) diminuir o impacto na rotina da escola.

A Escola de Sobradinho funciona com 02 (duas) pessoas na gestão, eleita pela comunidade escolar. O processo eleitoral aconteceu em 2014 e os gestores foram empossados em 2014. Vale destacar que, ao se candidatar, os gestores se comprometem a construir um Projeto Político Pedagógico inserindo a comunidade escolar, professores, servidores, estudantes e pais.

A unidade de ensino tem uma equipe de trabalhadores de 64 (sessenta e quatro) pessoas: 04 (quatro) pessoas na equipe gestora, 02 (dois) na secretaria escolar, 04 (quatro) na portaria, 03 (três) na segurança da escola, 07 na limpeza, 03 (três) na cozinha, 12 (doze) monitores: 05 (cinco) no Ensino Especial e 08 (oito) na Educação Integral; 01 (uma) orientadora, 01 (uma) Pedagoga, 01 (uma) professora na sala de recursos, 01 (um) professor na informática, 01 (uma) professora na sala de Leitura, 03 (três) professores na coordenação: 02 (duas) coordenadoras pedagógicas e 01 (uma) Educação Integral; 04 (quatro) professores no apoio com restrição no trabalho, 01 (uma) professora de Educação Infantil, 02 (duas) professora no Ensino Especial, 03 (três) professores do 1º, 04 (quatro) professores do 2º, 04 (quatro) professores do 3º, 02 (duas) professoras do 4º, 02 (dois) professores do 5º ano.

A estrutura física da escola atende aos estudantes e equipes de trabalhadores e dispõe de 09 (nove) salas de aulas: 01 (uma) sala do Ensino Especial, 01 (uma) sala para educação Integral, 01 (uma) sala de recursos, (uma) sala de informática, 01 (uma) mecanografia, 01 (uma) sala da equipe pedagógica, 01 (uma) sala de professores com uma pequena copa, 01 (uma) sala de leitura, 01 (uma) sala de direção com banheiro, a sala da secretaria é dividida com a sala com a sala de assistência administrativa, dois banheiros de estudantes, um feminino com 04 (quatro) boxes e outro masculino com 04 (quatro) boxes, 01 (um) banheiro para estudantes especiais, 2 (dois) banheiros de professores masculino 02 (dois) boxes, feminino 02 (dois) boxes, banheiro para servidores da limpeza, banheiro para os servidores da cozinha, 01 (uma) cozinha, 01 (uma) dispensa para alimentos e outra para produtos de limpeza, almoxarifado de material pedagógico, 01 (um) parquinho, um pátio coberto com palco, uma quadra de esporte ao ar livre, com alambrados, e um jardim. Vale destacar que todas as estruturas têm acessibilidade para portadores com dificuldade de mobilidade.

3.2.2 Escola da Asa Norte

Ao contemplar 270 estudantes matriculados em 2016, a escola atende as turmas de 1º ano ao 5º ano do ensino fundamental.

Com 270 (duzentos e setenta) estudantes matriculados, a gestão da escola foi eleita em 2014, porém a vice diretora, por problemas particulares, não permaneceu no cargo e, em 2015, uma professora da escola assumiu o cargo.

Quadro 2: Situação do quantitativo de estudantes atendidos na escola da Asa Norte

ANO/ SÉRIE	TURMAS			TOTAL DE ESTUDANTES
	MATUTINO	VESPERTINO	TOTAL	
1º	02	01	03	53
2º	01	01	02	44
3º	01	01	02	37
4º	01	02	03	59
5º	02	02	04	74
Classe Especial	02	01	03	03

Fonte: Elaborada pela autora (2016)

A unidade de ensino tem uma equipe de trabalhadores de (quarenta e cinco) pessoas: 02 (dois) na equipe gestora, 02 (dois) na secretaria escolar, 04 (quatro) na portaria, 02 (dois) segurança da escola, 04 (quatro) na limpeza, 02 (dois) na cozinha, 02 (dois) monitores, 04 (quatro) educadores sociais, 01(uma) orientadora, 01 (uma) Pedagoga, 01 (uma) professora na sala de recursos, 01 (um) professor na informática, 01 (uma) professora na sala de Leitura, 01 (um) professor na coordenação pedagógica, 03 (três) professoras no Ensino Especial, 03 (três) professores do 1º, 02 (dois) professores do 2º, 02 (dois) professores do 3º, 03 (três) professoras do 4º, 04 (quatro) professores do 5º ano.

A estrutura física da escola atende aos estudantes e equipes de trabalhadores, e dispõe de: 09 (nove) salas de aulas, 01 (uma) sala de recursos, 01 (uma) sala de informática, (uma) sala da equipe pedagógica, 01 (uma) sala de

professores com almoxarifado de material pedagógico, 01 (uma) sala de leitura, 01 (uma) sala de direção, 01 (uma) sala da secretaria, 02 (dois) banheiros de estudantes, feminino e outro masculino, 01 (um) banheiro para estudantes especiais, 1 (um) banheiros de professores, 1 (um) banheiro para servidores da limpeza, 1 (um) banheiro para os servidores da cozinha, 01 (uma) cozinha, 01 (uma) dispensa para alimentos e outra para produtos de limpeza, 01 (um) parquinho, um jardim lateral. Vale destacar que todas as estruturas têm acessibilidade para portadores com dificuldade de mobilidade.

3.3 PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA

O plano de ação se apresenta como uma concepção e organização da pesquisa-ação, aqui o planejamento participativo realiza-se em uma ação pedagógica, uma aula participativa com os estudantes de 4º ano, com a professora e a com a pesquisadora.

A programação das atividades iniciou-se a partir do dia 16 de agosto de 2016, quando foi marcada uma entrevista com a vice-diretora da escola, localizada em Sobradinho. Aconteceu no segundo dia de volta às aulas do segundo semestre, porque, de acordo com o calendário escolar, estava previsto recesso escolar para os estudantes durante o período em que se realizariam os jogos olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro - Brasil.

Na conversa receptiva com a gestora, esta se colocou à disposição de mediar e marcar a conversa com a professora do 4º ano da turma A, para apresentação do projeto de pesquisa e passeio escolar turístico na perspectiva para formação cidadã.

No encontro com a professora da Escola de Sobradinho, dia 23 de agosto de 2016, a pesquisadora apresentou o projeto e o planejamento (apêndice 2) provisório de encontros com a turma. A professora aceitou realizar a pesquisa e respondeu a entrevista semiestruturada (apêndice 3).

Na Escola da Asa Norte, no dia 29 de agosto de 2016, a conversa e entrevista com a Vice-Diretora da escola, da mesma forma que a de Sobradinho, foi receptiva e decidiu-se o encontro para conversa com as professoras do 4º ano para o dia 19 de setembro.

No primeiro encontro com as professoras, foi realizada a entrevista semiaberta, onde as educadoras tiveram ampla liberdade em suas respostas. Foram elaboradas pelo pesquisador 3 (três) perguntas que atendessem aos objetivos do trabalho no que se refere à prática pedagógica das professoras nos conteúdos de geografia e história, já que o currículo apresenta como eixo integrador as ciências humanas e aborda também a formação cidadã.

A análise das entrevistas com as professoras aponta importantes informações sobre a prática pedagógica das professoras com base no currículo e no Projeto Político Pedagógico das escolas.

Os pontos importantes para a construção de conhecimento na escola, por meio do Projeto Político Pedagógico da instituição escolar se apresentaram de forma clara na entrevista, ao perguntar, com base nos conteúdos indicados no currículo, como tem sido a prática pedagógica?

As educadoras respondem as entrevistas semiabertas com clareza:

O conteúdo de história norteia a prática pedagógica e têm sido trabalhado por meio de jornais, vídeos, textos pesquisados na internet, livros didáticos e visita ao museu de Brasília.

Ao considerar as respostas, pode se observar que a maior parte dos recursos trabalhados para construir os conhecimentos dos estudantes são recursos planejados, envolvidos em molduras a princípio afastada do real contexto, que segundo Gastal (2005, p. 13):

(...) A presença das imagens ou imaginários. Imagens parque, na própria cidade ou no estrangeiro, antes de se deslocarem para um novo lugar as pessoas já terão encontrado em contato com ele visualmente, por meio de fotos, em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas da internet ou mesmo por intermédio dos velhos e queridos cartões-postais. Imaginários por que as pessoas terão sentimentos alimentados por amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local “romântico”, outro “perigoso”, outro “bonito”, outro “civilizado”. A esses sentimentos que construídos em relação a locais e objetos (e, por que não, as pessoas?) Temos chamado de imaginário.

A prática pedagógica de geografia e história apresentam diferentes formas de utilização das novas tecnologias de imagem para desenvolver novos conhecimentos,

como as próprias professoras citam, os jornais, vídeos, internet e, até mesmo, o livro didático.

Nesse contexto, os conteúdos trabalhados de formas planejadas no papel, cartazes, fotos, livros e cadernos ou em aparelhos visuais como televisores, telas de computadores, mostram aos estudantes muitas informações.

Mas, por outro lado, essa pesquisa tem como foco a produção do conhecimento por meio de vivência ao realizar o passeio escolar turístico.

Vale destacar que o estudo da localidade do estudante se manifesta no conteúdo do Currículo em movimento para educação básica: ensino fundamental anos iniciais como:

- b) A criação de Brasília;
- c) Antigas Capitais, Missão Cruls, a história de JK, os idealizadores de Brasília (Lúcio Costa e Niemeyer); Os pioneiros e construtores de Brasília;
- d) A vida do sujeito no DF: hábitos, costumes, religião, organização social, modos de viver, convivência (SEEDF, 2014b p.106);
- e) Planejamento de Brasília;
- f) Regiões administrativas e Entorno;
- g) Modo de vida nas regiões administrativa;
- h) Necessidades básicas e a condição dos serviços prestados (SEEDF, 2014b, p.111-112).

O Planejamento da ação pedagógica em sala de aula nas Escolas Classes: Asa Norte e nessa ação pedagógica foi observado também pela pesquisadora que Sobradinho se faz presente nos seguintes planos de ações pedagógicas.

Quadro 3: Ação Pedagógica I

Atividade	Apresentação do projeto aos estudantes do 4º ano e explicação do trabalho a ser realizado.
Objetivo da atividade na pesquisa	Aproximar os estudantes da pesquisadora e dos procedimentos da pesquisa.
Conteúdo do Currículo	“A vida dos sujeitos no DF: hábitos, costumes, religiões, organização social, modos de viver, convivência” (SEEDF, 2014b, p. 106).
Objetivo do Currículo do 4º ano	“Analisar as diferenças existentes entre o modo de vida, da sociedade e acultura dos povos que habitavam o DF e a população atual” (SEEDF, 2014b, p. 107)
Participantes	Pesquisadora, professora e estudantes.
Data e tempo da ação pedagógica	Escola da Asa Norte – Brasília 021/09/2016 – 40 minutos; Escola de Sobradinho 06/09/2016 – 40 minutos.

Fonte: elaborada pela autora (2016)

A primeira ação pedagógica prevista foi realizada nas salas de aula das 3 turmas, onde todos os envolvidos estavam organizados de modo semicircular com o quadro de giz livre. As professoras acomodaram-se em suas mesas e cadeiras que estavam no semicírculo e a pesquisadora integrou ao semicírculo, em uma cadeira e mesa junto aos estudantes.

A disposição da sala foi coerente com a dialogia escolhida no trabalho, em que todos os participantes têm a oportunidade de falar, serem vistos e ouvidos.

Segundo o autor a educação dialógica problematizadora:

(...) a educação problematizadora, parece-nos indispensável tentar algumas considerações em torno da essência do diálogo, (...) diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra (FREIRE, 2014, p. 107).

Considerando a ideia de Freire, o diálogo é realizado por pensamentos ditos, falados em palavras, palavras que expressam como o sujeito vive e suas expectativas com o mundo.

Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. E o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitário (FREIRE, 2014, p. 17).

O autor se refere ao ato pedagógico da dialogicidade, problematização do ensino, leitura do mundo e leitura da palavra, temas centrais que podem proporcionar a consciência crítica na aprendizagem.

Vale destacar que essa ação pedagógica está inserida na fase exploratória da pesquisa, pois trata-se de um diagnóstico do grupo com todos os participantes da pesquisa.

A pesquisadora se apresentou relatando seu nome, sua função de pesquisadora no espaço da escola, e explicou que também é professora da SEEDF, e já trabalhou como professora de 4º ano, em seguida deu a palavra aos educandos com a seguinte questão:

“Sou também pesquisadora, estou fazendo uma pesquisa. Essa etapa da minha pesquisa é saber sobre vocês. Qual nome de vocês? E o que é pesquisa?”

Os nomes dos estudantes ficaram registrados nas fichas de atividade. Mas a indagação sobre “o que é pesquisa?” (pesquisadora) foi anotada no diário de campo,

pois contém informações valiosas, no entanto não fazem parte do objetivo dessa investigação.

É relevante que, na educação, se desenvolva no sujeito de todos os níveis de ensino formas sistemáticas de pesquisa e coleta de dados para refletir seu conhecimento e adquirir novo saberes.

As respostas demonstraram que os estudantes vinculam as pesquisas aos meios *onlines*:

“eu pesquiso no computador” (estudante 9 anos)

“No laboratório de informática eu pesquiso na internet” (estudante de 10 anos).

“Pesquisa no Google” (estudante, 9 anos).

Essa ligação do estudante nos moldes da pesquisa virtual se apresenta como resultado de experiência de vida oferecida pela sociedade que cerca o sujeito da realidade ligada ao mundo cibernético.

A exposição dos estudantes teve início com o estudante sentado à direita da pesquisadora, que iniciou sua fala se apresentando e, assim, sucessivamente os demais.

As respostas sobre o que é pesquisa foram divididas em 2 blocos: um bloco de respostas bem parecido que resumiu que pesquisa é acessar a internet, utilizar o *google* e o computador. No outro bloco associaram a pesquisa à exploração em livros, revistas e jornais, ou seja, material impresso.

Os estudantes distanciam a pesquisa da realidade em que vivem. É claro que a internet e os livros aproximam o sujeito dos conhecimentos, assim como suas opiniões, o modo que o estudante vivencia sua localidade e, principalmente, como ele descreve essa realidade são reflexões que alimentam o saber.

Vale destacar, nesta primeira ação, que a pesquisadora deixa claro junto aos estudantes e professoras que as informações que os educandos estão fornecendo fazem parte da pesquisa que ela está realizando. E também informa que essa pesquisa pode ser além do mais recolher informações com outro sujeito.

As informações que estudantes e seus familiares levam para escola são saberes que promovem uma educação que parte da realidade e caminha para o desenvolvimento de um processo de formação crítica.

Quadro 4: Ação Pedagógica II

Atividade	Sondagem sobre o perfil dos participantes.
Objetivo da atividade na pesquisa	Entender qual o caminho percorrido por cada estudante para chegar na escola e qual outra cidade do Distrito Federal e do Brasil os participantes conhecem.
Conteúdo do currículo	“Modos de vida nas regiões administrativas” (SEEDF, 2014b p.111).
Objetivo do Currículo do 4º ano	“Analisar a influência da procedência histórica e cultural das famílias que se fixaram no DF” (SEEDF, 20.14 p.107).
Participantes	Pesquisadora, professora e estudantes.
Data e tempo da ação pedagógica	Escola da Asa Norte – Brasília 22/09/2016 – 40 minutos; Escola de Sobradinho 08/09/2016 – 40 minutos.

Fonte: elaborada pela autora (2016)

A segunda ação pedagógica do dia manteve a configuração do ambiente de sala de aula do primeiro encontro, os participantes dispostos em semicírculo, a pesquisadora voltou e os estudantes iniciaram a conversa perguntando para a pesquisadora, onde e para onde seria o passeio escolar turístico?

A pesquisadora respondeu que para elaborar um roteiro com os estudantes necessitava de mais informações, que hoje era necessário saber o local de nascimento das estudantes.

Essa ação pedagógica em Sobradinho ocorreu do seguinte modo:

As respostas, inicialmente, foram levadas em tom de brincadeira e os educandos começaram a falar:

“Eu nasci no hospital” (estudante de 11 anos).

“Eu também.” (estudante de 09 anos).

“Agora sou eu. Eu nasci no hospital.” (estudante 09 anos).

A pesquisadora levantou a mão e fez uma intervenção. Que gostaria de saber a cidade onde fica o hospital que cada um nasceu. Logo depois, pediu para continuarem as suas falas. Todos responderam prontamente.

Considerando os registros nas fichas de atividade, nota-se algo singular dos 28 (vinte e oito) estudantes do 4º ano da escola de Sobradinho: 23 (vinte e três) nasceram em Brasília, 02 (dois) em Planaltina e 03 (três) no nordeste brasileiro. A informação sobre a localidade de nascimento apresenta que a maternidade do hospital de Sobradinho demonstrou dificuldade de atender parte da população, há 10 (dez) anos atrás.

Na cidade de Sobradinho, observamos que tem equipamentos importantes para qualidade de vida do sujeito, como o hospital, também indica que não basta ter o equipamento, tem que atender com qualidade a população.

Noutra rodada de conversação, a pesquisadora pergunta sobre o local de moradia dos participantes. Os estudantes falam, sem dificuldade, o local onde moram, se é perto ou longe da escola.

Com os dados visualiza-se que dos vinte oito estudantes pesquisados, 8 estudantes moram na quadra da escola e 9 moram em um assentamento próximo da escola. Pode-se considerar que, aproximadamente, 60% dos educandos do 4º ano são atendidos na escola. Os 17 estudantes percorrem pequenas distâncias para se locomover de casa para a escola.

Vale destacar que o deslocamento dos estudantes que moram no assentamento acontece com a travessia de uma BR de alta velocidade e que, constantemente, se vê, nos noticiários, graves acidentes de atropelamento envolvendo carros e pedestres, ainda que tenha disponível uma passarela, área para comunidade atravessar esta rodovia.

Cerca de 40 % dos estudantes moram distante da escola, constatando que 10 deles necessitam de transporte para chegarem a escola, pois moram em bairros afastados como os condomínios residenciais de Sobradinho e em área rural da mesma região administrativa.

No diálogo com os estudantes, dois fatos importantes sobre o percurso entre a escola e a moradia foram explorados.

Nos relatos aparecem as falas:

“Morar longe da escola é perigoso porque temos que acordar muito cedo e pegar o ônibus ainda escuro” (Estudante de 09 anos).

“Morar perto também é perigoso porque tem que atravessar a BR” (Estudante de 12 anos).

Apoiando-se nessas participações podemos aqui apresentar a importância do debate dialógico para construção da cidadania, em razão de que, por meio dessa conversa, se questiona e se reflete uma nova ideia de sociedade.

A pesquisadora aproveitou a questão levantada e pediu aos estudantes que buscassem soluções para a diminuição do perigo e se há opções de caminhos diferentes para chegar a escola com mais segurança.

A rodada de reflexão sobre o tema levantado ocasionou a tentativa de como solucionar o perigo da BR e a escuridão da parada de ônibus.

Para destacar o momento, coloca-se algumas opiniões dos estudantes:

“Perto do condomínio não tem escolas. Deveria construir uma lá perto” (estudante de 09 anos).

Outra criança relata:

“A escola deveria ser do outro lado da BR, aí muita gente não ia atravessar a pista (estudante de 9 anos).

A conversa informal foi proveitosa, quase todos os estudantes procuraram oralmente solucionar o real problema das escolas longe ou perto de suas moradias.

O diálogo com os estudantes comprovou uma reflexão dos estudantes, professora e pesquisadora sobre a necessidade da comunidade e da construção de mais escolas para atender diferentes localidades da cidade, como as comunidades de assentamento e dos condôminos.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo (...) (FREIRE, 2014, p. 120).

Considerando as palavras do autor neste contexto, é importante o diálogo sobre a visão de mundo, especialmente falar e ouvir as soluções dos estudantes para melhorar a segurança de ir e vir de casa para a escola, apresentando a realidade e apontando necessidades de mudanças.

Ao relatar a realidade, o estudante também pode ter a possibilidade de adquirir a formação no que diz respeito à cidadania, ou seja, a participação ativa nos problemas e soluções de sua cidade.

O estudante relatando sobre seu cotidiano na interação com o outro, percebe as diferentes realidades à sua volta.

A ação pedagógica na Asa Norte foi realizada no dia 22 de setembro, às 16 horas, após o intervalo.

Os estudantes, a pesquisadora e as professoras entraram juntos na sala de aula. Ao se acomodarem nas mesas e cadeiras do semicírculo um estudante ao lado da pesquisadora perguntou:

“Hoje qual é o tema da saída de campo?” (estudante de 09 anos).

A escola da Asa Norte denomina o passeio escolar, ou seja, a saída dos estudantes da escola como saída de campo.

A utilização do termo foi um debate realizado na construção do Projeto Político Pedagógico da escola que teve a participação da comunidade escolar. Vale lembrar que ao debater com a comunidade escolar temas importantes da escola, como a prática pedagógica, existe a possibilidade de realização da internalização, nos estudantes, das palavras e ações que possam produzir conhecimento crítico.

Outro estudante pergunta a pesquisadora qual o tema do diálogo do dia?

A pesquisadora responde ao grupo que essa etapa consiste em um diagnóstico dos sujeitos que pertencem à turma.

Considerando as informações recolhidas, no decorrer da ação pedagógica, sejam elas relatadas oralmente pelos estudantes, registradas na ficha de atividades ou ainda anotadas no diário de campo da pesquisadora, podemos descrever que dos trinta e sete estudantes, vinte cinco participaram e informaram que:

Quadro 5: Localidade de moradia dos estudantes

Asa Norte	
Local	Nº de estudantes
Paranoá/Itapuã	04
Asa Sul/Asa Norte	05
Varjão	01
Invasão Noroeste	02
Valparaíso	01

Fonte: Elaborada pela autora (2017)

Quadro 6: Localidade de moradia dos estudantes

Sobradinho	
Local	Nº de estudantes
Condomínios	10
Quadras vizinhas das escolas	10
Dnocs	09

Fonte: Elaborada pela autora (2017)

A respeito do local de nascimento dos estudantes, a maior parte dos educandos nasceram no Distrito Federal, dentre os 13 (treze) que entregaram a ficha, 07 (oito) nasceram em Brasília, 01 (um) no Gama, 01 (um) em Samambaia e 02 (dois) estudantes fora do DF, 01 (um) no Ceará, e 01 (em) Uberlândia.

No panorama de alguns itens dessa ficha, expõe-se que dos 65 (sessenta e cinco) estudantes participantes da pesquisa, nas 02 (duas) escolas envolvidas, 35 (trinta e cinco) nasceram em Brasília, pouco mais da metade dos estudantes vive no Distrito Federal, desde seu nascimento.

No último ciclo de conversa do dia, a pesquisadora relata a cidade e estado que nasceu o seu pai e a sua mãe. E leva o questionamento sobre a cidade de nascimento dos pais dos estudantes.

Ao se examinarem alguns depoimentos compreendeu-se a dificuldade dos estudantes em responder:

“Meu pai nasceu no Ceará e minha mãe em São Francisco” (estudantes 13 anos).

“Meu pai e minha mãe nasceram em Planaltina” (estudante 9 anos).

Em consequência disso, a pesquisadora reconheceu que boa parte da turma necessitava realizar este questionamento junto com seus familiares.

Em virtude das circunstâncias apresentadas, apesar dos participantes disporem de tempo e espaço para expressão oral, a pesquisadora incentivou os estudantes a realizarem essa pesquisa de campo em suas casas com seus familiares.

Cada estudante levou um formulário (apêndice 03) para casa, a fim de que, em conversação com a sua família, respondesse as questões propostas.

Quadro 7: Ação Pedagógica III

Atividade	Sondagem sobre o perfil dos participantes.
Objetivo da atividade na pesquisa	Conhecer as origens dos estudantes e sua família.
Conteúdo do Currículo	“Grupos sociais: diversidades, regras sociais nos diferentes grupos estudados e articulação com os documentos: Declaração Universal dos Direitos Humanos, Estatuto da criança e do Adolescente, Estatuto do Idoso” (SEEDF, 2014b p.107).
Objetivo do Currículo do 4º ano	“Identificar e compreender aspectos da ancestralidade, memória e reminiscências em busca da valorização da cultura local e brasileira” (SEEDF, 2014b p.106).
Participantes	Pesquisadora, professora e estudantes.
Data e tempo da ação pedagógica	Escola da Asa Norte – Brasília 23/09/2016 – 40 minutos; Escola de Sobradinho 09/09/2016 – 40 minutos.

Fonte: elaborada pela autora (2016)

Na ação pedagógica foi realizado um diagnóstico geral da turma e dos estudantes participantes da pesquisa.

No encontro, os estudantes, sentados, iniciaram o diálogo e começaram a relatar de onde os seus pais vieram. Oralmente, os estudantes responderam:

“Meu pai nasceu no Maranhão. E minha mãe em Brasília.” (Estudante de 09 anos).

“Estado do Maranhão e qual a cidade?” (pesquisadora).

“No Maranhão. Meu pai disse.” (Estudante de 09 anos).

“Mãe no Piauí. Mas não sei a cidade.” (Estudante de 10 anos).

No diálogo revela-se que a aprendizagem sobre estados, cidades e regiões está sendo construída. Levar a cada educando essa questão para pesquisa, em casa com os pais, na internet ou mesmo na escola com os outros colegas, possibilita o entendimento de divisão política do país.

“Meu pai e minha mãe nasceram no Rio de Janeiro. Na cidade do Rio e no Estado também.” (estudante de 10 anos).

Vale destacar, nessa ação pedagógica, a ficha com os registros escritos teve pequeno retorno e a conversa entre o grupo evidenciou as aprendizagens adquiridas e provocou curiosidades para novas aprendizagens.

Quadro 8: Ação Pedagógica IV

Atividade	Entrevista semiestruturado com duas perguntas e espaço para desenho.
Objetivo da atividade na pesquisa	Compreender quais os locais importantes da cidade para os estudantes.
Conteúdo do Currículo	“Os pioneiros e construtores de Brasília – a influência de homens e mulheres na construção do DF (os candangos)”
Objetivo do Currículo do 4º ano	“Conhecer os construtores de Brasília, por meio de várias linguagens filmes, literárias e outras disponíveis em vários acervos de museus no DF” (SEEDF, 2014b p.106)
Participantes	Pesquisadora, professora e estudantes.
Data e tempo da ação pedagógica	Escola da Asa Norte – Brasília 30/09/2016 – 120 minutos; Escola de Sobradinho 22/09/2016 – 120 minutos.

Fonte: elaborada pela autora (2016)

Para realizar essa ação foi utilizada a fase: colocação dos problemas que incentiva os debates sobre a realidade dos estudantes, fundamentada na pesquisa-ação colhendo os dados para que o pesquisador analise o campo teórico e prático.

Esta ação pedagógica iniciou com o diálogo da pesquisadora com todos participantes sobre a atividade do dia. Nessa fase, foi realizada uma entrevista semiestruturada (apêndice 8), em que a pesquisadora distribuiu o papel, leu as perguntas coletivamente com estudantes, orientou que cada um responderia a sua entrevista individualmente, e quando todos tivessem registrado suas respostas, esse seria o momento da socialização com o grupo, e permitiu aos que não estavam entendendo o exercício que perguntassem para serem auxiliados.

O instrumento foi elaborado com duas perguntas semiestruturadas e um espaço para desenho. O registro escrito dos estudantes do 4^o (quarto) ano, ainda encontra-se em processo de formação em língua portuguesa, os educandos até então se apoiam na oralidade para expressar suas ideias, dificultando o entendimento gráfico escrito. Assim o espaço para o registro, via desenho, para essa turma, se torna mais uma fonte comunicação gráfica.

Ao planejar a ação, a pesquisadora se preocupou com a questão do tempo disponível para realização da atividade, visto que, anteriormente, observou a dificuldade de entendimento dos estudantes nas atividades propostas. Enquanto alguns estudantes ainda estão refletindo sobre as questões escritas, outros estão empenhadas nos desenhos.

A pesquisadora, ao se planejar essa atividade, preocupou-se com a diversidade de aprendizagem entre os estudantes, tanto entre aqueles que realizam rapidamente as atividades escritas como aqueles que têm mais dificuldades. A produção do desenho teve a finalidade também de apresentar a cidade pelo olhar do estudante, ou melhor, pelo desenho que representa o olhar.

A pesquisadora sanou as dúvidas surgidas e embora alguns estudantes estivessem concluindo seus desenhos, iniciou uma nova rodada de diálogo. É de fundamental importância ressaltar que cada estudante leu ou relatou o que havia registrado na entrevista semiestruturada.

Em Sobradinho, dos 28 (vinte e oito) estudantes do 4^o ano integrantes da pesquisa, 22 (vinte e dois) tiveram presente na ação pedagógica do dia.

O primeiro questionamento se refere ao local que o estudante levaria um visitante que não conhece a sua cidade: “Se alguém de sua família ou amigo que

não mora em Sobradinho vier te visitar, onde você levaria?"; e a segunda pergunta especifica o porquê levaria a esses lugares: "O que esse lugar tem de especial?"

Quadro 9: Roteiro proposto pelos estudantes da escola de Sobradinho

Shopping	Nº	Parques	Nº	Comércio/ monumento
Cinema	06	Área de lazer publica	02	Estádio de Sobradinho
Lojas	04	Área de lazer e lanchonete	02	Rodoviária (pegar um ônibus para Miami)
Lugar bonito	01	Lago	02	Pizzaria
			01	Igreja e Pizzaria

Fonte: elaborada pela autora (2016)

Os roteiros sugeridos correspondem as experiências turísticas vivenciadas anteriormente pelos estudantes, e se relaciona a prática pedagógica da escola no que se referem à valorização dos eventos realizados para os educandos na semana da criança tais como casa de festas e clubes; e nas festas de fim de ano a ida ao Shopping para assistir as projeções cinematográficas.

As respostas da primeira questão da pesquisa evidenciam 03 (três) blocos distintos, 11 (onze) estudantes levariam um visitante de sua cidade ao shopping, 07 (sete) a um parque e 04 (quatro) em outros lugares.

Considerando a informação de roteiro desejado por um dos estudantes que escreve:

"Rodoviária" (estudante de 09 anos).

O que esse lugar tem de especial?

"Ônibus para todos os lugares." (estudante de 09 anos) (apêndice 04).

No relato oral e no desenho ele diz: "quer pegar um ônibus pra Miami".

O registro e a fala revelam-se na subjetividade do estudante, o sujeito não vivenciou a viagem dos seus sonhos a Miami, porém o local faz parte de seu imaginário que educando não experienciou.

"Depois da igreja levaria a uma pizzaria".

A educação alimentar apresenta-se claramente no registro do estudante que escolhe realizar a refeição em uma pizzaria que também oferece aos clientes sanduíches.

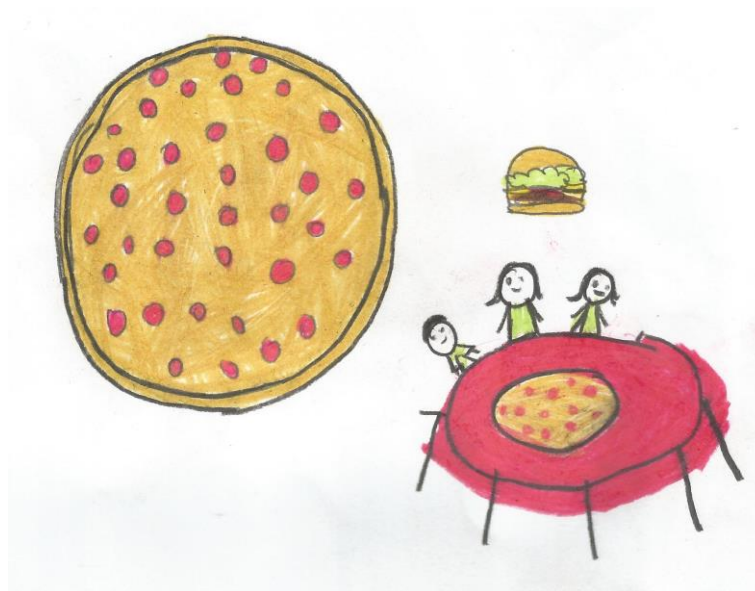


Figura 1: Elaborada por um estudante de 9 anos (2016)

Pelo exposto nas colocações deste estudante, a ideia de passeio escolar turístico indica a realização de compras fora de sua cidade. Para esse estudante, há interação com o mundo do consumo, “do ponto de vista do consumo, se consumimos por desejo e necessidade, significa que consumimos não só os produtos, mas também imaginários” (GASTAL, 2005, p. 70).

Ao contextualizar a aspiração da turma, observa-se que metade dos estudantes escolheram o shopping. A opção evidencia a realidade de mundo que os cercam, baseada nos prazeres do mundo contemporâneo, onde as pessoas desejam o que está posto pelo apelo visual que as lojas dos shoppings divulgam em comerciais, tanto em vídeos, como em *outdoor* (GASTAL, 2005).

O avanço das possibilidades tecnológicas da fotografia, do cinema, da televisão, dos computadores pessoais e das redes de computadores nas décadas finais do século XX levou a consequências talvez mais profundas do que as imaginadas (...) visualidade presentes em praticamente todos os momentos da vida contemporânea leva a que a nova sociedade do consumo assuma, cada vez mais, uma dimensão estética (GASTAL, 2005, p. 25-26).

Ao Internalizar a dimensão estética que está massificada no cotidiano do sujeito e homogeneizando nos locais de visita e passeio, nota-se o distanciamento das ações que possam representar a cultura e a identidade de uma localidade de forma heterogênea.

Na Asa Norte, os 37 (trinta e sete) estudantes componentes do 4º ano participaram da ação pedagógica IV.

Quadro 10: Roteiro proposto pelos estudantes da Escola Asa Norte

Shopping	Nº	Área de Lazer	Nº	Monumentos
Cinema	02	Nicolândia	07	Torre de TV
Lojas	05	Cart	01	Museu
Legal	02	Lago	03	Estádio Nacional
Restaurantes	01	Clube (Casa de festa)	02	
Balada	01	Jardim Botânico	02	

Fonte: Elaborada pela autora (2016)

As informações expressas pelos estudantes sobre o local da cidade que levariam um visitante que não conhecesse Brasília ficou assim definido: 15 recomendariam momentos de lazer em locais pagos, como o Parque Nicolândia e casa de festas, 11 (onze) mostrariam o shopping, e 05 (cinco) mostrariam monumentos que representam a cidade de Brasília.

Vale destacar que 04 (quatro) dos estudantes apontaram roteiros que não fazem parte da cidade de Brasília, o Rio Maranhão que faz parte da área rural de Sobradinho, 03 (três) no Estado de Goiás, a cidade de Caldas Novas 02 (dois) e o Salto de Corumbá 01 (um).

O Rio Maranhão faz parte da bacia hidrográfica do Distrito Federal, e foi relatado pelo educando:

“O Rio passa perto da casa da minha irmã e eu vou sempre lá.” (Estudante de 09 anos).

Considerando o diálogo desse estudante, observa-se que sua vivência na cidade em que mora, o Varjão, se faz longe da cidade na qual estuda que é Brasília.

Ao analisar as sugestões de roteiro para o passeio escolar turístico dos estudantes, revela-se que 22 (vinte e dois) mostrariam o Shopping como parte importante de sua cidade, seja ela Brasília ou Sobradinho, expressando claramente que nas lojas dos shopping têm roupas, sapatos e brinquedos.

O intento de visualizar, de ter contato com objetos de consumo, citados pelos estudantes têm a ver com o apelo publicitário das grandes mídias que relacionam conforto e entusiasmo com locais de compra e venda.

Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber (FREIRE, 2009, p.51).

Como indica o autor, os espaços dominados e organizados, por meio da publicidade, dificultam a interação com a produção de conhecimento, o que se opõe a intenção do passeio escolar turístico proposto nesta pesquisa.

Segundo Vigotski (2009), a imaginação parte da realidade de cada sujeito. Para os estudantes, ir ao shopping é uma forma de ter contato com a realidade existente dentro dessas lojas, e convicto que é real a roupa, o sapato, o brinquedo que possibilitam a imaginação de adquirir os objetos. “A relação entre imaginação e realidade constrói-se sempre de elementos da realidade e presente na experiência anterior da pessoa” (VIGOTSKI, 2009, p. 20).

Todos os estudantes foram ouvidos e falaram dos locais que consideravam importantes para eles na cidade ou em localidades que não pertenciam a ela.

Quadro 11: Ação Pedagógica V

Atividade	Comunicar o local do passeio escolar turístico e deixar autorização
Objetivo da atividade na pesquisa	Sensibilizar a importância do passeio turístico para formação cidadã.
Participantes	Pesquisadora, professoras, coordenadora e estudantes e comunidade.
Data e tempo da ação pedagógica	Escola da Asa Norte – Brasília 06/10/2016 – 40 minutos; Escola de Sobradinho 04/10/2016 – 40 minutos.

Fonte: Elaborada pela autora (2016)

Para essa ação pedagógica se fez necessário um encontro, em especial, com as professoras das turmas envolvidas na pesquisa para fazer a análise dos relatos dos estudantes, no que se refere ao conhecimento da própria cidade, a maioria relacionou locais como parques pagos, cinemas e shopping.

Os estudantes associaram o passeio escolar turístico como uma hegemonização dominante da vida cotidiana, pois a escola e a família valorizam essas localidades (MOREIRA e SILVA, 1994).

As escolas seriam uma forma particular de vida organizada com o objetivo de produzir e legitimar os interesses econômicos e políticos das elites empresariais, para uma delas; privilegiando o capital cultural dos grupos da classe dominante (MOREIRA E SILVA, 1994, p. 94-95).

Pelo exposto, nada poderia ser feito para apoiar uma educação libertadora, ao contrário do que se pensa.

Queremos intervir nesse debate afirmando que a escola é um território de luta e que a pedagogia é uma forma de política cultural. Em ambos os casos, queremos defender o argumento de que as escolas são formas sociais que ampliam capacidades humanas, a fim de habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades e a serem capazes de exercer poder com vista a transformar as condições ideológicas e materiais de dominação em práticas que promovam o fortalecimento do poder social e demonstrem as possibilidades de democracia (MOREIRA e SILVA, 1994, p. 95).

O passeio escolar turístico pode ser uma prática pedagógica que valoriza a cultura popular na escola, como forma de resistência da vida contemporânea que alterou as condições ideológicas e materiais de dominação em práticas cotidianas.

Pela observação dos aspectos analisados, entender a realidade dos estudantes é importante para elaborar um roteiro do passeio escolar turístico na formação cidadã em uma perspectiva humanista dialógica baseada nos princípios de Paulo Freire.

Os roteiros dos passeios escolares turísticos foram apresentados para as professoras e, em seguida, para os estudantes que, em ambiente de conversa, perguntaram um pouco sobre o roteiro. A pesquisadora esclareceu, diversas vezes, o dia e o horário da saída da escola.

Em Sobradinho, os atrativos selecionados levaram em consideração a memória, a cultura e os locais públicos que representam a cidade.

Buscou-se, na programação deste roteiro, oferecer aos estudantes um local de cultura, no período diurno e, para finalizar o roteiro, um espaço estruturado e agradável para realizar um piquenique.

A seguir, os atrativos selecionados e visitados para a realização do passeio escolar turístico em Sobradinho.

Torre de TV Digital de Brasília

Também chamada de Flor do Cerrado, é um monumento arquitectónico, construído para repassar o sinal digital para TV. Uma obra de arte de Oscar Niemeyer, construída em uma área pertencente às forças armadas, mede 170 metros de altura e fica em um dos pontos mais altos de Brasília. Inaugurada no dia 21 de abril de 2012, ano de falecimento do arquiteto, é a última obra de Niemeyer em Brasília. Funciona sábado e domingo, das 09h às 17h (DISTRITO FEDERAL, *online*).

O monumento foi eleito para visitação, por ser uma obra importante da arquitetura de Brasília, fica pr oximo da BR 020 que liga Sobradinho   Capital. Não muito distante da escola de Sobradinho, pode ser vislumbrada pelos estudantes na entrada da escola. Apresenta difícil acesso aos turistas, durante os dias da semana e parte dos estudantes não a visitaram na sua parte interior.

Vale destacar que a Torre Digital oferece o Projeto Terracap Cidadão, em que está previsto o agendamento das escolas, a locomo o via ônibus expresso, lanche gratuito e um monitor (guia) para fazer a apresenta o da Torre Digital para os educandos.

Centro de Tradi es Populares – Boi do Seu Teodoro

O Centro de Tradi es Populares, o Boi do Seu Teodoro promove a cultura popular brasileira, mais especificamente os festejos do povo maranhense relacionado ao Boi. Recebeu o reconhecimento como patrim nio imaterial do Distrito Federal e a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura, em 2006. Está localizado na Quadra 15,  rea especial N  02, Sobradinho – DF. No terreno

destinado ao Centro de Tradições Populares existe um galpão que abriga uma exposição permanente dos artefatos, instrumentos, fotografias, quadros, altar que reverenciam a arte do Boi (BRASÍLIA, 2014). Os principais festejos acontecem, em 13 de junho, para comemorar o nascimento do Boi, 23 e 24 de julho, para realizar o batismo do Boi, e no mês de setembro, para homenagear a morte do boi. Aqui no Centro de Tradições também se realiza uma homenagem a Vida e Obra de Seu Teodoro (PERES, 2007).

Como uma manifestação cultural da cidade de Sobradinho, boa parte das escolas e, até mesmo, dos moradores da cidade não conhece o rico trabalho cultural do Boi do Seu Teodoro, seu fundador (*in memoriam*), e a continuidade desse trabalho perpetuado pelos seus familiares.

O movimento de resistência a uma educação bancária parte da valorização da cultura popular, pois “a cultura popular é organizada em torno do prazer e da diversão (...) e situa-se no terreno do cotidiano” (MOREIRA e SILVA, 1994, p. 96).

A educação dialógica pode também realizar uma “função muito importante, o acesso à informação e à comunicação de estilo crítico e questionador, o fomento das identidades culturais, sem falar em políticas que representam claros direitos do cidadão” (DEMO, 1995, p. 148).

A visita ao Boi do seu Teodoro, no Centro de Tradições Populares, por meio de passeio escolar turístico, possibilita o estímulo à identidade cultural do estudante que mora em Sobradinho.

Parque Ecológico Jequitibás

O Parque Jequitibás está incluído na Área de Proteção Ambiental do Planalto Central, em um espaço urbano de Sobradinho, com quase 17 hectares, a mata parcialmente preservada, onde flui o Ribeirão Sobradinho. O parque possui espaço destinado ao lazer, com pistas de skate, parque infantil, aparelhos de ginástica e trilhas ecológicas por dentro da mata. (IBRAM, *online*).

O Parque Jequitibás apareceu como sugestão de roteiro de 04 (quatro) estudantes, e foi o início do diálogo da pesquisadora e professoras com os

educandos para aceitação e realização do passeio escolar turístico em locais não solicitados.

O parque foi visitado com objetivo de formação da cidadania, o sujeito em formação precisa preservar os bens naturais e, para tal, conhecer as necessidades de proteção ao meio ambiente.

O Jequitibás está localizado em área urbana, “onde o vazamento de esgoto pode contaminar esse espaço” (relato do administrador do parque). As atitudes individuais de preservação do meio ambiente podem ser formadas quando o sujeito interage com a natureza, adquire experiência para cuidar do planeta, a começar pela conscientização ambiental.

A seguir, os atrativos selecionados e visitados para a realização do passeio escolar turístico da Escola da Asa Norte.

O roteiro do passeio escolar turístico da escola da Asa Norte aconteceu em Brasília, na SQS 308, Quadra Modelo e no Parque Olhos D’água.

Quadra modelo 308 Sul

Essa quadra é considerada modelo porque foi construída com todos os detalhes que o urbanista Lúcio Costa planejou. A quadra foi planejada com uma escola de Jardim de Infância que integra na sua entrada a arte de Athos Bulcão, uma Escola Classe, uma Escola Parque, a Praça do Cogumelo e a Praça do Espelho D’água, ambas idealizadas pelo paisagista Burle Marx, a Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, modelada pelo Arquiteto Niemeyer, o Clube Vizinhança, engloba o Espaço Cultural Renato Russo, e tem uma banca de revistas que também tornou-se uma atração da localidade. A SQS 308 (Superquadra Sul) pode ser visitada todos os dias. Vale evidenciar que, durante o dia, há um porteiro que trabalha no bloco H e que apresenta a quadra aos visitantes em um breve diálogo (IPHAN, *online*).

Parque Olhos D'água

O Parque localiza-se nas quadras 413/414 da Asa Norte, em Brasília. Esse espaço foi destinado à construção residencial, no entanto, por meio de uma ação de resistência dos moradores da 415 Norte em preservar o meio ambiente, foi inaugurado na primavera de 1994. O parque é constituído por trilhas, a Lagoa do Sapo, equipamentos de ginástica e parquinho infantil.

Ao propor o roteiro, a pesquisadora ancorou-se nos relatos dos estudantes que sugeriram atrativos como lago, espaços para piquenique e parque infantil. Como a escola localiza-se no bairro que engloba o espaço público Parque Olhos D'Água, abarca todas as propostas dos estudantes.

Na ação pedagógica de apresentação do roteiro, os estudantes indicaram que essa visita não seria novidade, mas se declararam abertos a participarem do passeio.

Quadro 12: Ação Pedagógica VI

Atividade	Entrevista semiestruturada com 3 perguntas e o espaço desenho.
Objetivo da atividade na pesquisa	Compreender a importância de conhecer a própria cidade.
Conteúdo do Currículo	"Planejamento de Brasília: construção e crescimento demográfico" (SEEDF, 2014b p. 111).
Objetivo do Currículo do 4º ano	"Analisar os aspectos da ocupação, as condições de moradia e o índice de qualidade de vida de cada região" (SEEDF, 2014b p. 111)
Participantes	Pesquisadora, professoras e estudantes.
Data e tempo da ação pedagógica	Escola da Asa Norte – Brasília 25/10/2016 – 5 horas; Escola de Sobradinho 27/10/2016 – 5 horas.

Fonte: Elaborada pela autora (2016)

Escola Asa Norte

No dia marcado para sair da escola, estava com tempo chuvoso, em Brasília. O início do passeio teve o momento de orientação, onde os combinados e recomendações pareceram eternos, devido à agitação dos estudantes. Os estudantes dessa escola conheceram a superquadra modelo 308 Sul e o Parque Olhos D'água na Asa Norte.

Todos acomodados no ônibus saíram rumo à Asa Sul, observando a cidade.

“Olha o trânsito, está parado.” (estudante de 10 anos).

“Quando chove aqui, sempre o trânsito para.” (Estudante de 09 anos).

A pesquisadora comentou com os estudantes: “na cidade com menos carros, o trânsito ficaria parado?”

“Claro que não.” (estudante de 09 anos).

“Mas como pode ter menos carro?” (estudante de 09 anos).

“Todo mundo trabalhando perto de casa.” (estudante de 09 anos).

“As pessoas andando de bicicleta. Aí tem que ter ciclovia.” (estudante de 09 anos).

“Também mais ônibus e metrô.”

Como pode ser observado, o diálogo é bastante produtivo na construção da aprendizagem, o que possibilita ao sujeito relatar a realidade, ampliando as soluções dos problemas reais do cotidiano que atinge a população. O sujeito ativo necessita de diferentes informações sobre a realidade e também soluções individuais e coletivas em seu repertório de vivência.

“Cidadania supõe entender conhecimentos, para que as pessoas possam exercer a possibilidade e o direito de reivindicar” (GASTAL e MOESCH, 2007 p. 32), como sujeito ativo, participando das decisões que podem melhorar a vida em sua cidade.

Ao chegar na quadra, o grupo se dirigiu à banca de revista. A banca estava fechada, o proprietário estava participando da III Bienal do Livro de Brasília. Os estudantes viram o mapa da quadra e a pesquisadora teceu informações sobre a quadra.

“Esta quadra é Super Quadra 308 Sul.” (Estudante de 10 anos).

“Essa quadra é uma quadra modelo.” (Estudantes de 09).

Observaram as informações descritas no mural externo da banca. Apoiada nos relatos dos estudantes, a pesquisadora explica que o urbanista Lúcio Costa idealizou Brasília, constituída em quadras, tais como superquadras de modo que atendessem à qualidade de vida do sujeito.

A pesquisadora, na qualidade de guia do roteiro, levou os estudantes à Praça do Cogumelo. O grupo, ao chegar no local da praça, começa a tirar fotos e logo faz o reconhecimento do lugar. Após a exploração do local, a turma de estudantes

reuniu-se em círculo pra explicar as informações que poderiam socializar sobre a praça e a quadra.

“Essa praça não é a única praça da quadra.” (estudante de 09 anos, que estudou na Escola Classe 308 Sul).

“A praça foi planejada.” (estudante de 09 anos).

“As mesas parecem um Cogumelo” (estudante de 09 anos).

A estudante se refere à escultura exposta na praça (imagem2), que representa os Cogumelos.

Após o reconhecimento da localidade, os estudantes comentaram, ainda, sobre a arborização da quadra, em particular, da Praça.



Figura 2: Praça do Cogumelo 308 Sul (2016)

Em seguida, o grupo caminha em direção à Escola de Educação Infantil. Local onde as crianças matriculadas, no ano de 1968, receberam a visita da rainha da Inglaterra Elizabeth II, que interessou-se em conhecer o painel de entrada da escola que expõe a obra de Athos Bulcão.

Caminhando um pouco mais na quadra, encontramos a Escola Classe 308 que foi reconhecida por alguns estudantes que visitaram a quadra, anteriormente.

Uma Parada inesperada no pilotis de um Bloco, devido a chuva fina que caía, deu oportunidade de apreciar a quadra e iniciar uma conversa sobre a construção da mesma.



Figura 3: Pilotis do Bloco da SQS 308 Sul

Uma observação importante sobre a superquadra é que os blocos são dispostos de forma que a frente de um esteja voltada para as costas do outro, preservando, dessa forma, a privacidade dos moradores. Outra curiosidade é que as salas e os quartos dos apartamento são voltados para o nascente.

“Muitos blocos aqui tem uma parede sem tijolos” (estudantes de 09 anos).

“Vi na portaria dos blocos obra de Athos Bulcão” (estudante de 09 anos).

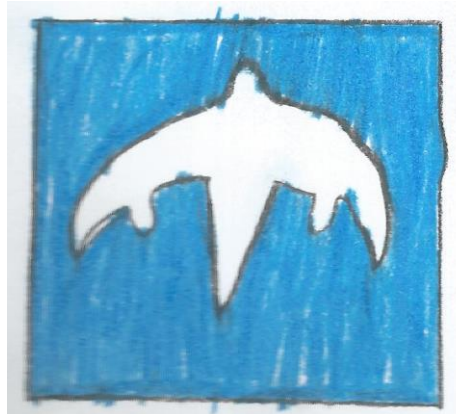


Figura 4: Elaborada por estudante de 9 anos (2016)

O diálogo despertou a curiosidade e troca de informações entre os estudantes, alguns que frequentam a quadra passaram seus conhecimentos aos estudantes que a desconheciam

O último atrativo do passeio foi a visita à Igrejinha. Um monumento.



Figura 5: Igreja 308 Sul

Os estudantes olharam por completo a Igreja, seu interior e por fora. Observaram que era a representação do chapéu de freira.

Concluída a primeira etapa do roteiro, o grupo seguiu para a segunda etapa, a visita ao Parque Olhos D'Água.

No Parque, um piquenique inicia a visita. Enquanto isso, os estudantes ouvem sobre a história do parque, relatada por uma professora que mora na Superquadra 415 Norte. Logo após, visitam a trilha, o lago, e se divertem no parque vivencial e conhecem o viveiro.

“Professora, o JG está com medo da trilha.” (Estudante de 09 anos).

“Olha esse som, parece um animal perigoso.” (Estudante JG).

“São pássaros cantando, e lagarto andando na mata.” (Estudante de 10 anos).



Figura 6: Parque Olhos D`Água

Nessa ação pedagógica, foi observado pela pesquisadora que, durante a caminhada nas trilhas do parque, os estudantes atentaram para o canto dos pássaros, o som das folhas sendo remexidas pelos lagartos, as placas de sinalização de silêncio para não assustar os animais foram respeitadas pelos estudantes que apreciaram as belezas das trilhas ao som da natureza.

Escola de Sobradinho

Uma manhã nublada. Os estudantes identificados com uniforme escolar e com o roteiro do passeio escolar na ponta da língua. O passeio escolar turístico iniciou-se pela Torre Digital.

No caminho, dentro do ônibus, um grande engarrafamento de sexta-feira na BR 020. E o assunto sobre transporte público aconteceu diante dessa realidade.

“Todo dia meu pai pega esse trânsito.” (estudante de 09 anos).

“Eu acho que se tivesse muita pista não tem engarrafamento.” (estudante de 09 anos).

“Mas se tiver mais carro aí não tem lugar pra fazer mais pista.” (estudante de 11 anos).

“Quem pensa em soluções?” (pesquisadora).

“Deixar os carros em casa e sair de ônibus.” (estudantes de 09 anos).

“Fazer rodízio de carro, um dia sai todo mundo da família no mesmo carro do pai, e no outro dia sai todo mundo no outro carro da mãe. Aí não fica com dois carros na rua.” (estudante de 09 anos).

“fazer um metrô em Sobradinho” (estudante de 09 anos).

“Não deixar o ônibus quebrar” (estudante de 12 anos).

“andar de bicicleta.” (estudante de 10 anos).

As cidades mudam, o horário modifica, mas a realidade está posta, temos um transporte coletivo desqualificado que não atende à população.

Os dias previstos para visitação para subir na Torre Digital são exclusivos para os dias de sábado ou domingo. A professora organizou o passeio, junto   escola, para que acontecesse no dia de sábado. Por problemas particulares, solicitou antecipac o e organizou para o dia de sexta-feira. Com isso, não teve tempo necessário para solicitar autoriza o junto   Terracap, para ter acesso ao observatório da Torre Digital.

O passeio escolar turístico atende, nessa pesquisa, os estudantes de escola pública moradores de Sobradinho. A pesquisadora, ao imaginar que se o roteiro fosse elaborado, em especial, para um grupo de turistas que ficassem em Brasília por 03 (três) dias interpostos, durante a semana, e desejassem conhecer a Torre Digital, o passeio ficaria restrito ao estacionamento do monumento, do mesmo modo que aconteceu com a Escola de Sobradinho.

No estacionamento, todos os estudantes ficaram deslumbrados com a altura de 170 metros da Torre. A neblina escondia a ponta da antena. E os estudantes tiravam fotos, admirados com a obra de arte que   essa Torre.



Figura 7: Torre de TV Digital

“Lá em cima tem uma cidade bem pequena que é Brasília” (Estudante de 09 anos).

Um dos estudantes da turma relata sua experiência ao subir na Torre Digital.

“Em uma sala ao lado da sala de exposição tem uma maquete de Brasília.”

“Para subir tem 02 (dois) elevadores” (Estudante de 09 anos).

Ao retornar para onde estava estacionado o ônibus, 03 (três) estudantes pediram para utilizar o banheiro local, a professora da turma dirigiu-se ao segurança de plantão do local para pedir autorização e acompanhar os estudantes.

“Professora essa parte de baixo não está banheiro disponível.” (segurança de plantão). O acesso a essa dependência encontrava-se fechado. Apontou para o banheiro químico que os trabalhadores utilizam, durante o turno de trabalho.

De volta do primeiro momento do roteiro para Sobradinho, o ônibus seguiu caminho para a segunda atividade do dia, a visita ao Centro de Tradições Populares. Neste lugar, aconteceram debates, ainda, sobre a visita à Torre Digital que a pesquisadora achou relevante para formação cidadã.

“Uma Torre muito grande e bonita não tem banheiro pra o guardinha.” (Estudante de 09 anos).

“Acho que a Torre Digital podia ser de ferro mesmo pra não precisar de guarda pra cuidar dela.” (Estudante de 10 anos).

“Com tanto espaço em volta da Torre para construir um banheiro para quem vai conhecer e também para o segurança.” (estudante de 09 anos).

Centro de Tradições Populares

Dona Graça, responsável pelo espaço, muito gentilmente, acompanhou o grupo. No espaço de exposição, os estudantes entraram e exploraram as informações sobre o seu Teodoro e O Bumba meu Boi.

No espaço de exposição, os estudantes ouviram A Lenda de Catirina e seu Francisco, também conhecida como a Lenda do Boi.

Em seguida, Dona Graça apresentou a sala de exposição do Boi. E conversou com os estudantes sobre a importância da manifestação cultural que o Boi representa. Mostrou as indumentárias dos brincantes e explicou um pouco sobre os ritmos.



Figura 8: Dona Graça explicando sobre as vestimentas do boi bumba (2016)

O Boi do seu Teodoro compreende-se pela base religiosa ligada ao catolicismo (PERES, 2007). Suas raízes africanas se manifestam nas brincadeiras do Boi, como o Tambor de Crioula, e a ressurreição do boi por uma magia Xamã. A comunidade escolar aponta as festas do Bumba-meu-boi como manifestação contra Deus.

“Eu não vou entrar aí nessa sala.” (estudante de 09 anos).

A estudante se negou a ver os objetos dos brincantes em exposição, pois em sua concepção “a sala era um espaço religioso, e sua crença não admite esse encontro”.

Isso não impediu que outros educandos experimentassem os adereços dos brincantes e tirassem muitas fotos.

Parque Jequitibás

No parque, iniciaram as atividades com um grande piquenique coletivo, para celebrar o cuidado com a natureza.

“Vamos comemorar as lindas árvores que nos dá sombra nesse parque.”
(Estudante de 10 anos).

Um brinde com direito a fotos e muitos estudantes. O clima de alegria e descontração da turma permaneceu durante todo encontro. Na trilha, identificaram o Jequitibá, árvore homenageada com o nome do parque. Encontraram uma boca de lobo de águas fluviais.

“Essa parte do parque fica suja quando chove.” (Estudante de 11 anos).

“A sujeira vem da rua suja da cidade e desce com a água da enxurrada e todo lixo fica aqui no parque.” (Estudante de 09 anos).

“Matando os animais e as plantas” (Estudante de 09 anos).

“Por isso, na minha casa, que é lá em cima, a gente ver o caminhão de lixo e leva o lixo.” (estudante de 09 anos).

De modo geral, os estudantes apresentaram cuidados com a natureza em seus relatos individuais em relação a visita ao parque.



Figura 9: Parque Jequitibás

A chegada, hora da recreação, os estudantes aproveitaram a pista de skate e o parquinho.

Quadro 13: Ação Pedagógica VII

Atividade	Entrevista semiestruturada com 3 perguntas e o espaço desenho.
Objetivo da atividade na pesquisa	Compreender a importância de conhecer a própria cidade.
Conteúdo do Currículo	“Planejamento de Brasília: construção e crescimento demográfico” (SEEDF, 2014b p. 111).
Objetivo do Currículo do 4º ano	“Analisar os aspectos da ocupação, as condições de moradia e o índice de qualidade de vida de cada região” (SEEDF, 2014 p. 111)
Participantes	Pesquisadora, professoras e estudantes.
Data e tempo da ação pedagógica	Escola da Asa Norte – Brasília 25/10/2016 – 5 horas; Escola de Sobradinho 27/10/2016 – 5 horas

Fonte: elaborada pela autora (2016)

Essa etapa da ação pedagógica foi realizada em tom de despedida da pesquisadora do campo com as turmas, mesmo com a promessa de um novo encontro para uma apresentação especial para cada turma participante, sobre a pesquisa da dissertação. Os estudantes apontaram que não seriam o mesmo grupo em 2017, e estarão com outras professoras no 5º ano do ensino fundamental.

Logo, após essa conversa, voltaram ao foco da atividade e responderam à entrevista semiestruturada, em seguida, socializaram com os participantes dos grupos dialógicos.

Asa Norte

Quadro 54: Interação com o roteiro escola Asa Norte

SQS superquadra 308	
	Nº de estudante
Conhecia o roteiro	10
Não conhecia o roteiro	21

Fonte: elaborada pela autora (2016)

Dos 31 (trinta e um) estudantes que participaram do passeio escolar turístico, 21 (vinte e um) não conheciam a superquadra 308 Sul.

E socializaram informações que adquiriram no passeio escolar turístico após a vivência realizada.

Analisando as considerações sobre as categorias estudadas nessa pesquisa, ponderamos que a análise da *práxis* do currículo para construção do conhecimento, a formação para cidadania e o passeio escolar turístico são prática pedagógica no contexto do turismo cidadão.

No que se refere ao currículo de Ciências Humanas, o componente curricular de história e geografia do 4º ano é registrado no Currículo em Movimento (2014) que tem como objetivo:

(...) o trabalho com a área de Ciências Humanas compreende sociedade, tempo e espaço, trabalho, diversidades socioculturais e religiosas, (gênero, sexualidade, religiosidade, geracionais e étnico-raciais), democracia, nação, paisagem, espaço geográfico e território, que permitem desenvolver o pensamento histórico e geográfico, ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental (SEEDF, 2014b, p. 100).

Pondera-se aqui que, após o passeio escolar turístico, os estudantes relataram suas experiências o que possibilita a aquisição de conhecimento sobre a cidade em que mora.

“Tinha superquadra residencial, 3 escolas, praça do cogumelo e do Parkour.”
(Estudante de 09 anos).

“Parte residencial é legal” (estudante de 08 anos).

“Na 308 Sul eu conheci tudo e eu descobri que os prédios são um de costa o outro para ter privacidade.” (Estudante de 11 anos).

A reflexão sobre os relatos indica que os estudantes alcançaram parte do objetivo de um dos conteúdos de história previsto no currículo em movimento: “Reconhecer e analisar a construção de Brasília e os desdobramentos sociais e econômicos para o Brasil” (SEEDF, 2014, p. 106-107).

Outra categoria a ser analisada é a formação para cidadania, os estudantes registraram 12 (doze) vezes a existência das escolas na superquadra 308 Sul. [na ficha de registros do passeio escolar turístico (anexo IX)]. Portanto expressa a importância da educação para os estudantes.

Um sujeito que considera que a educação possibilita o desenvolvimento de justiça social e da democracia valoriza o saber e a escola.

Não tinha dúvida então e não tenho hoje de que um tal saber é tão indispensável ao exercício da cidadania quanto o domínio do torno o é para a profissão de torneiro, o das técnicas cirúrgicas para o cirurgião, o do balanço harmonioso dos temperos para a cozinheira (FREIRE, 2000, p. 44).

O autor afirma que o conhecimento técnico ou acadêmico sendo construído dentro de perspectiva dialógica é fundamental para a prática da cidadania (FREIRE, 2000).

Outra categoria estudada foi a do turismo que possibilita o sujeito sair da sua rotina, na sua própria cidade, e vivenciar experiências simbólicas que mobilizem sentimentos e comportamentos que valorizarem a qualidade de vida de cada sujeito (GASTAL e MOESCH, 2007).

Quando a significativa maioria de estudantes do 4º ano escreveu que não conhecia a Igrejinha e seu painel exterior feito por Athos Bulcão e o paisagismo de Burle Marx, que são expressões artísticas, parecem estar distantes do dia a dia da população, e o passeio escolar turístico proporciona uma integração entre o cotidiano e a magia da arte.

“Na 308 a gente aprendeu sobre a Igrejinha, a Escola Classe 308, a Escola Parque e a Educação Infantil” (Estudante de 09 anos).

“Obra vulcânico de Athos Bulcão.” (Estudante de 08 anos).

“A igrejinha, a Escola, e a Quadra.” (Estudante de 09 anos).

“Eu aprendi sobre a Igrejinha, a Praça do Cogumelo.” (Estudante de 09 anos).

Com o material exposto pelos estudantes e estudado pela pesquisadora, pode-se identificar que a Igrejinha foi uma nova experiência vivida de sua cidade, aparecendo nas informações colhidas, 09 (nove) vezes; a Praça do Cogumelo, 7 (sete) vezes e; a obra de Athos Bulcão, 05 (cinco) vezes.

Vale destacar que os estudantes apontam elementos trabalhados nos debates dialógicos, durante o passeio escolar turístico.

“Que a obra 308 Sul foi financiada pelo Banco do Brasil.” (Estudante de 09 anos).

“Eu não sabia que a 308 sul, a SQ, era superquadra, que tinha 03 (três) escolas, um Parkour, a Igrejinha.” (Estudante de 09 anos).

Abordar essas informações, que literalmente os estudantes relatam, e que não faziam parte de seu repertório de aprendizagem, por meios das expressões como “eu descobri” e “não sabia”, justifica o desenvolvimento dessa prática pedagógica de vivenciar experiências fora dos muros da escola e dentro da própria cidade em que vive.

Analisar os aspectos da ocupação, as condições de moradia e o índice de qualidade de vida de cada região.

Parque Olhos D'Água

Quadro 15: Interação com o roteiro Escola Asa Norte

Parque Olhos D'Água	
	Nº de estudante
Conhecia o roteiro	20
Não conhecia o roteiro	11

Fonte: elaborada pela autora (2016)

O atrativo é um espaço que os estudantes vivenciam em seu cotidiano, assim constata-se que a familiaridade com o parque causou certa euforia. As informações sobre a história do parque, sinaliza como a população de uma superquadra, como a 415 Norte, pode influenciar na mudança no Plano de Diretor do Distrito Federal.

A história do Parque Olhos D'água evidencia a ação da comunidade de sujeitos ativos, ou seja, cidadãos que se uniram por uma causa socioambiental. E quando o debate gira em torno de momentos importantes ocorridos no parque, os estudantes exteriorizam assim:

“A história do parque Olhos D'água” (Estudante de 10 anos).

“Foi a comunidade que construiu o parque.” (Estudante de 09 anos).

“Foi uma construção comunitária.” (Estudante de 09 anos).

“No Parque Olhos D'Água a gente aprendeu a história do Parque Olhos D'Água” (Estudante de 09 anos).

“Eu aprendi a história do Parque Olhos D'Água.” (Estudante de 09 anos).

As exposições indicam que os estudantes interessam pela história de resistência que foi a construção do Parque.

“Eu já conhecia faz tempo, desde que eu tinha 06 anos, já passaram 03 anos, eu tenho 09 anos. Eu moro na 415, desde de 06 anos.” (Estudante).

A estudante indica que a história do Parque também é a sua história como moradora e frequentadora do parque, fundamentando o exposto teórico que a história da localidade está ligada à história do sujeito, mesmo que o sujeito seja novo, até porque Brasília também é jovem.

A visita ao parque também criou possibilidade de construir conhecimento no que diz respeito aos objetivos do currículo, componente de geografia do 4º ano.

Avaliar papel da sociedade na transformação do espaço geográfico, percebendo manifestações cotidianas naturais e produzidas pelo homem, na modificação das paisagens (SEEDF, 2014b, p. 111-112).

A formação integral do sujeito passa pela possibilidade de ampliar o olhar para as diferentes alterações que acontecem diariamente à sua volta, e o estudante no processo de ensino e aprendizagem pode refletir sobre as mudanças que são realizadas no parque, na quadra, no clima e perceber o que está provocando essas transformações.

Ao experienciar a trilha, os estudantes mencionaram a importância do silêncio na mata. Em debate, levantaram a questão que o parque está em uma área urbana com muito ruído. O excesso de som são manifestações provocadas pelos seres humanos, necessitando, assim, que os visitantes respeitem o silêncio para os animais.

Desse modo, o estudante manifesta como sua o que a experiência da atividade pedagógica teve de exclusiva.

“Fazer silêncio e novos Animais.” (estudante de 09 anos).

Sobradinho

Torre de TV Digital

Quadro 16: Interação de roteiro escola Sobradinho

Torre Digital 1	
	Nº de estudante
Conhecia o roteiro	12
Não conhecia o roteiro	03

Fonte: elaborada pela autora (2016)

A Torre Digital surgiu como necessidade para distribuir o sinal de TV digital e como monumento de arte moderna, um atrativo turístico de Brasília, para o sujeito que mora no Distrito Federal e o visitante de fora que frequenta a nova e última obra de Niemeyer, construída na Capital. A comunidade de Sobradinho, cidade mais próxima dessa arte monumental, tem se motivado para conhecer a Torre de TV Digital.

Dos 15 (quinze) estudantes que participaram do passeio escolar turístico, 12 (doze) responderam que conheciam o espaço, e somente 03 (três) não o conheciam. (Quadro 14).

Analisando estes dados, fica evidente que, mesmo para quem conhecia a Torre antes do passeio escolar turístico, houve a oportunidade de obter novas informações sobre o lugar.

A Torre de TV Digital se tornou uma interessante localidade, onde pode se realizar o Turismo Cidadão e um estímulo para a visita de boa parte dos estudantes.

Após o passeio escolar turístico, o debate causou opiniões em torno das novas experiências adquiridas conforme os relatos dos estudantes.

“Eu aprendi que a Torre Digital, obra de Oscar Niemeyer, não tem banheiro.” (Estudante de 09 anos).

“Na Torre eu aprendi as artes e as culturas.” (Estudantes de 09 anos).

“Sobre a obra de Niemeyer.” (Estudantes de 09 anos).

“Obra de Oscar Niemeyer, a Torre.” (Estudante de 11 anos).

“É uma obra de Oscar Niemeyer.” (Estudante de 14 anos).

“Não sabia o tamanho da Torre Digital.” (Estudante de 11 anos).

Observando as informações dos estudantes, é importante destacar que ir à Torre de TV Digital, mais vezes, é uma motivação para novas experiências, o estar presente na localidade se faz necessário também para relacionar a história do sujeito com a história da obra.

Percebeu-se que a ênfase dada às essas novas experiências promoveu outras discussões no que diz respeito a história da construção da Torre de TV Digital.

Este aspecto é observado no Currículo em Movimento.

As situações de aprender e ensinar no contexto das Ciências Humanas estabelecem relações entre o passado e o presente que permitam a compreensão da realidade, tanto na dimensão histórica quanto na dimensão geográfica (SEEDF, 2014, p. 101-102).

A visita guiada e dirigida com os objetivos da pesquisa realiza a interação com a história do sujeito e a história da cidade. A construção da Torre de TV Digital é considerada como uma obra recente de Brasília e sua localização é próxima à cidade de Sobradinho.

Outro ponto evidenciado pelos estudantes foi a questão do uso do banheiro nas dependências do prédio da Torre Digital.

No debate, não concordaram que um trabalhador utilize o banheiro químico instalado na parte externa, no estacionamento da Torre Digital, durante o período do expediente de seu trabalho, essa situação aparece da mesma forma nos registros escritos.

“Na Torre Digital eu aprendi que o homem que construiu Oscar Niemeyer, eu também vi que na Torre Digital se quiser não tem banheiro.” (Estudante de 09 anos).

“Eu aprendi muitas coisas, uma que não sabia que não tinha banheiro e foi feita por Oscar Niemeyer. Também tem o Boi e a o Parque Jequitibás.” (Estudante de 10 anos).

“Não tem banheiro” (Estudante de 09 anos).

Percebeu-se que os estudantes, ao exporem suas reflexões sobre as injustiças sociais que acontecem com os trabalhadores, constroem uma formação para cidadania.

Isto nos leva a observar que o debate sobre problemas sociais, em grupos, na ótica de uma proposta dialógica, faz com que se aprimorem os conhecimentos adquiridos por todos os sujeitos, tanto para aquele que fala como para aquele que escuta.

Em tal reflexão, aponta-se para aspectos da teoria da formação do sujeito pela prática dialógica, a interação entre sujeitos e o mundo – sujeito estudante conversa com outro sujeito estudante sobre a Torre de TV Digital e seus problemas reais, neste caso, a proibição do uso do banheiro no espaço do prédio. Na verdade, o diálogo sobre o mundo entre os sujeitos estudantes reflete sobre as injustiças sociais e individuais.

Centros de Tradições Populares – Boi do seu Teodoro

Quadro 17: Interação com o roteiro escola Sobradinho

Centro de Tradições Populares Boi do seu Teodoro	
	Nº de estudante
Conhecia o roteiro	04
Não conhecia o roteiro	11

Fonte: elaborada pela autora (2016)

A experiência de conhecer o Centro de Tradições provocou um livre debate sobre a vida e a obra de seu Teodoro, como nos seguintes relatos:

“Eu aprendi que tem o Boi em Sobradinho.” (Estudante de 09 anos).

“Ele era especial.” (Estudante de 09 anos).

“Seu Teodora era do Flamengo.” (Estudante de 10 anos).

“Eu não conhecia o seu Teodoro.” (Estudante de 09 anos).

“Eu sabia que existia o Boi, mas não sabia que seu Teodoro trouxe do Maranhão.” (Estudantes de 11 anos).

“Eu aprendi que seu Teodoro era Flamenguista.” (Estudante de 14 anos).

As informações do cotidiano de seu Teodoro representam a cultura maranhense, a identidade indígena e afro-brasileira, a valorização e a diversidade cultural que o currículo da SEEDF do 4º ano sugere na prática pedagógica.

Segundo os PCN (2001), o sentimento de pertencimento ao território nacional envolve a valorização da diversidade cultural e o reconhecimento de suas especificidades, numa relação estreita com a paisagem (2014 p. 101).

A valorização da cultura popular na escola pode romper com um círculo de controle existente na educação (MOREIRA e SILVA, 1994).

A visitação ao Boi do seu Teodoro em Sobradinho exibiu aos estudantes o significado de atividades cotidianas, religiosas e imaginárias. E pode ser identificado nos registros transcritos:

“O Boi representa a lenda.” (Estudante de 09 anos).

“Porque o Boi é forte.” (Estudante de 09 anos).

“O Boi do seu Teodoro: eu aprendi que a mulher queria comer a língua do boi. E o boi era sagrado.” (Estudante de 09 anos).

Dessa interação com a lenda do boi surgiram reflexões como “minha mãe fala que sou forte como um touro, e que dizer que sou tão forte que tenho uma vida reserva como o Boi da lenda de Catirina.” (Estudante de 10 anos).

O estudante reconhecendo suas raízes nordestinas, e celebrando ser um boi sagrado.

A lenda revela a cultura nordestina – Catirina, uma mulher grávida com desejo de comer a língua do boi do patrão, e seu Francisco que tinha medo do filho nascer com cara de língua, ela sabia quem poderia realizar os seus sonhos, pois, o pajé tem a magia para ressurreição do Boi.

Por essa razão, um bom ponto de partida seria considerar a cultura popular como um terreno de imagens, formas de conhecimentos e investimentos afetivos que define as bases para dar oportunidade de “voz” de cada um dentro das experiências pedagógicas. (MOREIRA e SILVA, 1994 p. 105).

Diante dessa afirmação, a visita proporcionada pelo passeio escolar turístico possibilitou o encontro dos elementos culturais de identidade dos estudantes com o símbolo da identidade cultural de Sobradinho, O Boi do seu Teodoro.

A fim de compreender como os elementos estão relacionados com o Turismo, considerado como um fenômeno social recheado de imaginário (MOESCH, 2002), se dá pela associação dos elementos culturais representados nos festejos do boi: a vida, a festa do nascimento; o folguedo, cerimônia de passagem entre a vida e a morte do Boi, comemoração da ressurreição.

Os visitantes, moradores da cidade ou não, se alegram com as diferentes toadas, com os brilhantes e adereços bordados nos bois e com os ritmos e danças do Boi. Experiência única e recomendada.

Parque Ecológico Jequitibás

Quadro 68: Interação com o roteiro escola Sobradinho

Parque Ecológico Jequitibás	
	Nº de estudante
Conhecia o roteiro	11
Não conhecia o roteiro	04

Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

Pelos dados coletados na tabela, observa-se que a maioria dos estudantes conhecia o local da visitação, o Parque Jequitibás. O passeio atinge um objetivo importante no que se refere   cidadania ampliada. O estudante necessita de observar a realidade ao seu redor e internalizar atitudes ativas e responsáveis com o mundo em que vive.

Diante dessas considera es, os estudantes realizaram a trilha do parque atentos   beleza da natureza e principalmente examinando como o ser humano pode melhorar sua qualidade de vida ao proteger a natureza.

Em consequência dessa vivência, realizou-se uma sessão dialógica entre os estudantes, a professora e a pesquisadora, em que muitos elementos de preserva o e cuidado com o meio ambiente foram explorados. Percebeu-se nos relatos os seguintes registros:

“No Parque Jequitibás não pode matar os animais.” (Estudante de 13 anos).

“Cuidar da natureza.” (Estudante de 09 anos).

“Cuidar bem da natureza.” (Estudante 09 anos).

No currículo (SEEDF, 2014, p. 125), o conteúdo de “ecologia: preserva o do ambiente.”

A prática pedagógica deve desenvolver o sujeito em caráter social, isto  , intera o sujeito, natureza e outro sujeito, visando fomentar a atividade humana associada a uma  tica ambiental (MEC, 2014).

O turismo cidadão acontece em locais que podem apresentar a história, ou em espaços que promovam a reunião da população, assim “é necessário promover pesquisas de campo em locais ricos de informações, tais como: museus, parques, entre outros” (SEEDF, 2014 p. 101-102), para contribuir na formação para cidadania do sujeito estudante.

Conclui-se, neste capítulo, que a prática pedagógica do passeio escolar turístico possibilita a formação cidadã dos estudantes, mediante ações pedagógicas inseridas no currículo das turmas de 4º ano fundamental que levam os educandos a debaterem sobre determinados temas, onde relacionam a sua realidade de experiência com a do outro e o mundo que os cerca. Os mecanismos utilizados para dar andamento à pesquisa e a coleta de dados foram imprescindíveis para se alcançar o objetivo previsto na pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho de pesquisa, discutimos o conceito de cidadania a fim de relacioná-lo à prática pedagógica. No decorrer dessa procura, surgiram desdobramentos relativos ao turismo e à cidadania, ou seja, o entendendo o turismo cidadão enquanto aquisição de conhecimentos do sujeito sobre a sua própria cidade e a formação do sujeito como um ser ativo no que tange à sua qualidade de vida.

Para realizar o projeto desta pesquisa, apresentado no Programa de Pós-graduação em Turismo do CET/UnB, construímos uma proposta de passeio escolar turístico, enquanto prática pedagógica, em turmas de 4º ano do ensino fundamental, que possibilitasse a produção de conhecimento no que se refere à história da localidade onde residem os estudantes.

Com relação ao resultado desta pesquisa, ressaltamos que o conhecimento sobre turismo que os estudantes descreveram e relataram no decorrer das ações pedagógicas propostas está incorporado em uma sociedade baseada na lógica de mercado, em que a família e a escola promovem passeios aos locais de comércio, os espaços, exclusivamente, de compras e diversões que tornam-se atrativos turísticos ressignificando a história da cidade.

Dessa forma e sob tal complexidade de entendimento, as escolas e as famílias, como partes da sociedade capitalista, defendem, até mesmo de forma

inconsciente, os interesses políticos e econômicos, que legitimam a dominação hegemônica do capital.

Essa situação pôde ser observada, ao longo da pesquisa, quando percebemos que a prática da experiência turística argumentada por parte dos estudantes era a do dia de comprar no shopping ou de jantar fora de casa na pizzaria.

A partir da análise deste estudo, constatamos que a prática pedagógica do passeio escolar turístico revelou contradição, visto que: a experiência turística evidencia a lógica de mercado e o passeio escolar turístico se revelou como uma estratégia pedagógica possível no ensino-aprendizagem da cidade em que se habita.

Outro aspecto identificado na pesquisa, foi a falta de conhecimento, por parte dos estudantes, de locais públicos de grande evidência cultural, dos espaços de preservação ambiental que as cidades conservam, o que leva a observar que se esses lugares fossem melhor aproveitados seriam um incentivo para a formação da cidadania.

Diante disso, a formação para cidadania proposta pela dialogia passa por uma educação problematizadora. A prática do passeio escolar turístico possibilita ao estudante, o sujeito morador, a oportunidade de conhecer e refletir sobre os problemas reais da sua cidade. Os relatos durante os diálogos das ações pedagógicas, sobre a realidade do congestionamento de trânsito do Distrito Federal, levam os estudantes a apontarem soluções responsáveis, tais como: ciclovias e melhor transporte público e diminuição de carro nas estradas. São observações que possibilitam a formação de atitudes de transformação da realidade, conquistadas pela *práxis*, as quais implicam a reflexão e a ação do sujeito sobre o mundo para transformá-lo.

Dentro dessa perspectiva, o comportamento de mudança indica a formação para cidadania, por meio da relação dialógica, como elemento fundamental para a prática pedagógica.

Considerando os pressupostos indicados para a formação do sujeito que consegue exercer de forma ampliada os direitos inerentes à cidadania, compreende-se que o sujeito ativo e participativo valoriza as especificidades do território que

ocupa, contribui para o ingresso em lugares que os cidadãos tenham igualdade de acesso aos bens e serviços, os quais são essenciais para viverem dignamente.

A cidadania plena pode ser um ponto de relação de constante mobilização dos sujeitos sociais para conquistar do acesso à saúde, educação, moradia, lazer e cultura para uma vida com qualidade para todos.

A partir dos discursos apresentados, evidencia-se que, após a prática pedagógica do passeio escolar turístico, parte dos estudantes expressou que novas experiências podem possibilitar uma aproximação ou reaproximação do sujeito com a história da sua cidade e também da sua própria história como morador.

Há que se considerar, em relação ao currículo escolar, que os conteúdos da educação básica nos anos iniciais são propostos nos eixos transversais em diferentes componentes curriculares e objetivam a valorização a formação para cidadania. No que se refere aos componentes de Geografia e História do 4ª ano, o processo de teoria e prática consistem na busca de parâmetros concretos que possibilitam mudanças didáticas, ou seja, dão significados reais às informações adquiridas.

Ao compreender como os elementos podem estar relacionados com a perspectiva da prática pedagógica do passeio escolar turístico, verifica-se a interação das referências concretas com os objetivos teóricos do currículo, por meio da história de cada trabalhador que construiu a cidade (prática), e o conhecimento dos construtores de Brasília (teórico), bem como a visitação dessas obras como atrativo turístico, o que proporciona a formação para cidadania.

O presente trabalho teve como intenção refletir sobre a prática pedagógica e o pensamento educacional apoiado na perspectiva dialógica, entendendo-a como uma forma de constituição do modo de pensar e fazer, através de uma abordagem interdisciplinar entre a Educação e o Turismo.

Uma das limitações deste estudo foi o de ter sido realizado em curto espaço de tempo. Portanto, verificamos que a prática pedagógica do passeio escolar turístico evidenciou um importante processo dialógico na formação para cidadania.

O acesso à educação e a construção do conhecimento são fundamentais para a luta incessante para recuperação do sujeito e sua humanização. Os direitos conquistado pelo sujeito favorece a transformação e resultará na luta contra a

opressão e o engajamento pela liberdade. O comprometimento faz do sujeito um participante da construção da cidadania.

Para tanto, o sistema educacional deve abrir portas a qualificação profissional dos professores.

Espera-se que os aspectos aqui discutidos provoquem estímulos e pistas para investigações futuras nas áreas da educação para cidadania, turismo e cidadania, currículo e na perspectiva da prática pedagógica dialógica.

Por fim, sugere-se que as reflexões aqui apresentadas desempenhem ação do sujeito cidadão humanista sobre o mundo, a realidade e sobre a cidade, com intuito de transformá-los.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução da 1ª edição por Alfredo Bossi. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARAUJO, Neuza de Farias. *Contribuições Econômicas das Mulheres para a Família e a Sociedade: ensaio sobre gênero e economia numa perspectiva comparativa*. Brasília: Otimismo, 2010.

BACHELARD, Gaston. *O Novo Espírito Científico*. Rio de Janeiro: GB, 1968.

BARBOSA, Marcia Fagundes. Nação, um Discurso Simbólico da Modernidade. In: *Revista Crítico Cultural*, v. 6, nº 1, Santa Catarina: 2011.

BARRETO, Margarida. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas: Papyrus, 2003.

BOUDON, Raymond e BOURRICAUD, François. *Dicionário Crítico da Sociologia*. São Paulo: Ártica, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília/DF: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2012.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Segmentação do turismo e o mercado*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASÍLIA. *Bumba Meu Boi de Seu Teodoro: Inventários Nacionais de Referências Culturais*. Brasília: Renovacio Criação, 2014.

BOURDIEU, Pierre, and Jean-Claude Passeron. Os herdeiros: o ensino superior e as desigualdades sociais. Tradução Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. – Florianópolis: Editoria UFSC, 2014.

BRUYNE, Paul de. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BUFFA, Ester e Arroyo, Miguel. *Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?* São Paulo: Cortez, 2010.

BUTLER, Judith. El género em llamas: cuestiones de apropiación y subversión. In: *Cuerpos que se importan*. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2012.

BUTLER, Judith. Acerca del término 'queer'. In: *Cuerpos que se importan*. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2012.

CARVALHO, José Murilo. Cidadania: Tipos e Percursos. In: *Revista Estudos Históricos*, n. 18, FGV, 1996. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2029>. Acesso em: 23/02/2016.

DEMO, Pedro. *Cidadania Tutelada e Cidadania Assistida*. Campinas: Autores Associados, 1995.

DEMO, Pedro. *Pesquisa participante: mito ou realidade*. Brasília-DF: INEP-UNB, 1982.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Terra e Paz, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2015.

GADOTTI, Moacir. *Escola Cidadã*. São Paulo: Cortez, 2010.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Libre Livros Editora, 2012 (Série Pesquisa; 10).

GASTAL, Susana e Moesch, Marutschka. *Turismo, Políticas Públicas e Cidadania*. São Paulo: Aleph, 2007.

- GASTAL, Susana. *Turismo, Imagem, imaginários*. Sao Paulo: Editora: Aleph, 2005.
- GROSZ, Elisabeth. *Corpos Reconfigurados*. In: *Cadernos Pagu*, n. 14, 2000. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340/3139>
- LOCKE, John. *Segundo Tratado sobre o Governo Cívil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- ÍNDICE. *Le guide des chemins de France*. Paris: França, 1552.
- JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MARX, Karl. *Teses sobre Feurbach*. In: MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1996a
- _____. *O capital: crítica da economia política*. VI. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996b.
- _____. *A ideologia alemã*. Trad. De Alvaro Pina. São Paulo: Editora Expressão popular, 2009.
- _____. *Contribuição a crítica política*. Trad. Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Expressão Poupular, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOESCH, Marutschka Martini. *Construção Metodológica Dialética: por uma epistemologia no Turismo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- MOESCH, Marutschka Martini. *A epistemologia social do turismo*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MOESCH, Marutschka Martini. *A Produção do Saber Turístico*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MOREIRA, Antonio Flávio e SILVA, Tomas Tadeu da Silva. *Curriculo, cultura e sociedade*. São Paulo, Editora Cortes, 1994.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petropolis: Vozes, 2007.

PAVIANI, Jaime. *Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico*. Caxias do Sul: Editora Educs, 2009.

PERES, Eraldo. *O Encantador: Seu Teodoro do Boi*. Distrito Federal: Senac, 2007.

PIAGET, Jean. *Aprendizagem e conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1975.

SAFFIOTE, Heleieth I. B. *Gênero Patriarcado e Violência*. São Paulo: Brasil Urgente, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2001.

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Editora Universidade, 2007.

SANTOS, Boaventura dos Sousa. *Discurso sobre a Ciência*. São Paulo, Editora Cortes, 2010.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. *Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos*. Brasília, 2014a. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/materiais-pedagogicos/curriculoemmovimento.html>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

_____. *Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Fundamental – Anos Iniciais*. Brasília, 2014b. Disponível em: <<http://issuu.com/sedf/docs/3-ensino-fundamental-nos-iniciais>>. Acesso em: 29 jan. 2015. .

_____. *Diretrizes Pedagógicas para a organização escolar do 2º Ciclo*. Brasília, 2014c. Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/public/diretrizes_2.pdf. Acesso em: 10 abr. 2015.

_____. *Projeto Político pedagógico: Professor Carlos Mota*. Brasília, 2012.

SILVA, Carmem Silva Bissollida e MACHADO, Lurdes Marcelino. *Nova LDB: Trajetória para a cidadania?* São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

SILVA E. L. da e MENEZES E. M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis, Laboratório de Ensino a Distância da UFSC 2001.

THIOLLENTI, Michael. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Editora cortês, 2011

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Ensaio sobre a pobreza*: traduzido e comentado. Rio de Janeiro: Edirtora Universidade, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, Lev S. *Formação Social da Mente: Desenvolvimento do Processos Psicológico Superiores*. Martins Fontes: São Paulo, 1998.

_____. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Editora Ática, 2000.

ANEXOS

Anexo I



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação - EAPE

Memorando N° 380 /2016 – EAPE

Brasília, 19 de setembro de 2016.

PARA: CRE Sobradinho

ASSUNTO: Autorização para realização de pesquisa

Senhor Coordenador,

Autorizamos, pesquisadora TATIANA MODESTO PIMENTEL, do Centro de Excelência em Turismo – CET- UNB – da Universidade de Brasília, a realizar pesquisa de campo nessa regional.

A pesquisa intitulada “ Passeio Escolar Turístico: na perspectiva da formação cidadã ”, tem como objetivo, ampliar o olhar sobre o fenômeno : práticas pedagógicas do passeio escolar no currículo escolar.

Dentre as ações de pesquisas estão incluídas, grupos focais, a pesquisa participativa e entrevista semi aberta.

A autorização final da coleta dos dados dependerá do aceite do (a) gestor (a) da unidade ou setor objeto da pesquisa. O acesso aos documentos da escola e aos alunos se dará por autorização expressa dos Gestores da Unidade de Ensino.

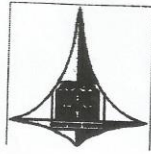
Atenciosamente,


Marília Lima Cabral

Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação – EAPE
Gerente da GEPAD

Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação - EAPE
SGAS 907, Conjunto - A, CEP- 70.390-070
Telefone: 3901-2378

Anexo II



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
 Secretaria de Estado de Educação
 Coordenação Regional de Ensino de Sobradinho
 Unidade regional de Educação Básica de Sobradinho

CARTA DE ENCAMINHAMENTO DE ESTUDANTE
Atividades Pedagógicas e de Pesquisa de Cursos de Licenciaturas

A Direção da Escola: TATIANA MADESTO PIMENTEL

Encaminhamos o(s) estudante(s) abaixo relacionado(s), da Instituição de Ensino Superior UNB

do curso de MESTRADO EM TURISMO, para realizar atividades pedagógicas da disciplina / do projeto PASSEIO ESCOLAR NA RESPECTIVA CIDADANIA nessa escola.

A atividade deverá ser realizada no 2º semestre do ano de 2016.

Solicitamos que a direção confira a identificação do(s) estudante(s) com um documento pessoal de identificação.

Nome do Estudante	Identificação
TATIANA MADESTO PIMENTEL	39366-5

Descrição das Atividades	Carga Horária
Encontros Focais com os Alunos do 4º ANO, passeio escolar (dois) nos pontos turísticos de Sobradinho.	
NÃO.	
TOTAL:	

* Atividades de disciplinas específicas da graduação, EXCETO ESTAGIO SUPERVISIONADO. A carga horária total das atividades não poderá ser superior a 20 horas. Em caso de projetos maiores como PIBID e TCC, deverá estar anexado o projeto ou plano de atividades detalhado quanto aos objetivos e ao que será desenvolvido na escola.

Este documento NÃO autoriza registros audiovisuais ou fotográficos de pessoas (alunos, pais, professores e demais funcionários da escola) e também NÃO autoriza a fazer qualquer menção dos nomes ou referência que identifique esses representantes/membros da comunidade escolar.

É permitido ao(s) estudante(s), sob consentimento e anuência da Direção Escolar, fazer observações, registros fotográficos de espaços, recursos e materiais da rotina pedagógica da escola, bem como realizar entrevistas com registros escritos de rodas de conversas, oficinas, entre outras atividades especificadas neste documento, com a comunidade escolar, desde que preserve suas respectivas identidades pessoais e não comprometa os processos escolares.

Atenciosamente,

Brasília, 26 de setembro de 2016.

Ilza Ana do N. Amâncio
 Mat. 43055-X
 Coord. Estágio
 GREB / Sobradinho

Gerência Regional de Educação Básica - CRE Sobradinho
 Qd. 17 Área Especial 04- CEP: 73046600 - Sobradinho - DF
 Fones: (61) 3901-4094
 Email: grebsob@gmail.com

APÊNDICES
Apêndice I



Planejamento
Atividade de Campo Norte

Atividades	Recursos Pedagógicos	Participantes	Objetivo	Data de Realização e Tempo de Duração
Apresentação da pesquisadora e estudantes do 4º ano e explicação do trabalho ser realizado.	Sala de aula com cadeiras e mesas	Estudantes do 4º ano turma B e C. Pesquisadora e professor da turma	Aproximar os participantes da pesquisa a ser feita	Data 19/08/2016 20 minutos
Atividade de casa para registrar dados pessoais dos estudantes e sua família.	Sala de aula com cadeiras e mesas Atividade com os dados pessoais; impresso em folha A4.	Estudantes e pesquisadora e professor da turma	Analisar quem são os participantes da pesquisa.	Data 19/08/2016 20 minutos
Encontro com os estudantes em sala de aula.	Sala de aula com cadeiras e mesas Conversa com os estudantes sobre suas experiências de turismo na sua própria cidade. Perguntas semi-aberta e registro	Pesquisadora, professor e estudantes	Obter dos estudantes a concepção espaço turístico da cidade e o que representa para o estudante.	Data 30/08/2016 120 minutos

Atividades	Recursos Pedagógicos	Participantes	Objetivo	Data de Realização e Tempo de Duração
<p>Informar a turma onde será realizado o passeio escolar turístico. E entrega da autorização para o passeio escolar turístico.</p>	<p>Sala de aula com cadeiras e mesas</p> <p>Autorização para o passeio escolar turístico.</p> <p>Impresso em folha A4.</p>	<p>Pesquisadora, estudante do 4º ano, e professor da turma</p>	<p>Realizar os combinados do passeio escolar turístico;</p> <p>Entregar a autorização para a realização do passeio escolar turístico.</p> <p>Impresso em folha A4.</p>	<p>Data</p> <p>20/10/2016</p> <p>20 minutos</p>
<p>Realizar o passeio escolar turísticos</p>	<p>Ônibus,</p> <p>Autorizações,</p> <p>Máquina fotográfica,</p>	<p>Pesquisadora, estudante do 4º ano, e professor da turma</p>	<p>Analisar a interação dos estudantes com a cidade e a história dos espaços de cultura e lazer.</p>	<p>Data</p> <p>22/10/2016</p> <p>5 horas</p>

Atividades	Recursos Pedagógicos	Participantes	Objetivo	Data de Realização e Tempo de Duração
Encontro com os estudante em sala de aula para o registro do que foi visto sobre os locais do passeio escolar turístico	Sala de aula com cadeiras e mesas Perguntas semi-abertas Folhas A4 para o registro das observações dos estudantes do 4º ano	Pesquisadora, estudante do 4º ano, e professor da turma	Analisar o que os espaços da cidade oferece de conhecimento sobre a história da cidade. E seu envolvimento com essa história	Data 24/10/2016 120 minutos
Encontro com estudante para informação sobre o locais visitado e a relação com a história da cidade.	Sala de aula com cadeiras e mesas Textos e fotos sobre o local visitado.	Pesquisadora, estudante do 4º ano, e professor da turma	Produzir conhecimento significativo sobre o cidade.	Data 24/10/2016 120 minutos

Atividades	Recursos Pedagógicos	Participantes	Objetivo	Data de Realização e Tempo de Duração
Realizar o passeio escolar turístico	Ônibus, Autorizações, Máquina fotográfica,	Pesquisadora, estudante do 4º ano, e professor da turma	Analisar a interação dos estudantes com a cidade e a história dos espaços de cultura e lazer.	Data 29/10/2016 5 horas
Encontro com estudante para o registro do que foi visto sobre os locais do passeio escolar turístico	Sala de aula com cadeiras e mesas Perguntas semi-abertas Folhas A4 para o registro das observações dos estudantes do 4º ano	Pesquisadora, estudante do 4º ano, e professor da turma	Analisar o que o espaços da cidade oferece de conhecimento sobre a história da cidade. E seu envolvimento com essa história	Data 31/10/2016 120 minutos
Visita para devolutiva da pesquisa	Dissertação	Pesquisadora e professor e equipe pedagógica.	Apresentar o resultado da pesquisa	Data: ? 20 minutos

Apêndice II



1 – Com base nos conteúdos apresentados pelo Currículo em Movimento da Educação Básica – ensino fundamental anos iniciais – Eixo integrador ciências humanas:

- A criação de Brasília.
 - Antigas Capitais, Missão Cruls, a história de JK, os idealizadores de Brasília (Lúcio Costa e Niemeyer).
 - Os pioneiros e construtores de Brasília.
 - A vida do sujeito no DF: hábitos, costumes, religião, organização social, modos de viver, convivência.
- a) Com base nos conteúdos indicados no componente de História relate como tem sido a sua prática pedagógica?

Além do livro didático, Os alunos tem aulas através de reportagens extraídas de jornais. Através de pesquisas em sites selecionados para pesquisar biografia e realizações dos idealizadores de Brasília.

b) E no eixo integrador ciências humanas:

- Planejamento de Brasília.
- Regiões administrativas e Entorno.
- Modo de vida nas regiões administrativas.
- Necessidade básicas e a condição do serviços prestados.

Com base no conteúdo justifique sua prática pedagógica em relação a Geografia:

Os alunos realizam trabalhos em grupo com maquetes relatórios, cartazes e outros. Através de pesquisas e elaboração de relatórios os alunos reconhecem aspectos do planejamento de Brasília. E durante as aulas que elaboram as maquetes podem trabalhar de modo diferente os aspectos de regiões administrativas e entorno.

c) Quais as práticas pedagógicas utilizada em relação à educação cidadã com os estudantes do 4º ano?

Os alunos participam de debates e estudo de textos que abordam a educação cidadã. através de reportagens abordamos situações diárias sobre direitos humanos e o respeito a eles demonstrando como ter acesso aos serviços essenciais e direitos do consumidor por exemplo.

Apêndice III



Atividade

Nome: _____

Idade: _____

Onde mora: _____

Onde nasceu: _____

Com quem você mora? _____

Onde nasceu sua mãe? _____

Onde nasceu seu pai? _____

Apêndice IV



ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 01

1 – Se alguém de sua família ou amigo que não mora em Brasília vier te visitar, onde você levaria essa pessoa?

2 – O que esse lugar tem de especial?

3 – Faça uma ilustração do lugar que você citou a cima:

Apêndice V



ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 01

1 – Se alguém de sua família ou amigo que não mora em Sobradinho vier te visitar, onde você levaria essa pessoa?

2 – O que esse lugar tem de especial?

3 – Faça uma ilustração do lugar que você citou a cima

Apêndice VI



Entrevista SEMIESTRUTURADA 02

1 – Você já conhecia o roteiro realizado no Passeio Escolar Turístico?

2 – O que o Passeio Escolar Turístico teve de exclusivo?

3 – Onde você mora tem acesso fácil à escola, espaço cultural e área de lazer?

4 – Faça uma ilustração do que você viu no roteiro: